

Sandra Cristina Nunes Branco

**O Diário gráfico como instrumento didático:
Estudo sobre a relevância do uso e utilidade do Diário
Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do
ensino – aprendizagem das artes visuais**

Orientadora: Professora Doutora Sara Bahia

Coorientadora: Professora Doutora Maria Constança Vasconcelos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2018

Sandra Cristina Nunes Branco

**O Diário gráfico como instrumento didático:
Estudo sobre a relevância do uso e utilidade do Diário
Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do
ensino – aprendizagem das artes visuais**

Relatório da Prática Supervisionada defendido em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 06/03/2018, para obtenção do grau de mestre em Ensino de Artes Visuais no 3ºC do Ensino Básico e no Ensino Secundário, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 80/2018, de 19/02/2018, com a seguinte composição:

Presidentes: Profª Doutora Maria Neves Leal Gonçalves

Arguente: Prof. Doutor José Bernardino Pereira Duarte

Orientador: Profª. Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2018

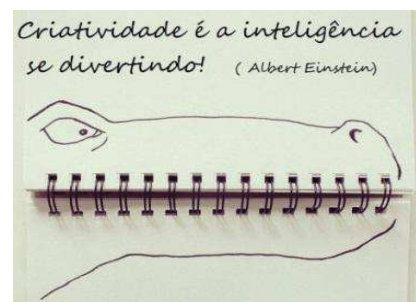
Epígrafe

“Nunca encontrei ninguém completamente incapaz de aprender a desenhar.”

John Ruskin, intelectual inglês do século XIX

“One child, one teacher, one book and one pen can change the world”.

Malala Yousafzai, 2013



Dedicatória

Dedico este estudo a todos os colegas, alunos e amigos que usam o Diário Gráfico como objeto de aprendizagem e como caderno exploratório, em particular aos Urban Sketchers de Portugal e de Barcelona. E em especial a Eduardo Salaviza, desenhador do quotidiano, pelo incentivo quanto à importância desta investigação sobre o Diário Gráfico.

Agradecimentos

A realização desta dissertação não seria possível sem a ajuda e a colaboração de algumas pessoas. Desta forma, expresso o meu agradecimento a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo.

Às Professoras Doutoradas Sara Bahia, M^a Constança Vasconcelos, M^a João Castelblanco da Silveira, pela excelente orientação, pela paixão pela Arte e o ensino das Artes Visuais que me transmitiram. Ainda pelo apoio, entusiasmo e partilha de conhecimentos.

Ao meu orientador de estágio, professor Doutor Luís Militão, pelo incentivo e acompanhamento desde o início deste estudo.

À direção da Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro (ESRBP), por todo o apoio nas atividades desenvolvidas dentro e fora da comunidade escolar.

Aos entrevistados na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, da EBI de St^o Onofre e da Escola Secundária Raul Proença.

Aos amigos dos Urban Skechers de Portugal, em particular ao Eduardo Salavisa, Mónica Cid, Ana Luísa Frazão, Luís Ançã, Manuela Ramos e aos Urban Sketchers de Barcelona, Cesar, Miguel Herraz, e ao António pela disponibilidade, colaboração e partilha de experiências.

Finalmente, aos meus pais, por tudo. Sempre incondicionalmente comigo. A minha gratidão e o meu amor serão eternos.

Título

O diário gráfico como instrumento didático

Subtítulo

Estudo sobre a relevância do uso e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino – aprendizagem das Artes Visuais

Sumário

O presente estudo da prática de Ensino Supervisionada consiste em validar a importância da utilidade do Diário Gráfico nas práticas do ensino-aprendizagem no Desenho e na realização de projetos em Oficina de Artes, descrevendo as atividades desenvolvidas na escola, com uma turma do 12º ano, com a orientação do professor das respetivas disciplinas, reunindo a fundamentação teórica de suporte a esta investigação-ação, aplicada no contexto da prática letiva. Numa primeira fase existiu a preocupação de se realizar uma sensibilização sobre o Diário Gráfico, que foi extendida à comunidade escolar, com os alunos das turmas de artes, do Secundário, com turmas do 3º Ciclo, de EV e de Biologia e Geologia, e as turmas dos cursos profissionais, com demonstração de seus potenciais enquanto ferramenta exploratória, com exemplos de experiências que promovem o desenvolvimento da observação do pensamento criativo, crítico e reflexivo nas artes visuais. Numa segunda fase foi feita a implementação, na prática letiva, usando diversas estratégias de aplicação do diário Gráfico em diferentes situações e contextos, para desenvolver diferentes destrezas, como o domínio do gesto, a observação e o pensamento criativo. Com este estudo pretende-se aferir até que ponto, observar, registar, refletir e desenvolver a criatividade de modo sistemático sobre o que nos rodeia através do diário gráfico, é essencial para a formação dos alunos. É uma procura na identificação de aspetos e de contextos integradores da utilidade, uso e aplicabilidade do Diário Gráfico como ferramenta de trabalho e objeto de aprendizagem. O Diário Gráfico é um instrumento de trabalho, que integra o programa curricular do ensino das artes visuais, com base num interesse exploratório pelo desenho e pode ser utilizado como uma estratégia para incutir o hábito de observar e de desenhar, assim como o de refletir. Na conclusão apresenta-se o resultado das questões exploratórias e dos objetivos que se retiram da implementação de estratégias de motivação, identificando as dificuldades e recompensas, para deste modo se compreender a utilidade do diário Gráfico inserido em estratégias de ensino/aprendizagem no desenvolvimento do gesto, da observação, memória, imaginação e inovação do sentido crítico e da prática reflexiva.

Palavras-Chave: Prática reflexiva/ Utilidade/ Domínio do gesto/ Observação/ Memória visual/ Criatividade.

Abstract

The present study of Supervised Teaching practice consists of validating the importance of the use of the Graphic Diary in the teaching-learning practices in the Design and in the accomplishment of projects in Arts Workshop, describing the activities developed in the school, with a class of the 12th year, with the guidance of the teacher of the respective disciplines, bringing together the theoretical basis of support for this action research, applied in the context of learner practice. In the first phase, there was a concern to raise awareness about the Graphic Diary, which was extended to the school community, with students from arts classes, Secondary School, 3rd Cycle, 7th and 8th year classes in Biology and Geology, and classes of professional courses, demonstrating their potential as an exploratory tool, with examples of experiences that promote the development of the observation of creative, critical and reflective thinking in the visual arts. In a second phase the implementation was made, in the practice of the school, using various strategies of application of the Graphic diary in different situations and contexts, to develop different skills, such as mastery of gesture, observation and creative thinking.

The purpose of this study is to assess the extent to which, observing, recording, reflecting and developing creativity in a systematic way about what surrounds us through the graphic diary is essential for the formation of students. It is a search in the identification of aspects and contexts integrating the usefulness, use and applicability of the Graphic Diary as a work tool and learning object. The Graphic Diary is a working tool that integrates the curriculum of visual arts teaching, based on an exploratory interest in drawing and can be used as a strategy to instill the habit of observing and drawing, as well as to reflect. The conclusion is the result of the exploratory questions and the objectives that are removed from the implementation of motivation strategies, identifying the difficulties and rewards, in order to understand the usefulness of the graphic journal inserted in teaching / learning strategies in the development of the gesture , of observation, memory, imagination and innovation of the critical sense and reflective practice

Key words

Reflective practice / Utility / Gesture Domain / Observation / visual memory / Creativity

Abreviaturas

OAr – Oficinas de Artes

D.G. – Diário Gráfico

O.A. – Objeto de aprendizagem

ESRBP, ESRP e EBI – Nome abreviado das Escolas Secundárias e Básica das Caldas da Rainha

INDICE

Capitulo I – Introdução	12
1.1 Contextualização do estudo	12
1.2 Questões, objetivos de investigação e hipóteses a explorar	15
1.3 Organização de trabalho - Operacionalização	17
Capitulo II - Enquadramento Teórico.....	18
2.1 A importância do ensino das artes	18
2.2 A importância dos métodos de ensino do desenho na educação visual e artística	28
2.3 A importância da motivação na aprendizagem	39
2.4 Diário gráfico como Ferramenta didática	41
Capitulo III - Metodologia de Investigação.....	54
3.1 Trabalho prático e observação – Investigação participativa	55
3.2 A investigação – ação	57
3.3 Planificação e implementação do projeto e respetivas observações de resultados no uso do diário gráfico.....	60
Cap IV - Análise dos resultados	69
4.1 Análise de dados do primeiro inquérito.	69
4.2 Análise de Dados do segundo inquérito.....	76
4.3 Análise em contexto da avaliação do Diário Gráfico	79
4.4 Análise de considerações das entrevistas a professores em artes visuais	85
4.5 Análise de resultados recolhidos nas entrevistas aos alunos.....	89
4.6 Análise conjunta dos dados recolhidos	94
Cap. V - Conclusões, limitações e soluções para futuras investigações.....	97
5.1 Conclusões do estudo.....	97
5.2 Limitações do estudo e sugestões para futura investigação	101
Referências bibliográficas	103
Anexos.....	110
Anexo I - Modelo de questões das entrevistas aos professores.....	110
Anexo II - Modelos de questões dos questionários I e II efetuados aos alunos II	110

Anexo III - Modelo de questões das entrevistas efectuadas aos alunos do 12º ano de Artes Visuais III.....	112
Anexo IV – Fotografias da Prática Supervisionada – Estágio – Investigação-ação	113
Anexo V - Registos fotográficos de Desenhos realizados em diário gráfico pelos alunos e exposição de diários gráficos:.....	122
Anexo VI - Registos fotográficos da exposição dos diários gráficos:	125
Anexo VII - Exemplo de diário gráfico criado com os alunos do 1º ciclo em Expressões Plástica no ano letivo de 2013/ 2014, no agrupamento de escolas da Marinha Grande Poente:	129
Anexo VIII - Exemplos de portefólios do projeto de pintura, com exemplos bem conseguidos e exemplos menos bem-sucedidos de alguns alunos.....	129
Anexo IX – Ficha de análise da obra de uma artista – proposta de projeto de pintura – Os afetos	138
Análise plástica /A técnica pictural.....	138
Fazer um comentário pessoal sobre a obra de arte	138
Conclusão	139
Anexo X – Tabelas de parâmetros de avaliação do projeto de Pintura/ tabela com descrição avaliação	140
Anexo XI – Entrevistas Transcritas de professores e Observações transcritas das entrevistas aos alunos	145
Anexo XII – Diário de Bordo semanal	149

Índice de Figuras

Capítulo 3

Fig. 1 – Palestra Os Afetos - sobre a linguagem plástica através dos sentidos e das técnicas.....	p62
Fig. 2 – Projeto de Pintura OAr. Exposição trabalhos Pintura.....	p63
Fig. 3 – Exposição trabalhos dos alunos, com um modo de exposição diferente e original. Exposição de artistas convidados para a palestra.....	p64
Fig. 4 – Fotografias da Visita de estudo à ARCO de Madrid 2012.....	p65
Fig. 5 – Fotografias da Visita de estudo à ARCO de Madrid 2012.....	p65
Fig. 6 – Palestra sobre Ilustração Carla Nazareth.....	p65
Fig. 7 – Palestra sobre o Diário Gráfico.....	p66

Fig. 8 – Palestra – A Avaliação nas Artes Plásticas.....	p66
Fig. 9 – Fotografias de alguns dos D.G dos alunos do 12º AV1, e de Diários de Campo de Geologia.....	p67
Fig. 10 – Fotografias de alguns dos D.G dos alunos do 12º AV1, e de Diários de Campo de Geologia, expostos no final de ano.....	p67
Fig. 11 e 12 – Fotografias da Visita a Barcelona, em momentos de registo gráfico num encontro dos alunos da ESRBP com os artistas dos Urban Sketchers de Barcelona, no CCB.....	p68
Capítulo 4	
Fig. 13 e 14 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), desenhos de início do D.G.....	p91
Fig. 15 e 16 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), anotações de figura humana...	p91
Fig. 17 e 18 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), exercícios de desenho das mãos e do rosto.....	p91
Fig. 19, 20 e 21 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), apontamentos de edifícios nas Caldas da Rainha.....	p92
Fig. 22 e 23 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), registo de início de um dos diários gráficos, e registo de figura humana (colega da Turma).....	p92
Fig. 24 e 25 - Registos gráficos que o aluno J.T. (12º AV1) , estudo para projeto de pintura em Oficinas de Artes.....	p92
Fig. 26 e 27 – Registos Gráficos da aluna M. C. 12º AV1, estudos para projeto de pintura em Oficinas de Artes.....	p92
Fig. 28 e 29 – Registos Gráficos da aluna M. C. 12º AV1,), estudo para projeto de pintura em Oficinas de Arte.....	p93
Fig. 30 e 31 – Registos Gráficos da aluna M. C. 12º AV1.....	p93
Fig. 32 – Registos gráficos do aluno Duarte Dias (12º AV1), estudo para projeto de pintura em Oficinas de Arte.....	p94
Fig. 33 e 34 – Registos Gráficos do aluno N. C.. 12º AV1.....	p94

Capítulo I – Introdução

1.1 Contextualização do estudo

As Artes são um alicerce fundamental para o desenvolvimento e formação da expressão pessoal, social e cultural, articulando várias formas do saber através da imaginação, razão e emoção. Influenciam diretamente a forma como se vê o mundo que nos rodeia, bem como a forma como agimos e interagimos com este, ou seja, a forma com aprendemos, apreendemos e comunicamos relacionando os diversos significados do quotidiano.

Assim, as artes facultam desafios pessoais e coletivos, incrementando a estruturação e crescimento da identidade pessoal e social ao longo da vida.

No sentido de contextualização da educação das artes visuais na sociedade nos dias de hoje, a investigação em diversos domínios revela que os alunos se encontram sob forte influência dos Media e do universo de informação que a Internet oferece. Representam assim uma geração da informática, da era digital dirigida ao imediatismo. Verifica-se que os alunos têm maior aptidão para o desenho digital em detrimento do desenho analógico, o que resulta também dos “facilitismos que os programas informáticos possibilitam na execução das imagens” (Barreiras, 2011).

Deparamo-nos com uma enorme dificuldade dos alunos na observação e na representação dos objetos que exigem uma observação mais cuidada, isto em resultado da referida oferta de imagens digitais que se sucedem a uma velocidade vertiginosa e de modo imediato e efémero, Pouco habituados a pensar e a refletir vão perdendo capacidade de observar, memorizar e registar os objetos.

Face a esta realidade, é válido insistir na introdução de um instrumento de trabalho exploratório como o Diário Gráfico, não pelo simples facto de ser mais um objeto de aprendizagem que os alunos estão obrigados a usar, mas para que estes entendam a sua utilidade. Verifica-se assim a necessidade de este objeto ser englobado no processo de ensino/aprendizagem, que permita aos alunos aprender a observar, a pensar e a dominar o gesto no registo analógico.

Segundo Santos (2008), descreve que o Diário Gráfico corresponde a um diário de viagem ou caderno de esboços, sendo um “caderno de capa grossa, com cantos e lombada de pano e que

acompanha os artistas e escritores onde tomam notas, fazem apontamentos e desenhavam esboços, quando numa viagem ou num momento de reflexão e inspiração” (Santos, 2008, 19 de Dezembro, <http://industrias-culturais.blogspot.pt/2008/12/texto-em-construo.html>).

Pretendemos com este estudo aferir até que ponto pode ser o diário gráfico uma ferramenta de grande utilidade no ensino e prática do Desenho, bem como a sua utilidade no desenvolvimento da observação, na reflexão das ideias, no desenvolvimento criativo e no domínio do gesto.

Se permite que os alunos adquiram o hábito de transportar um pequeno caderno, a fim de se transformarem em seres observadores daquilo que os rodeia e registarem quotidianamente o que observam, em simultâneo com o acompanhamento do professor que transmite essa prática aos seus alunos.

Uma das metodologias que pode promover a reflexão de ideias, que consiste na realização de exercícios exploratórios, na observação da evolução das capacidades de registo dos alunos, na experiencição de ideias e no desenvolvimento criativo e inovador. Quer seja por registo gráfico, de texto, ou uso das palavras na construção de novas imagens pela observação e reflexão das ideias. Para este efeito deverá incentivar-se a mudança de atitude do aluno, bem como do professor, devendo ambos tornarem-se mais ativos no processo educativo promovendo uma melhoria no ensino, para tal procurando estratégias que promovam a reflexão.

Esta investigação ação realizou-se nos anos letivos de, 2011-2012, com a turma do 12º ano, continuando no ano letivo de 2012-2013, com a turma do 10º ano. Em ambos os anos letivos foi feita a sensibilização sobre a utilidade do Diário Gráfico, com as turmas do secundário, do 10º, 11º, 12º ano, com o 3º ciclo, com as turmas do 7º, 8º e 9º ano de educação visual, de Biologia e geologia, na ESRBP, nas Caldas da Rainha

Enquadramento de trabalho de projeto

O Diário Gráfico é um instrumento de trabalho, que tem por base um interesse exploratório pelo desenho, de formato fácil de transportar que estimula a observação e o registo gráfico, que pode e deve ser visto e usado como objeto de aprendizagem, de aferição e de avaliação do desenvolvimento do aluno no desenho, observação e criatividade. Considera-se que na transmissão de conhecimentos do professor para o aluno na área das artes e do desenho em particular, é necessário muito trabalho prático, no sentido de se realizarem diversos exercícios e

utilizarem estratégias para despoletar o hábito de desenhar, através de propostas de exercícios estimulantes e consequentemente o desenvolvimento do domínio do gesto e da criatividade. Sem a prática desse trabalho quotidiano não haverá evolução na qualidade, isto é, o ato de desenhar requer concentração e uma entrega diária, por isso, sem haver o gosto por essa prática, os alunos não lhe dedicam o espaço necessário nas suas vidas para o fazer. Este caderno pode ter a capacidade de se tornar num suporte privilegiado e ser um agente transformador de hábitos.

O uso do Diário Gráfico já vem de longa data no contexto do registo de desenho e de novas ideias criativas, pois é visto como objeto afetivo, tendo sido muitos os artistas do passado e contemporâneos, que o usaram e usam, em viagem ou no quotidiano.

Como estratégia no ensino-aprendizagem, o uso do Diário Gráfico incute o hábito de observar e de desenhar de forma desenvolver a capacidade de abstração a partir de elementos concretos. Pode ser um espaço de experimentação e de desmistificação do 'jeito' para o desenho, bem como de desenvolvimento de mecanismos de criatividade.

A importância de incutir o hábito de desenhar e aprender a observar o mundo que nos rodeia através do Diário Gráfico, como uma das estratégias de ensino/aprendizagem, leva a pensar nos vários aspetos relacionados com o ensino da educação visual e artística e a pensar também nas várias leituras efetuadas em torno desta preocupação, sobre o modo de como trabalhar e desenvolver possíveis estratégias de ensino, assim como os conteúdos procedimentais em sala de aula, apresentados por Zabala (1999) a partir dos quais se pretende identificar os diferentes saberes que permite desenvolver, através do Diário Gráfico como ferramenta didática no ensino/aprendizagem no 3.º Ciclo do Ensino básico e no Ensino Secundário.

O Diário Gráfico pode ser visto como objeto de aprendizagem, com a característica de se poder aplicar uma prática quotidiana seguindo, no entanto um processo de aprendizagem e de realização de experiências, no qual se pode desenhar, escrever, esboçar novas ideias sobre vários temas. Neste caderno de registos pode-se desenhar tudo aquilo que se quiser bem como situações propostas pelos professores, que podem ser acompanhadas e apresentadas ao longo do ano. Qualquer tema pode ser abordado no âmbito do registo nos diários gráficos, seja em visitas ao exterior, viagens em transporte público, percursos na cidade, o próprio corpo, nuvens,

fazer o próprio caderno, partes do corpo, colagens, espaços em cidades, espaços interiores, espaços da escola, registos rápidos, percurso casa – escola, o próprio quarto, sapatos, portas, janelas, profissões, uso de imagens pré-existentes, diálogo escrita/imagem, pormenores, linhas, movimento, aguadas, materiais/ técnicas/ experiências.

Para além de todos os desenhos que se queira fazer no diário gráfico, este mesmo poderá ser um elemento importante de autoavaliação e avaliação, no sentido de acompanhar os alunos na sua evolução e de perceber o desenvolvimento das habilidades e capacidades a partir das aprendizagens.

No entanto, para se realizar a introdução correta do diário gráfico em contexto de aprendizagem, é necessário fazer-se uma primeira abordagem ao diário gráfico como espaço de observação, promovendo uma consciência crítica face ao meio envolvente, com o intuito do aluno desenvolver o espírito de observação e perceção visual através do treino do olhar. É necessário compreender a importância de observar, de registar e de refletir de modo sistemático sobre o que o rodeia bem como criando hábitos de registo metódico, desenvolver a qualidade de registos de observação, para assim despoletar a criatividade. Deste modo, se pode compreender a importância do uso do diário gráfico inserido em estratégias de ensino-aprendizagem.

1.2 Questões, objetivos de investigação e hipóteses a explorar

Ao longo deste estudo, procurou-se trilhar um percurso de descoberta do entendimento das questões exploratórias relacionadas com a importância do uso do diário gráfico como ferramenta didática e objeto de aprendizagem, no desenvolvimento do domínio do gesto, da observação, reflexão de novas ideias e da criatividade.

AS QUESTÕES EXPLORATÓRIAS

Até que ponto a utilização do Diário Gráfico pode ser um instrumento de trabalho útil em contexto de sala de aula?

Até que ponto o Diário Gráfico pode ser utilizado como instrumento de avaliação das aprendizagens?

As questões subsequentes das perguntas de partida sobre a utilidade do diário gráfico, das quais surgem as questões para os questionários, são as seguintes:

Se será útil para desenvolver o hábito de observar e de desenhar?

Se aumenta a capacidade de abstracção a partir de elementos concretos?

Até que ponto permite desenvolver a capacidade de observação aplicável no registo gráfico?

Se pode ajudar a resolver o problema da observação do objeto tridimensional para o registo bidimensional?

Se o Diário Gráfico contribui para ser um observador mais atento e conseguir interpretar o que observa e registar?

Se com a introdução do diário gráfico, aumenta a destreza do gesto?

Se desenvolve mecanismos de criatividade?

Se desenvolve a reflexão?

OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Os objectivos gerais são:

- Verificar a importância e a eficácia da utilização do diário gráfico para a aprendizagem dos alunos.
- Verificar o grau de desenvolvimento no domínio do gesto, da observação, na reflexão de novas ideias e da criatividade, através do uso do D.G como ferramenta didáctica.

Com prossecução dos seguintes objetivos específicos:

Verificar se o D.G. permite consolidar aprendizagens de forma efetiva;

Observar se desenvolve competências que requerem mais tempo para a realização de trabalhos que envolvam a pesquisa, análise, debate e reflexão;

Analisar se o D.G. permitir efetiva diferenciação pedagógica na sala de aula e fora.

HIPOTESES A EXPLORAR DECORRENTES DOS OBJECTIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Introduzir o Diário Gráfico como meio de trabalho, para desenvolver a capacidade e a destreza manual de forma que permita:

Aprofundar e criar hábitos de observação;

Aumentar a capacidade de abstracção a partir de elementos concretos;

Desenvolver mecanismos da criatividade, através de desenvolvimento de ideias a partir de objectos existentes ou criados;

Desenvolver a reflexão e a avaliação do trajeto percorrido através do conhecimento dos objetivos da atividade, parâmetros de avaliação e gestão de tempo.

Uma das questões que seria igualmente interessante verificar a respeito da introdução do uso do diário gráfico no ensino básico do 3º ciclo, logo desde o 7º e 8º ano, para resolver a questão da dificuldade de interpretação do real para o papel é a representação do tridimensional para o bidimensional. Mesmo antes do 7º ano em algumas crianças já se observa essa dificuldade desde muito cedo, como no primeiro ciclo, em que se pode observar a recusa em desenhar por considerarem que não o conseguem, não são capazes de desenhar, ou não gostam simplesmente por não o conseguirem. Muitas vezes relacionado com o medo de fracassar na representação em desenho do seu imaginário, ou mesmo de representarem o que imaginam. Durante a prática letiva foi possível observar situações de contexto de sala de aula nas disciplinas de Educação Visual e mesmo em expressão artística com o primeiro ciclo, observando-se um sentimento de receio em falhar a desenhar ou a criar novas ideias, assim como se observou existir cada vez menos espaço para se dedicar à liberdade criativa.

Através da experimentação podemos verificar e registar o gradual desenvolvimento dos alunos ao longo do ano, como desenvolvem as suas competências e destreza manual no desenho, e se adquiriram o hábito de utilizar no diário gráfico, assim como, o desenvolvimento dos mecanismos criativos.

1.3 Organização de trabalho - Operacionalização

O estudo tem como ponto de partida a análise dos currículos escolares na área das Artes Visuais do Ensino Básico e Secundário, quanto à aplicação do diário gráfico como complemento do método de aprendizagem de desenho, assim como, na introdução desta ferramenta de trabalho em algumas turmas e outras sem o introduzir para se verificar as diferenças.

Durante o período de estágio onde é desenvolvido o primeiro projeto de OAr do ano letivo com o uso do D.G. fui registando observações num diário de bordo semanal, foram feitas entrevistas e aplicados questionários individualmente, a partir dos quais se retiram dados válidos que se adequam a este estudo.

Estes registos e análise de dados foi efetuado, ao longo do ano letivo, produzindo-se no final do trabalho, reflexões sobre a investigação realizada.

Capítulo II - Enquadramento Teórico

2.1 A importância do ensino das artes

Neste Capítulo descrevem-se várias perceções sobre a importância das competências artísticas que se pretendem desenvolver através do ensino artístico, identificando a importância do seu desenvolvimento nas aprendizagens dos alunos. São referidas práticas da educação artística para ajudar a promover a educação pela e com a arte como uma forma de aprender a pensar, de ver arte, de forma provocar o pensamento, a reflexão, a imaginação e a criatividade. Para este fim, obra de arte é usada como recurso educativo, como forma de valorizar o desenvolvimento da literacia visual. Por último é dada relevância ao papel do professor como orientador, que motiva o desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade estética nos alunos. Estas reflexões levam à consideração da importância do ensino artístico permitir ao indivíduo, através do processo criativo, ter a oportunidade de desenvolver a sua personalidade de forma autónoma e crítica, numa permanente interação com o mundo.

A abordagem neste tema será feita em quatro partes, em primeiro focando a importância das competências artísticas e dos objetivos a desenvolver através do ensino das artes, desenvolvimento de diferentes capacidades e competências e a compreensão das artes a partir do contexto. Em segundo uma abordagem sobre práticas de educação artística, sobre uma forma de aprender a pensar ao observar a obra de arte. Em terceiro reflexões em defesa das artes a partir de leitura de artigos de alguns autores. Em quarto, dá-se destaque à importância do papel do professor no ensino artístico. O conjunto das quatro abordagens é relevante para a importância das artes no ensino.

IMPORTÂNCIA DAS COMPETÊNCIAS ARTÍSTICAS NO ENSINO DAS ARTES

Começa-se por uma breve análise do Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, na Educação Artística do Ministério da Educação, identificando em particular a interpretação do desenvolvimento criativo dos alunos. De acordo com o definido neste programa, as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados quotidianos. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes

competências e reflete-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.

Ao longo da educação básica, o aluno deve ter a oportunidade de vivenciar diferentes experiências de aprendizagem, que conduzem ao desenvolvimento das competências e, simultaneamente ao fortalecimento da identidade pessoal e social do aluno. Apontam-se como estratégias as práticas de investigação, a produção e realização de espetáculos, oficinas, mostras, exposições, instalações. A utilização das tecnologias da informação e comunicação, a assistência a diversos espetáculos, exposições e outros eventos artísticos com práticas interdisciplinares. Para além disso, propõe-se o contacto com diferentes tipos de culturas artísticas, o conhecimento do património artístico nacional, intercâmbios entre escolas e outras instituições e a exploração de diferentes formas e técnicas de criação de processos comunicacionais.

A Literacia em artes tem como pressupostos a capacidade de comunicar e interpretar significados usando as linguagens das disciplinas artísticas, sendo que implica a aquisição de competências bem como o uso de sinais e símbolos particulares diferentes em cada arte, para perceber e converter mensagens e significados. O desenvolvimento da literacia artística é um processo sempre em construção e inacabado de aprendizagem e participação, que contribui para a evolução das nossas comunidades e culturas, numa sociedade em que o domínio de literacias múltiplas tem uma importância muito relevante.

Em referência ao programa de educação artística, do currículo Nacional do Ensino Básico são definidas competências essenciais, e competências específicas. Destas disposições salienta-se a importância das competências artísticas, a partir das quais o aluno desenvolve a literacia artística em quatro eixos estruturantes, inter-relacionados e interdependentes:

- A apropriação das linguagens elementares das artes;
- O desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;
- O desenvolvimento da criatividade;
- A compreensão das artes no contexto;

O programa aconselha que a apropriação destas competências seja realizada de forma progressiva num aprofundamento dos conceitos e conteúdos próprios de cada área artística, deste modo, dando origem a diferentes percursos de acordo com a especificidade de cada arte.

Com o desenvolvimento das competências da apropriação das linguagens elementares das artes pretende-se que os alunos adquiram conceitos. Identifiquem conceitos em obras de artistas, aplicando os conhecimentos em novas situações. Descodifiquem diferentes linguagens e códigos das artes. Que identifiquem técnicas e instrumentos de maneira que sejam capazes de os aplicar com correção e oportunidade. Que compreendam o fenómeno artístico numa perspetiva científica, mobilizando todos os sentidos na perceção do mundo envolvente e aplicarem adequadamente o vocabulário específico.

No desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação, pretende-se que os alunos sejam capazes de aplicar as linguagens e códigos de comunicação de ontem e de hoje e que sejam capazes de interagir com os outros sem perder a individualidade, a criatividade e a autenticidade, em relação à sua produção e a dos outros. Para além disso, pretende-se que se relacionem emocionalmente com a obra de arte, manifestando preferências para além dos da compreensão aspetos técnicos e concetuais. Ainda neste eixo estruturante da literacia em artes pretende-se desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas artísticas, utilizar as tecnologias de informação e comunicação na prática artística. A intervir em iniciativas para a defesa do ambiente, do património cultural e do consumidor no sentido da melhoria da qualidade de vida; participar ativamente no processo de produção artística e compreender os estereótipos como elementos facilitadores, mas também empobrecedores da comunicação e da criatividade; ter em conta a opinião dos outros numa atitude de construção de consensos como forma de aprendizagem em comum. E, por fim, cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho de grupo, gerindo materiais e equipamentos coletivos, partilhar espaços de trabalho e serem capazes de avaliar esses procedimentos.

A nível do desenvolvimento da criatividade, pretende-se que os alunos valorizem a expressão espontânea, a procura de soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas e que selecionem a informação em função do problema (este tópico pode ser desenvolvido com o processo de realização de projeto, nas várias fases de desenvolvimento a partir de um problema, gerando novas ideias para resultar em um produto final). Pretende-se igualmente que escolham técnicas e instrumentos com intenção expressiva (requer apoio do professor a nível da

experimentação das várias técnicas, para assim o aluno ser capaz de as escolher, consoante a expressividade que deseje atingir e se sinta mais à vontade para utilizar). Inventem símbolos e, ou códigos para representar o material artístico. Refere-se ainda a necessidade de participarem em momentos de improvisação no processo de criação artística. Este nível de desenvolvimento criativo, pode considerar-se um dos mais importantes a desenvolver, porque é uma competência que interage direta e indiretamente com todas as áreas de aprendizagem, porque desenvolve a capacidade do pensamento crítico, criativo e de resolução de problemas.

A nível da compreensão das artes no contexto, pretende-se que os alunos sejam capazes de identificar características da arte portuguesa, da arte de diferentes povos, culturas e épocas. De comparar diferentes formas de expressão artística. De valorizar o património artístico, de desenvolver projetos de pesquisa em artes. Pretende-se ainda que percebam a evolução das artes em consequência do avanço tecnológico e o valor das artes nas várias culturas e sociedades bem como no dia-a-dia das pessoas.

As competências artísticas que se pretendem desenvolver, promovem o desenvolvimento integral das crianças e dos jovens de modo a por em ação capacidades afetivas, cognitivas, cinestésicas e provocando a interação de 'múltiplas inteligências' (a teoria das inteligências múltiplas estudada por Gardner (1983/1994), o qual propôs que a vida humana requer o desenvolvimento de vários tipos de inteligências, sendo estas um conjunto de habilidades que permitem desenvolver a capacidade de resolver problemas, ou seja, potencia o encontrar ou criar soluções para problemas, o que cinge adquirir novos conhecimentos. Gardner (1983/1999) identifica e define 7 e depois mais 2 tipos de inteligência, a inteligência verbal ou linguística, lógico-matemática, visual ou espacial, musical, corporal e sinestésica, intrapessoal, interpessoal, naturalista e a existencialista. Sendo que em geral, precisamos de as usar para enfrentar a vida, e nas diversas tarefas requer o uso da maioria dos tipos de inteligência), de modo a tornarem-se indivíduos criativos nas várias áreas de aprendizagens. Deste modo através da prática, contribuir no desenvolvimento de novos saberes, conferindo novos significados aos seus conhecimentos, permitindo afirmar a singularidade de cada um e promovendo a sua expressão, para se tornarem cidadãos críticos e interventivos na sociedade.

É importante que no currículo artístico, as competências referidas se desenvolvam, de forma a permitir ao indivíduo, através do processo criativo, ter a oportunidade de desenvolver a sua

personalidade de forma autónoma e crítica, numa permanente interação com o mundo. E neste ponto de vista, é de considerar a devida importância do desenvolvimento das artes como uma das áreas centrais que influencia todas as restantes, com o desenvolvimento criativo, crítico e a autonomia para resolução de problemas. Como tal, deve ser dado valor a esta área do desenvolvimento do pensamento criativo, embora se verifique muitas vezes o oposto, com reduzido o tempo para o seu desenvolvimento. É de referir a situação das artes no ensino de hoje em dia, sofrendo alguma marginalização por se considerar ainda as ciências como a única forma de conhecimento verdadeiro, dando predominância às linguagens alfanuméricas, com maior valorização social.

A partir destes pressupostos identificados na definição das competências essenciais e específicas da literacia das artes, depara-se com o colocar em prática o proposto a desenvolver dessas competências acima definidas, em sala de aula, quando no entanto o modo descrito no programa de educação artística, do currículo Nacional do Ensino Básico, no entanto uma das preocupações do ensino artístico na actualidade, é importante repensar nas finalidades do ensino artístico baseadas em novos modelos de ensino mais adequados ao desenvolvimento de competências criativas, em capacidade de pensar criticamente e criativamente, o que leva a identificar a proposta de Perkins sobre as práticas da educação artística como forma de as desenvolver a partir de práticas de ensino letivo, baseando na observação da obra de arte como forma de desenvolver a literacia das artes, através dessa observação, de modo a desenvolver o pensamento criativo e crítico, levando o aluno à prática reflexiva sobre as obras de arte que observa, o que vê nela, e o que pode ser interpretado no imaginário do aluno ao observar as obras de arte. Partindo do princípio que o professor/ orientador na prática letiva proporcione tais experiências.

PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Este segundo ponto foca-se sobre as práticas de educação artística, com estratégias educativas centradas na obra de arte, no aprender a observar a arte. O objetivo é aprender a pensar através da observação da obra de arte, aprendizagem centrada no observador. David Perkins escreve sobre uma forma de aprender a pensar ao observar a obra de arte, o olhar inteligente, em que a obra de arte é usada como recurso educativo, como forma de valorizar o desenvolvimento da literacia visual. Perkins (2005) descreve que as obras de arte se prestam a uma série de disposições de pensamento. Neste sentido, a obra de arte potencia o desenvolvimento sensorial

e tornar-se um foco concreto para o pensamento. Falar e aprender sobre obras de arte numa galeria, ou num museu, permite fazer uma análise atenta da obra de arte e, ou ainda uma reanálise da mesma. Perkins acredita que existe um potencial para o envolvimento pessoal porque a arte é feita para nos atrair, manter nossa atenção e sustentar a reflexão prolongada porque, as obras de arte fornecem uma atmosfera que proporciona disposição para a procura de significados. O tempo de observação prolongado, um olhar mais amplo, tem o potencial de cultivar inteligência reflexiva e o pensamento criativo. Perkins identifica esta forma de olhar mais próxima à arte, como uma forma de aproximação das crianças para as diversas histórias de que elas são uma parte. Perkins valida as suas próprias experiências como criadores de arte e apresenta-os aos artistas que usam a arte como uma linguagem para falar sobre cultura e ideias contemporâneas. Em última análise, estende seus limites e amplia sua compreensão do mundo. Visualizar o mundo através das lentes da arte provoca pensamento, imaginação e criatividade. (Perkins, 2005, p. 2).

Ainda sobre este tema, de observação da obra de arte, encontramos em conversas sobre a arte e educação, através de entrevistas de Natália Pais, uma referência interessante ao pensamento de Ana Mae, ligada ao movimento de educação pela arte no Brasil, e que estruturou um Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE), como experiência matriz de 1961 a 1981, nos anos 90 com uma perspectiva de arte e educação renovada, que se refere a contextos socioculturais, devido aos novos paradigmas contemporâneos, onde se evidenciam por exemplo, o papel da comunidade escolar, o predomínio das linguagens visuo-plásticas e a interculturalidade. Segundo Pais (2015),

“valoriza-se, assim, a responsabilidade dos espaços de produção e fruição artística como mediadores e promotores de reconstrução social. A tomada de consciência da função da arte na reconstrução social e de que as categorias do discurso estético não são inatas, mas produtos de origem cultural, conduz a uma nova orientação que se domina..., Arte-Educação”. (Lopes, C., Lucas, A. G. & Pais, N., 2015, p.84-85)

Pais (2015) identifica que na continuidade do projeto de Mae do movimento de educação pela arte a insuficiência do curso inicial justificou a necessidade de um currículo mais completo, de nível universitário, com modelos educativos mais avançados. Um aspeto interessante neste modelo de currículo, com base na aprendizagem triangular, que contempla simultaneamente as

seguintes abordagens, 'Fazer da arte ou produção', 'Leitura da obra de arte ou apreciação', 'Contextualização'. "Implica o conhecimento artístico com reflexão, como produto cultural, como parte da história e como estruturação de elementos segundo determinadas formas e princípios." (Lopes, C., et al. 2015, p. 85)

REFLEXÕES EM DEFESA DAS ARTES

No terceiro dos pontos de abordagem em consideração nesta reflexão sobre a importância da educação artística e em particular da educação das artes visuais no currículo escolar, passo a destacar algumas percepções comuns de professores da área artística e de vários autores que se debruçaram sobre este tema, sobre o valor da educação artística e sobre as dúvidas que poderão ajudar a repensar os papéis da educação artística na sociedade.

Algumas das preocupações sentidas sobre o curso que está a sofrer o ensino das artes visuais são identificadas por Teresa de Eça, que manifesta preocupações sobre a gradual redução curricular do tempo dedicado ao ensino das artes visuais que leva a pensar sobre a estrutura curricular, em termos das finalidades e objetivos que têm sido seguidos. Parecem desajustados e nesse sentido Eça (2014), considera que é tempo de repensar nessas finalidades do ensino artístico baseadas na declaração mundial sobre a educação artística apresentada no InSea em 2006. Nesta declaração faz-se um apelo para a utilização de novos modelos de ensino mais adequados aos paradigmas humanistas das artes, no qual se devem contemplar inteligências flexíveis, competências criativas verbais e não-verbais, capacidades de pensar criticamente e com imaginação, compreensão intercultural e empatia para com a diversidade cultural. E neste sentido a investigação tem demonstrado que estes atributos pessoais são adquiridos através do processo da aprendizagem e utilização de linguagens artísticas (Edições Universitárias Lusófona, 2014, p4). Os aspetos identificados no documento da declaração demonstram claramente a importância que tem a educação artística como parte integrante na estrutura curricular do ensino nas escolas. Pais (2015) em conversas sobre arte e educação regista a designação da Unesco

"Ao propor a designação Educação Artística para o século XXI, reconhece-a como um meio capaz de melhorar a qualidade da educação, favorecer o desenvolvimento dos processos criativos e tem como referência básica a defesa dos direitos humanos, sobretudo no que se refere à educação, à liberdade de expressão e à participação na

vida cultural e artística. Tem como objetivo proporcionar formas equilibradas de desenvolvimento cognitivo e emocional para uma cultura da Paz e de uma relacionamento interpessoal humanizado e sustentável. ” (Lopes, & Lucas, Galvão & Pais, 2015, p. 86).

Eça (2014), nas suas justificações, identifica algumas das razões pelas quais as artes influenciam a aprendizagem dos alunos, onde enumera os efeitos positivos que a prática das artes e o desenvolvimento da criatividade promovem na aprendizagem dos alunos. Uma delas será o pensamento crítico, influência igualmente defendida por Steers e Swifft no final dos anos 90. Segundo Perkins (1994) “ver a arte, mais do que outras situações permite a construção de disponibilidades básicas para o pensamento” (Perkins, 1994, p.4). Efland (1999) reconhecia que o ensino da arte não é só dar capacidades aos alunos de produzirem imagens artísticas, ou mesmo lhes dar noções de apreciação, compreensão e reconhecimento estético, mas também para aprofundarem o conhecimento sobre as funções da arte, o desenvolvimento das emoções, e das capacidades cognitivas são dimensões integrantes da educação artística.

Eça (2014) salienta a importância do posicionamento da educação artística num contexto alargado da pedagogia crítica e da educação para a criatividade. No contexto da atualidade refere que “coletivamente as artes oferecem aos jovens, oportunidades únicas de compreenderem e criarem as suas identidades pessoais. Estimulem os estudos interdisciplinares, a tomada de decisões participativas e motivam os jovens e as crianças para uma aprendizagem ativa criativa e questionadora”. (Eça, 2009, p.110)

Em defesa da importância do ensino das artes, salienta-se a relevância do desenvolvimento cognitivo, as competências criativas aplicáveis a todas as áreas, a importância da experiência estética, a compreensão das artes no contexto, a construção da identidade pessoal, também por proporcionar contacto com diferentes tipos de culturas artísticas e conhecimento do património nacional. Acreditamos na importância do rumo da educação artística como ligação para criar um currículo com sentido. Neste sentido, é importante cativar o interesse e preocupações dos jovens dos dias de hoje, e sobre esta consideração o papel do professor é determinante quando escolhem os temas, para as práticas do ensino artístico. Será importante ter em consideração esses interesses e preocupações, pois haverá assim a possibilidade de haver maior envolvimento dos alunos para que sejam mais capazes de assimilar conteúdos de um modo

mais significativo e desenvolver capacidades críticas e criativas. Como já referido, os alunos precisam de tempo e de várias oportunidades para as construir, podendo ser por etapas, em debates e em diálogos contribuindo para o desenvolvimento de capacidades de pensar e desenvolver a criatividade, que segundo Eisner (2002), é crucial para melhorar o desempenho em qualquer área.

O PAPEL DO PROFESSOR ORIENTADOR

Este último ponto de reflexão, fundamenta-se na importância do papel do professor. Andrade (2008) cita Iavelberg (2003) que “o ensino de arte requer um professor orientador, que incentiva a produção, o desenvolvimento e a constância do aluno”. A aprendizagem artística fomenta a construção da identidade artística das crianças e dos jovens na escola e os professores têm um papel significativo. Segundo Andrade (2008), “sua colaboração é ainda maior quando sabem respeitar os modos de aprendizagem e dedicar o tempo necessário a fornecer orientações e conteúdos adequados para a formação em arte, que inclui tanto saberes universais como aqueles que se relacionam ao quotidiano do aluno. É o professor quem promove o fazer artístico, a leitura dos objetos estéticos e a reflexão sobre a arte.” (Andrade, 2008, 2 de novembro). O ensino das artes com as orientações dadas pelos professores propicia o diálogo no plano da subjetividade numa interação com os alunos, ao mesmo tempo que interage com os símbolos da cultura.

Andrade (2008) refere que para se propiciar o desenvolvimento do aluno atendendo aos três eixos de aprendizagem significativa (fazer, interpretar e refletir sobre a arte), existe um conjunto de ações que o professor pode desenvolver para orientar processos de criação artística oferecendo suporte técnico, com um acompanhamento do aluno nas várias fases e nas dificuldades inerentes à criação, ajudando-o na resolução de problemas com sugestões, perguntas e fazendo-o acreditar em si mesmo, propondo exercícios que permitam o desenvolver a criatividade. Dar a conhecer a História da Arte, promover a leitura, a reflexão e a construção de ideias sobre arte e ainda documentar os trabalhos e textos produzidos para análise e reflexão conjunta em contexto de sala de aula é outra estratégia essencial. Segundo Andrade (2008), “cada imagem, cada gesto, cada som que emerge nas formas artísticas criadas em sala de aula têm grande importância, uma vez que se referem ao universo simbólico do aluno” (Andrade, 2008, 2 de novembro).

Todos estes processos requerem uma atuação precisa do professor, quer no planeamento do tempo necessário, quer na organização do espaço e a atenção necessária aos processos de comunicação entre professor e aluno e entre os alunos na aula. Uma aprendizagem artística planeada desta forma permite deixar marcas positivas na memória dos alunos, dar a capacidade para criar, interpretar objetos artísticos e refletir sobre arte, sabendo situar as produções, ou seja, situar a arte no contexto. Desta maneira o aluno aprende a lidar com novas situações, desenvolve competências e habilidades para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia. Read (1958) salienta que para ocorrer o desenvolvimento individual de cada indivíduo, é necessária a presença de um orientador, e o papel desse orientador é feito pelo professor, considerando-o um condutor da informação e motor da motivação, do desenvolvimento da imaginação e da estética.

Segundo Eisner (2002), cabe aos professores promover o processo educativo nas artes uma vez que são eles que planificam as situações através das quais se desenvolvem as competências artísticas, sendo que estas situações devem possibilitar aprendizagens com significado, para que os alunos consigam compreender e explorar conceitos e aplica-los a outras situações da vida. As atividades devem proporcionar aos alunos oportunidades de experimentar o mundo qualitativamente, fornecendo materiais para trabalharem, dando instruções apropriadas, exemplos, exercícios e acompanhamento de modo a favorecer a aprendizagem no contexto das artes visuais.

Neste sentido salienta-se a importância de que os professores escolham trabalhos importantes das artes que sejam adequadas aquela comunidade específica, que vão de encontro das necessidades, interesses, preocupações dos alunos e o seu desenvolvimento. Que escolham trabalhos que desafiem visões estabelecidas e não questionadas, que alarguem o conhecimento de obras artísticas. Através do ensino da arte e das ideias expressas pelos artistas somos capazes de desenvolver as nossas próprias ideias sobre o mundo à medida do que lemos, interpretamos, refletimos e compreendemos. É necessário pesquisar com profundidade um trabalho artístico para compreender os seus níveis de significado para lançar perguntas abertas que permitam a exploração e a descoberta. Apresentar os significados da obra aprendendo a ler criticamente os seus sinais e símbolos de modo a permitir que a obra de arte fale. Esta forma de aprendizagem pode ser através de uma unidade ou de um trabalho, e o estudo de uma obra de um artista pode dar grandes possibilidades educativas. Permite formar uma lista de ideias, de debate de ideias. São os propósitos do que se ensina, que permitem enriquecer o que se ensina,

de dar sentido e propósito à arte. Salienta-se o potencial da cultura visual para explorar temas de experiência humana, pois a expressão criativa pode efectivamente comunicar conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, é fundamental que todos os protagonistas do ensino e defensores do ensino das artes saibam e defendam o que torna necessária a educação artística e aquilo que promove nos alunos (Eisner, 2002). Promove que os alunos se tornem conhecedores, críticos, criativos e intervenientes. Neste sentido é importante defender um currículo artístico, que permita desenvolver a inteligência visual, no fazer arte na compreensão do mundo e do mundo das imagens numa época de enorme complexidade e mudança, e de novas tecnologias, bem como no encorajar a reflexão, a crítica e partilha.

2.2 A importância dos métodos de ensino do desenho na educação visual e artística

Os aspetos que se podem considerar na introdução do Diário Gráfico no desenvolvimento do ensino do desenho são os conteúdos procedimentais na educação visual e artística em particular no domínio do gesto, observação e memória visual. Estes fatores encontram-se evidenciados em vários textos sobre os conteúdos procedimentais, e a didática dos procedimentos nas áreas da educação visual e artística, como no caso de Zabala (1999), cujo enfoque consiste em trabalhar os conteúdos procedimentais em sala de aula.

Conforme Zabala (1999), define no texto sobre o ‘Saber fazer’ como conteúdo de aprendizagem, o ensino tem como objetivo na aprendizagem a captação de vários conhecimentos, assim como a aquisição de determinados comportamentos que um aluno deve ter na sociedade. Como tal surge a pergunta “O que se deve ensinar?” Quais os conteúdos de aprendizagem que devem ser aplicados numa proposta educacional? Zabala (1999) indica que não podemos tratar os conteúdos procedimentais como único conteúdo a ser desenvolvido unicamente no ensino das Artes Visuais, mas igualmente, outros conteúdos de relevante importância no desenvolvimento do aluno. Estes conteúdos de aprendizagem foram classificados em três grupos: conteúdos conceituais, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais, estabelecidas por M.D. Merrill (1983) e são definidos do seguinte modo:

Conteúdos conceituais – “saber”: saber identificar ou conhecer os processos, as técnicas e as suas matérias como são transformadas, conceitos ou princípios e fatos. Referem-se à construção ativa de capacidades intelectuais para operar símbolos, imagens, ideias e representações, que permitem organizar as realidades.

Conteúdos procedimentais – “saber fazer”: como saber aplicar, representar, desenvolver e criar. Referem-se ao fazer, ou seja, que os alunos construam instrumentos para analisar, por si mesmos, os resultados que obtêm e os processos que colocam em acção para atingir objetivos que se propõem.

Nos Conteúdos atitudinais – “saber ser” conceito que abrange o cumprimento de normas, regras em que interioriza o comportamento numa sociedade como por exemplo ser solidário. Referem-se à formação de atitudes e valores em relação à informação recebida, visando a intervenção do aluno na sua realização.

A existência destas três divisões, não significa que atuem isoladamente. Nos processos didáticos ou atividades de ensino estes conteúdos têm a existência de elementos comuns. Os conteúdos procedimentais não consistem de nenhum subgrupo, segundo afirma Zabala. Consistem num conjunto de ações ordenadas e com um objetivo.

“Um conteúdo procedimental, inclui, entre outras coisas, as regras, as técnicas, os métodos, as destrezas ou habilidades, as estratégias, os procedimentos – um conjunto de ações ordenadas e com finalidade, quer dizer, dirigidas à realização de um objetivo”. (Zabala, 1999, p.10)

Quando nos referimos a conteúdos procedimentais estamos a referir-nos a um conjunto “saber fazer”, técnicas, habilidades, destrezas, estratégias que têm características comuns mas também traços distintos. É difícil encontrar uma conclusão, ou consenso em relação á definição de cada conteúdo. Não há limite estrito que nos permite definir o que é uma técnica, método, algoritmo ou destreza, para o “saber fazer”: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, recortar, perfurar, etc.

No conteúdo procedimental são estabelecidas três linhas contínuas:

1º Continuum motor/cognitivo; 2º Número de acções; 3º Continuum algoritmo/heurístico

No primeiro parâmetro, continuum motor/cognitivo, pode-se definir como capacidade motora, o ato de saltar, perfurar e recortar no mesmo parâmetro mas noutra extremidade temos o cognitivo: inferir, ler e traduzir.

O segundo parâmetro, é dominado pelo número de ações. As de poucas ações e as de muitas ações. Poucas ações: perfurar, calcular, traduzir, etc. Muitas ações: Observar, ler e desenhar.

No terceiro parâmetro, o continuum algoritmo/heurístico consiste num elevado grau de direção e controle. No algoritmo são aqueles casos em que a ordem das ações são sempre ações a serem realizadas e o próprio modo de organiza-las, depende da característica da situação à qual devem ser aplicadas.

A interligação entre conteúdos conceituais e conteúdos procedimentais é necessária para otimizar o conteúdo procedimental. Ele não se otimiza por si só, tem que haver uma interligação entre ambos conteúdos para atingir o objetivo. Depois de conciliados estes parâmetros, eles são aplicados em contextos diferenciados, isto é, estes passos podem ser necessários aplicar em diferentes contextos para atingir o grau de domínio da técnica. A habilidade pode ser transferida para diferentes situações.

No entanto, se para aprender a dominar a técnica é suficiente treinar os alunos a dominar as técnicas, relativamente à reflexão do processo criativo reside na própria sensibilidade do aluno. O que nos leva a compreender que é considerado importante estimular o desenvolvimento cognitivo do aluno, assim como o desenvolvimento da capacidade de saber resolver problemas e encontrar soluções, bem como saber interpretar e reproduzir a realidade. Porém sabemos que para representar, é preciso dominar a técnica, a qual é fundamental para a realização e criação de uma obra de arte.

Segundo Dilmé (1999) o processo criativo é formado por 4 grupos, numa inter-relação, pensamento/habilidade, procedimento/produto, que se encontra definida na sequência aristotélica:

- 1.º - A Ideia (Eidos)- Pensamento/habilidade (que por sua vez gera o 2º grupo);
- 2.º - Técnica (Tekne) - Habilidade/ Procedimento (que por sua vez gera o 3º grupo);
- 3.º - Fazer (Poietike) - a Ação (procedimentos para dar origem o 4.º grupo);
- 4.º - Produto (a obra de arte - o produto final).

Nesta sequência, interessa centrar o resultado, o produto, pois, este depende do desempenho de algumas habilidades, no domínio de procedimentos. (Dilmé, Forrellad, Gratacós & Oliver, 1999, pg. 80)

Zabala (1999) salienta que um dos objetivos do professor consiste em estimular uma atitude reflexiva no aluno, a incentiva-los a desenvolver a atitude de pensar, refletindo sobre o que pretende fazer. Destaca três níveis de conteúdos procedimentais gerais (tendo em consideração que se trata de um processo com várias funções baseadas no pensamento abstrato e que são trabalhadas em todas as áreas).

Descrição dos três níveis de conteúdos procedimentais Gerais:

1. Observação - Processo complexo em que abrange várias funções. As quais são baseadas no pensamento abstrato e que são trabalhadas por todas as áreas, é na Arte que tem um maior privilégio.
2. Experimentação Integra a observação, sendo a partir da observação que podemos concretizar as ideias. E é possível ultrapassar limites, na invenção de novas formas, novos códigos.
3. Representação – Neste caso os modelos podem ser diferentes, podem ser descritivas, narrativas ou expressivas. O produto final depende da qualidade de domínio da técnica. “A partir das hipóteses, podemos provar, comprovar e ir selecionando tanto os aspetos técnicos como os temáticos, para terminar formalizando a ideia imaginada”.

(Zabala et. al, 1999, p. 81)

Por fim, é importante esclarecer que procedimentos gerais, ou básicos, não devem ser considerados exclusivos de uma área específica, mas sim contribuir para domínios dos diferentes saberes, e neste sentido, qualquer ensino que vá contribuir para o desenvolvimento de atitudes reflexivas, refletindo assim no desenvolvimento do pensamento abstracto, deverá ter presente este aspeto.

Deste modo, os professores de áreas específicas, devem recorrer ao desenvolvimento de uma série de funções que caracterizem o pensamento. Numa descrição esquemática de procedimentos ou faculdades numa ordem que parece lógica, para se verificar deste modo as funções dos conteúdos procedimentais gerais:

1.º Pensamento; 2.º Domínio do Gesto; 3.º Representação Simbólica; 4.º Técnicas; 5.º Recriações; 6.º Observação; 7.º Memória Visual – ou memória pessoal

Segundo Zabala (1999) é preciso saber operar com base nos conhecimentos adquiridos, que têm em conta o desenvolvimento pessoal, a nível das competências e o saber operar em vários domínios. A ideia transmitida pela descrição sobre o domínio do gesto, no que diz respeito ao desenhar, pintar ou esculpir, sugere que o gesto pode ser espontâneo ou controlado. Isto é, a

espontaneidade pode surgir de uma emoção naquele instante, sem uma prévia reflexão sobre o que se pretende fazer.

Um dos aspetos sobre o domínio do gesto identificado por Zabala (1999) determina que o movimento da mão e pelo braço é importante para o domínio da técnica, e, que o grafismo que é criado no suporte do papel ou outro suporte tridimensional é condicionado pelo gesto que é aplicado pela mão e do braço. A técnica pode ser realizada por pequenos movimentos em que se limita de pequenas partes do nosso corpo, motricidade fina. Um dos exemplos sobre o domínio do gesto é o desenho feito através do movimento do braço e das mãos. Outra é a escrita, em que o grafismo é realizado por pequenos movimentos dos dedos e da mão.

Dilmé (1999) e outros autores observam que o gesto também tem uma motricidade ampla, na qual os movimentos são mais amplos, aplicados por mais elementos do corpo, por exemplo, tais como os trabalhos escultóricos, que exigem um esforço maior do indivíduo, o corpo é aplicado para o domínio da técnica, para criação da peça escultórica. De acordo com a teoria defendida por este autor relativa ao domínio do gesto, entende-se que este comporta uma atividade gráfica que se demonstra em quatro aspetos fundamentais:

- Conhecimento e domínio do próprio corpo;
- Conhecimento e domínio das ferramentas e dos materiais;
- Conhecimento e domínio da linguagem plástica e visual;
- Domínio espacial a partir das vertentes topológicas.

(Dilmé, Forrellad, Gratacós & Oliver. 1999, p.82)

Dilmé, Forrellad, Gratacós & Oliver (1999) apresentam uma sequência de ensino/aprendizagem, em que situa uma proposta do ensino fundamental/básico, a um nível apropriado, definindo objetivos comportamentais referenciais, conteúdos conceituais e atitudinais associados, a aplicar em exercícios, do seguinte modo:

Objetivos referenciais:

1. Dominar o próprio corpo
2. Comprovar que o gesto está submetido a aspetos posturais
3. Utilizar o gesto para dar expressividade às representações gráficas
4. Observar obras de artistas que tenham trabalhado a arte gestual de um modo explícito

Conteúdos conceituais e atitudinais associados

Conceituais:

1. Conhecimento e domínio do código plástico, especialmente o traço, a marca, o sinal, a incisão, o corte e o salpicado
2. Conhecimento do domínio dos elementos construtivos da composição: medida, relação, proporção, peso, agrupamento, direção, movimento, ritmo
3. Conhecimento da postura adequada segundo o gesto que desejamos realizar
4. Conscientização de que, plasticamente falando, o gesto implica uma grafia

Atitudinais:

1. Interesse pela investigação
2. Curiosidade pelos resultados obtidos, tanto os dos outros.

(Dilmé et. al.,1999, p. 84)

Relativamente à prática artística, Dilmé e outros autores (1999) transmitem-nos que:

“Conhecer as possibilidades do próprio corpo, conscientizar-se da lateralidade, da importância das duas mãos (uma faz a outra ajuda), da qualidade da peculiaridade de cada procedimento artístico, etc. Pela experimentação, irão fortalecendo habilidades, permitindo encontrar recursos e estratégias pessoais.” (Dilmé, Forrellad, Gratacós & Oliver.,1999, p.85)

Verificamos que, na esteira do entendimento de Dilmé (1999) é nos primeiros anos de aprendizagem do aluno, isto é, desde o 2º ano do 1º ciclo do ensino básico, que se dá importância ao controle-viso-motor. O aluno toma consciência das suas possibilidades ao nível motor, dando um maior destaque à motricidade fina e menos à ampla.

No contexto da representação simbólica, da prática e da experimentação por meio da linguagem plástica e visual, verifica-se que a criança desenvolve a motricidade fina e a motricidade ampla, com a mesma proporção, igualmente, também na mesma proporção, desenvolve o gesto controlado e o gesto espontâneo. Dilmé (1999) observa ainda que a criança ao dominar o gesto consegue representar quer a nível objetivo quer a nível subjetivo, isto é, a atividade técnica que permite desenvolver o conhecimento de materiais e das ferramentas, na forma como se aciona a ação do domínio da técnica e também na expressão das suas emoções ao transportar para a representação.

Estas aquisições permitem ao aluno atingir a capacidade de saber representar quer a nível expressivo quer a nível narrativo, perceber o que é signo, um símbolo e uma alegoria, distinguir

as mensagens comunicativas significativas e ter conhecimento de movimentos artísticos que são mais ligados à sua própria cultura.

Todas estas considerações conferem ao aluno a possibilidade de expressar as suas emoções, sentimentos, pensamentos, transmitindo a sua própria personalidade, estabelecendo uma ligação entre o pensamento e a mão, assim como a técnica e o instrumento.

A este conjunto de procedimentos na utilização dos materiais, que permite dominar a habilidade motora e intelectual a este domínio, é dado o nome de técnica. E pelo seu uso, o aluno fica com um maior domínio da mesma e dos seus procedimentos, permitindo-lhe, expressar a nível simbólico, com mais clareza e mais eficácia. Para se entender esta questão é necessário compreender que a técnica não pode existir sem a intervenção do pensamento, da mão, o instrumento e o material, estes estão interligados tendo o mesmo valor para o resultado final. É importante o aluno ter um bom domínio da técnica dado que permite uma maior eficácia para atingir o resultado pretendido no seu trabalho plástico, na criação da obra final. Neste domínio da técnica, pretende-se de facto que o aluno no final da sua aprendizagem seja capaz de reconhecer vários tipos de materiais, por meio de experimentação, classificação e relacionamento das diferenças que existe entre elas, saber escolher a ferramenta adequada para realizar de forma correta a sua obra pretendida.

Igualmente considera-se que através do domínio das diferentes técnicas e materiais seja possível expressar a sua identidade e o modo de expressão. A possível atividade que é desenvolvida nesta aprendizagem estimula uma inteligência qualitativa direcionada à criação.

Sob estas considerações, entende-se que cabe no entanto ao professor, escolher as técnicas e/ou estratégias que estão mais ao alcance dos conhecimentos que os alunos já têm como adquiridos.

No contexto das recriações, Dilmé (1999) observa que o processo de recriação, como processo de análise refletiva, resulta de uma construção de imagens, as experiências de ordem motora, táctil, visual e física são os alicerces da imaginação, que desenvolve a sensibilidade da criança e proporcionam o aumento da capacidade cognitiva, de solucionar problemas e estimular a criatividade. O desenvolvimento da imaginação e da compreensão proporcionam ao aluno uma

evolução da sua representação plástica que permite chegar à solução de problemas, que terá de resolver no percurso do processo de aprendizagem.

A recriação permite investigar processos de criações artísticas, que oferecem múltiplas hipóteses e habilitam a síntese criativa. Neste sentido, o aluno poderá estimular a expressão das suas ideias. Este procedimento reside num processo de análise refletiva que resulta na construção de imagens, ideias ou formas diferentes às de prévias versões. As recriações partem da observação de uma obra de arte a que se confere um novo perfil, mediante a aplicação de novas linguagens que distingue o valor plástico ou temático.

Na recriação as experiências de ordem motora, tátil, visual e física são os alicerces da imaginação, através das quais se desenvolve a sensibilidade da criança, aumenta a capacidade cognitiva de solucionar problemas e estimula a criatividade. O desenvolvimento da imaginação e da compreensão cria no aluno a evolução da sua representação plástica que permite ou não, a solução de problemas que tem que resolver no processo de aprendizagem.

Sob estas considerações e relativamente à aprendizagem do aluno, observa-se que este tem necessidade de comunicar essa experiência, necessita de expressar na sociedade as suas ideias, emoções e de ter a sua identidade. Sendo que através das diversas técnicas e materiais a identidade e expressão ganham forma. A atividade que é desenvolvida nesta aprendizagem estimula uma inteligência qualitativa direcionada à criação, através do trabalho da cor, da linha, da textura, e organiza esses elementos de forma a serem expressivos consolidando a prévia tomada de decisões que estão acompanhadas pela linguagem visual, em que a todo este processo se junta a formação artística adequada, com uma atitude de mente aberta e desperta para criação de novas ideias.

Relativamente ao processo de Observação, de acordo com a afirmação de Dilmé (1999) “a observação define-se observar como, olhar atentamente. Muitas aprendizagens baseiam-se na observação. As informações que recebemos pela percepção ficam retidas em nossa mente, e podemos utilizá-las diretamente (olhar/fazer) ou indiretamente (memória/ retentiva).” (Dilmé, Forrellad, Gratacós & Oliver, 1999 p.100). Desta forma a aprendizagem que é baseada na observação nos leva a um reflexo sobre a percepção. Sendo a observação e a percepção aprendizagens de grande importância, fundamentais no ensino das artes, assim como é em outras aprendizagens.

Os tipos de aprendizagens que Dilmé (1999), indica que os alunos devem de alcançar em relação à observação são:

- Observar com atenção o espaço imediato;
- Abstrair de um conjunto (imaginário, representado ou real);
- Detetar os elementos visuais dominantes que particularizam um objeto: forma, textura, cor e tamanho;
- Realizar de um modo sintético (apontamentos) algo observado;
- Selecionar as partes de um conjunto em função de uma intencionalidade determinada, especialmente aquelas referentes às artes plásticas;
- Detetar visualmente as variações cromática que se produzem dentro de um conjunto, diferenciando as causas que as provocam, e interpretá-lo pessoalmente;

Em Linhas gerais sugere a sequência de aprendizagem ao longo do ensino, no que diz respeito ao item de educação sensorial e estruturação da imagem, em que as linhas orientadores são:

- Exploração do ambiente
- Observação direta das formas
- Exploração sensorial de materiais e objetos
- Observação direta a partir da vista e do tato. A forma, a cor, a textura, a linha, a superfície e o volume
- Observação da luz e da sombra
- Identificação do contraste entre luz e sombra nas formas do espaço
- Experimentação com a luz como elemento definidor do volume
- Observação direta de conjuntos de elementos
- Observação indireta de imagens do ambiente
- Estrutura geométrica interna
- Observação indireta de conjuntos de interesses artístico especial.

(Dilmé et. al.,1999, p.101-102)

O conteúdo procedimental da observação, permite-nos uma consciencialização de um objeto ou uma situação, uma emoção exterior com que recebemos dados a partir das nossas experiências. As sensações geralmente não se dão isoladas, existe uma interligação.

Como Dilmé (1999) afirma, “a importância deste estudo do conteúdo procedimental, observação, fundamenta-se em que muitas aprendizagens da área visual, e plásticas estão baseadas na percepção/observação”. (Zabala et. al.,1999, p.102)

O objetivo do desenvolvimento da observação é potenciar a capacidade olhar com atenção para o que nos rodeia, assim, através desta percepção ficam retidas na nossa memória informações que poderemos utilizar diariamente em diversas situações. Em qualquer aprendizagem que se baseie na observação, desenvolve-se uma reflexão sobre a percepção.

No conteúdo procedimental da percepção, a sensação que tem suporte a imaginação, permite analisar o que está a ser observado, processo que transforma o mundo real em imagens através também da experiência pessoal. Em todas as áreas de aprendizagem visual a observação deve estar sempre presente, tal permite ao aluno ter um conhecimento do seu ambiente e da sua cultura, permitindo representar as suas emoções e ideias que extraiu do conhecimento já adquirido pela percepção. Este processo ocorre ao longo do desenvolvimento cognitivo e motor do aluno.

A prática permite a experimentação e a operatividade, esta potencia e estimula a curiosidade por novos resultados que permite novas combinações e correlações o que dá lugar a composições criativas que conduzem à expressão e à comunicação. Observa-se assim que o desenvolvimento criativo só é possível a partir de informações e conhecimentos prévios e neste sentido a percepção e a observação são de grande importância no desenvolvimento criativo.

Sobre o conteúdo procedimental da Memória Visual, Dilmé (1999) leva-nos a entender que a memória visual ou linguagem pessoal, já revela em esta fase uma consciência crítica, uma capacidade de avaliação, e de atitude reflexiva. Também a memória assim como a imaginação, também têm um papel fundamental na percepção, pois, através do conteúdo procedimental da observação elas se conjugam, o que resulta na representação visual.

Segundo Dilmé (1999) a memória visual é uma faculdade cognitiva, que consiste na retenção e recordação de imagens de coisas que já foram vistas, ouvidas e as ideias adquiridas. Por vezes a lembrança e a memória distinguem-se entre elas, em que a primeira é considerada como ato de lembrar e outra como capacidade cognitiva. Na descrição sobre a memória Zabala (1999) cita Bergson, para quem “a memória pode ser uma repetição ou representação”, que nos “conduz às imagens mentais” (Dilmé et. al., 1999, p.103).

Pelo que se depreende desta ideia de Zabala (1999), que a imagem mental tem origem numa interiorização da percepção que advém do conhecimento sensório-motor. Este autor entende que

a imagem se trata de um instrumento do conhecimento que age nos processos operativos que se modificam e se complementam no decurso do desenvolvimento cognitivo, representando a realidade. Para o resultado da imagem, há a intervenção da percepção, observação, relação, o julgamento, a análise e a síntese. No ensino a memória é um fator muito importante no processo de aprendizagem do aluno, sendo que a combinação de conhecimentos prévios favorece a informação retida. O aluno fica assim com uma maior capacidade de retenção e de recordação o que estimula o desenvolvimento da criatividade.

Resumindo:

A aprendizagem dos conteúdos procedimentais provém do conceito 'Saber Fazer'. Que segundo Zabala (1999) implica quatro fases:

- a) Realização de ações – os conteúdos procedimentais são aprendidos realizando as ações que os conformam;
 - b) Exercitar-se – envolve exercitar as diferentes ações ou passos desses conteúdos de aprendizagens tantas vezes quantas seja preciso;
 - c) Reflexão sobre a própria atividade – para melhorar é necessário poder refletir sobre o modo como estamos realizando o exercício sobre quais as condições ideais para o seu uso;
 - d) Aplicação em contextos diferenciados – é imprescindível que os exercícios sejam os mais numerosos possíveis e se realizem em contextos distintos, de modo a que as aprendizagens possam ser utilizadas sempre que referidas;
- (Zabala, 1999, p.14 - 16).

Relativamente aos conteúdos procedimentais conclui Zabala (1999) que:

«A característica de “saber fazer” não se assemelha a “fazer porque sim”, o fato de nos referirmos à realização de ações e de exercícios de reflexão sobre a própria atividade e de aplicação em contextos diferenciados torna claro o caráter necessariamente significativo e funcional que deve ter a contribuição desses tipos de conteúdo. Esse caráter contempla o ensino dos conteúdos conceituais. Do mesmo modo, “saber fazer” não se assemelha a “praticismo” nem a algo a que se chegam espontaneamente os conteúdos não-ensinados e aprendidos em situações educativas nas quais os professores mostram como se deve fazer e onde ajudam de maneira diversa os alunos para que cheguem a dominar os conteúdos de forma independente».

(Zabala, 1999, p. 18)

Estas considerações salientam a importância do aprender 'fazer'/ 'saber fazer', através dos processos dos conteúdos procedimentais, que reforça a ideia da prática através de objetos de aprendizagem do qual é exemplo o Diário Gráfico, na área das artes visuais e noutras áreas disciplinares que usam a observação, memória, domínio do gesto e a procura de novas ideias.

Zabala entende, que o papel do professor, como transmissor e orientador de conhecimento, deve ter em consideração algumas condições dos conteúdos procedimentais quando os pretende ensinar, deve ainda ter em atenção que os conteúdos devem fazer sentido para quem os vai aprender, e desta forma ser possível a sua utilização quando necessário. O facto do aluno sentir que sabe realizar uma atividade, permite que este venha a produzir um trabalho independente e que mostre assim as suas competências. Este é um dos objetivos principais da prática orientada.

Dilmé afirma que, para se saber fazer, tem de se fazer várias vezes. Isto é, que os procedimentos devem de ser bem explicados para que os alunos aprendam definitivamente.

Pretende-se entender no contexto dos conteúdos procedimentais e no ensino/aprendizagens desenvolvidos por esses processos, e, nesse sentido, Dilmé (1999) afirma que, "a utilização que o homem faz de seu intelecto depende de sua capacidade para desenvolver e usar utensílios, instrumentos ou técnicas que possibilitam expressar e ampliar suas faculdades" (Dilmé et. al., 1999, p.79).

Estes conteúdos procedimentais são aplicáveis ao Diário Gráfico, ambos de registo do quotidiano e de reflexão, no uso em ensino-aprendizagem para os alunos, com o intuito de efetuarem registos das suas aprendizagens pelo treino do desenho, na elaboração de novas ideias, com a orientação do professor. Que visa ter um acompanhamento e momentos de reflexão entre os alunos e professor sobre a evolução e as experiências realizadas para verificar os resultados obtidos.

2.3 A importância da motivação na aprendizagem

Bruner (1972), aponta uma teoria de instrução prescritiva onde o professor procura a melhor forma de ensinar um assunto. Segundo a sua teoria, o cognitivismo defende mecanismos internos que interferem na aprendizagem, dado que não somos recetores passivos, mas ativos, com motivações que interferem na aprendizagem. Bruner (1972) observa que a partir de Piaget

o organismo passa por vários estádios que permitem adquirir o conhecimento – estruturas cognitivas e interação com o meio físico e/ social, fundamentando a sua teoria em quatro princípios (Motivação; estrutura; sequência; reforço), tendo por objetivo uma aprendizagem significativa, baseada na compreensão e no significado, não no condicionamento dos factos e detalhes.

Bruner (1972) identifica quatro características nesta teoria que importa agora nomear e que mais adiante serão descritas no contexto da importância da motivação na aprendizagem. As quatro características são:

1. Disposição para aprender - Motivação; 2. A estrutura dos conhecimentos - Estrutura; 3. Sequência; 4. Reforço.

Têm como objetivo uma aprendizagem significativa, baseada na compreensão e no significado e não no condicionamento dos factos e detalhes.

Para melhor entender os quatro princípios, precisamos a sua definição:

1 - Motivação – Antecede todo o comportamento, baseado na questão de que “se a pessoa não tem vontade de comer não lhe ponhas á frente o prato, cria-lhe o apetite!” O primeiro grande motivo da nossa condição humana é a curiosidade, o segundo é competência, que deve ser gradual, e assim o ensino deve ser diferenciado, fazendo de um dos grandes objetivos da aprendizagem, o gosto pela mesma. Por último a reciprocidade, que envolve uma necessidade de trabalhar cooperativamente com os outros. Para Bruner a sociedade desenvolveu-se como resultado desta motivação básica;

2 - Estrutura – toda a matéria deve ser dada na sua estrutura. Qualquer coisa pode ser ensinada em qualquer idade desde que o ensino seja adequado a essa idade. (Teoria de aprendizagem de conceitos por espiral – interdisciplinaridade);

3 - Sequência - o desenvolvimento intelectual ocorre de acordo com uma sequência, da representação motora, à icónica e à simbólica, sendo também a melhor sequência para qualquer matéria;

4 - Reforço – A aprendizagem requer reforço. Temos de receber um retorno sobre o que estamos a fazer. O reforço deve ser dado de forma compreensível. Produz o efeito da competência. A compreensão é alcançada pela aprendizagem motora, figurativa (icónica) e simbólica. Assim o professor deve ajudar a explorar alternativas e a descobrir novas relações.

Tem de se compreender que a motivação nunca atua separada da aprendizagem nem da percepção, pois segundo Sprinthall (1994) “os «três grandes» da Psicologia - a aprendizagem, a percepção e a motivação - estão em constante interação, cada um afetando e sendo afetado pelos outros dois. Não só a motivação afeta a aprendizagem, como a aprendizagem afeta a motivação” (Sprinthall & Sprinthall, 1994, p.505).

Para Sprinthall (1994), a motivação é composta por duas dimensões - a necessidade e o impulso. Leva-nos a entender que a necessidade se baseia num défice, numa falta no indivíduo que pode ser fisiológico ou psicológico. Os impulsos, embora sejam baseados nas necessidades, “também apresentam um caráter de mudança observável do comportamento” (Sprinthall & Sprinthall, 1994, p.505). A necessidade leva a pessoa para a ação, ou seja ao impulso, aproximando ou afastando-a de um objeto ou objetivo.

Bruner (1947) acredita que “a aprendizagem será mais duradoura quando é sustentada pela motivação intrínseca, do que quando é impulsionada pelo impulso dos reforços externos”. (Sprinthall & Sprinthall, 1994, p.505-506). No entanto, a motivação extrínseca pode ser necessária para obrigar o aluno a iniciar certas atividades ou para começar a ativar o processo de aprendizagem.

De acordo com Sprinthall (1994) identifica-se que as posições de Bruner e Allport são semelhantes, porque “a motivação intrínseca pode precisar de um reforço externo para ser iniciada, mas uma vez que passa a funcionar autonomamente, independentemente da recompensa externa, a aprendizagem verdadeira pode tornar-se numa ocupação sólida para toda a vida” (Sprinthall & Sprinthall, 1994, p.506).

Pressupõe-se que no papel de professor, seja o sujeito que pode e deve ser o orientador e o agente motivador das aprendizagens dos alunos, no sentido de os motivar nas suas descobertas e ativar o processo de aprendizagem.

2.4 Diário gráfico como Ferramenta didática

O desenho desde sempre assumiu um papel importante na investigação científica e na expansão das ciências, utilizado por investigadores e desenhadores, como por exemplo, Leonardo Da Vinci. Apesar dos avanços tecnológicos de registo e tratamento de imagens, o desenho continua a ser um meio importante de recolha de informação. Na área das artes

plásticas, existe uma longa tradição no uso de cadernos de registos gráficos, existindo vários artistas, cujos apontamentos em cadernos tiveram importância na evolução da sua obra. Servem de exemplo de artistas conhecidos, os diários de Cruzeiro Seixas, Corbusier, Fria Kahlo, Miguel Barceló, Pablo Picasso, Siza Vieira, entre outros.

O exemplo de um professor que usa o diário gráfico como Diários de Viagem, em “Desenhos do quotidiano” verifica-se em textos de Santos (2008), quando comenta sobre Eduardo Salavisa, um professor do ensino secundário que gosta de viagens sem itinerário marcado, de preferência pelo Sul, como América do Sul, Europa do Sul e Cabo Verde. Cita a observação em que, Salavisa diz que, "normalmente ando com canetas de várias espessuras e uso-as conforme a escala do que quero representar. [...] As cores, aguarelas, aplico-as depois à noite no hotel, ou onde estiver alojado. Permite-me relembrar o dia, escrever alguma coisa que acho que devia ser lembrada, colar algum bilhete ou outra coisa do género", (Santos, 2008, 19 de dezembro).

Santos (2008) descreve pelas palavras de Salavisa que vê o diário de viagem ou caderno de esboços ou diário gráfico como um caderno de capa grossa, com cantos e lombada de pano e que acompanha os artistas e escritores onde tomam notas, fazem apontamentos e desenhavam esboços, quando numa viagem ou num momento de reflexão e inspiração. Anota a indicação de Salavisa em que, "há uns anos iniciei a experiência de introduzir o Diário Gráfico como instrumento no ensino/aprendizagem nas disciplinas onde o desenho tem uma importância fundamental" (Santos, 2008, 19 de dezembro). Deste modo verifica-se o seu entusiasmo na utilização desta ferramenta didática como meio de trabalhar o desenho.

Salavisa dá enfoque a opinião de um colega de profissão, a qual menciona o diário de viagem como uma espécie de mini-estúdio ambulante, ou laboratório port que ajuda a criatividade durante o dia inteiro. O autor vê a viagem como um espaço de disponibilidade, com mais tempo e capacidade para observar e registar, sendo que, num caderno, cada desenho está dependente da série ou conjunto em que se integra.

Num dos encontros dos Urban Sketchers, Salavisa explica: “tenho recolhido também experiências de professores, colegas meus e eu próprio, com alunos, de níveis diversificados, sobre o modo de lhes incutirem o hábito de transportarem o Diário Gráfico a fim de serem mais

observadores e desenharem mais e melhor”, (Salavisa, entrevista pessoal, 10 de novembro. 2013).

Segundo Salavisa (2013), para aprender a desenhar, depois de muitos anos a ensinar desenho sobretudo a adolescentes, o mais importante é começar por gostar de desenhar ou, pelo menos, de ter resultados como se fosse uma coleção. O caderno também vem daí. Pois serve para guardarem os desenhos, além de, como é transportável, podermos andar com ele como se viajássemos no dia a dia. (Salavisa, entrevista pessoal, 10 de novembro 2013).

Ançã (2009), artista e professor, afirma que “desenhar ou pintar com materiais desconhecidos, inventados, improvisados, torna-se não apenas uma aventura bem como um desafio, porque nos obriga a encontrar novas soluções e, inevitavelmente, a obter novos resultados”, (Farelo, 2009, 19 outubro, p.18).

Na opinião da artista e professora, Cid (2009), “criar e para o fazer necessito, na maior parte das vezes, de privacidade e de entrar num espaço onde tudo é possível. O diário gráfico tem sido o palco para muitos desses momentos de inspiração” (Farelo, 2009, 19 outubro, p.20). Cid (2009) afirma que:

Sou fascinada pela peculiaridade de feições e gestos que pertencem a cada indivíduo, e pela possibilidade que o desenho oferece de captar algumas dessas características e perpetuá-las. Uma vez anotada determinada coisa, pessoa ou situação que me cativou, é delicioso mergulhar na fantasia e num imenso mundo de possibilidades e imaginar novas histórias, situações ou coisas provenientes desse primeiro registo. (Farelo, 2009, 19 outubro, p. 20).

Na vertente de Diários de Viajantes, Investigadores e Desenhadores científicos, recolhe-se as observações em que “o desenho teve sempre um papel fundamental na investigação científica e difusão das ciências. Mesmo com os avanços tecnológicos de registo de imagens como a fotografia e o vídeo, o desenho continua a ser importante na recolha de informação em viagens e na investigação científica”. (Farelo, 2009, 19 outubro, p. 26)

Para além dos usos estritamente profissionais, retira-se a ideia que “há nos cadernos de cientistas e desenhadores científicos, pausas saudáveis nos rigores dos cânones de escrita e ilustração académicos”. Os desenhos e anotações em cadernos são lugares de experimentação, “onde é possível registar observações pessoais, hesitações, reflexões intuitivas ou

fragmentárias. Neles, sequências de desenhos de insectos tomam a forma de bestiários fantásticos ou das impressões de terreno de um antropólogo, surgem narrativas de viagem que as convenções da disciplina tendem a marginalizar” (Farelo, 2009, 19 outubro, p. 26).

Observa-se que, o hábito de desenhar “permite a investigadores e ilustradores científicos estarem conscientes das dimensões criativas das suas práticas profissionais, melhor do que fotografia ou o vídeo, presumidamente registos mais próximos da realidade, apenas porque é mais forte a ilusão de serem menos vulneráveis à mediação das subjetividades do olhar” (Farelo, 2009, 19 outubro, p.27). Estas observações sobre os cadernos gráficos vêm apoiar e reforçar a importância e o valor do desenho e destes cadernos gráficos.

O Desenho como meio de expressão plástica é visto como meio do fazer, de registo de uma ideia na imaginação de alguém, ou num acentuar o sentido moral desse esforço comum em benefício da coletividade. De igual modo Salavisa salienta que se trata de “um documento ou de registo de observação, na importância de conservamos um reflexo dos aspetos de um tempo que já foi vivido, tal como estamos a viver agora, e para sempre, o que passou” (Salavisa, entrevista pessoal, 10 novembro, 2013). Igualmente pelo Desenho se criam formas livremente, se reproduz e exprime tudo o que imaginamos ou sentimos, no seu horizonte, visto deste modo, não tem limites. Por este meio, podemos então dar expansão aos sentimentos captados, de como o desenho é capaz de acompanhar, sem esforço, todas as divagações da nossa fantasia.

Esta maneira de usar e ver o desenho como um meio em que pode despoletar a imaginação, do desenvolver o domínio do gesto, no ensino do desenho, deveria iniciar-se desde o ensino pré-primário e ensino básico do primário, e, ter um contínuo acompanhamento em todo o percurso dos alunos, começar no ensino básico, ou mesmo quase no fim do desenvolvimento do seu percurso, no ensino secundário.

A questão de partida centraliza-se na utilidade do Diário gráfico para o desenvolvimento de muitos aspetos relacionados com a literacia visual. O uso deste objeto de aprendizagem implica recurso a tarefas, a um processo e no final a avaliação. Aqui o diário visual (o Diário Gráfico) será útil ao funcionar como um arquivo onde os alunos podem procurar ideias, e constituirá igualmente, uma ajuda para desenvolver a memória, ver o mundo de outro modo, de um modo mais atento, na construção de seus trabalhos ou projetos e produzir novas ideias.

O processo envolvido nesta aprendizagem consistirá nos registos da realidade que é observada, onde se pode explorar o modo de representação, utilizando diversos materiais e técnicas (por exemplo em exercícios experimentando desenhar com o pau de carvão, lápis de aquarela, pastéis de óleo ou secos e diversos suportes, ou aplicando tinta da china e soprando, misturando colas e tintas, decalcando, estampando, entre outras técnicas), deste modo, poderão familiarizar-se com estes materiais e com a forma de os aplicar. Melhoram a capacidade de desenvolver os projetos e na realização de trabalhos por iniciativa própria, de se tornarem mais autónomos na decisão de como realizar os projetos propostos.

O processo implica ainda a recolha de imagens, objetos diversos de diferentes materiais, de modo a compreender e conhecer as várias possibilidades de relacionamento entre estes e estimular a imaginação.

No desenho pela observação, quando se regista um determinado momento, o nosso olhar torna-se mais rigoroso, percebem-se inúmeros detalhes, formas e sinais que inicialmente passam despercebidos ao olhar desatento (as proporções e volumetrias dos objetos, detalhes que constituem as relações entre objetos, os pormenores e os mecanismos), implicando uma melhor compreensão e memorização do que se observa.

Numa tentativa de sistematizar os diversos usos dados ao diário gráfico, importa salientar acima de tudo no processo criativo nas quatro dimensões ao nível concetual e do desenho, sendo estas a observação, reflexão, exploração e criação, as quais se relacionam em reciprocidade.

O objetivo elementar do Diário Gráfico é servir como um local para registar observações do que nos rodeia. A reflexão, desenhar no diário gráfico no sentido de perdurar momentos de reflexão através de memórias. A exploração, trabalhar nesta dimensão para captar emoções, as cores e os materiais, os quais fazem com que o trabalho seja autêntico, com o registo de experiências da vida. Por fim a criação, que é o registo de uma passagem criativa, está ligado ao fazer, sem ter a finalidade o produto final, um diálogo entre o impulso criativo e uma eventual realização. Neste processo o diário gráfico torna-se um suporte de todas as atividades que requeiram reflexão e criatividade na conceção de ideias. Sendo esta ferramenta um suporte privilegiado para o seu registo.

Com o presente estudo sobre a utilidade do diário gráfico, pretende-se identificar a importância do desenvolvimento da criatividade, na expressão artística e estética, no domínio do gesto, na

reflexão das ideias, no desenvolvimento da inteligência criativa, aspetos que podem ser desenvolvidos neste objeto de aprendizagem. Para iniciar este tema, importa debruçar-nos sobre a definição de criatividade. Esta sempre foi utilizada de maneira diversa sem um compromisso com o seu significado preciso, quando a coisa é difícil de definir ou entender. Um exercício interessante é observá-la sob diversos ângulos, levando à questão o que é a criatividade? Como se pode medir ou avaliar o seu desenvolvimento?

Numa primeira abordagem, Navega (2000) observa que a “Criatividade é a obtenção de novos arranjos de ideias e conceitos já existentes formando novas tácticas ou estruturas que resolvam um problema de forma incomum, ou obtenham resultados de valor para um indivíduo ou uma sociedade”. E define ainda que, a “Criatividade pode também fazer aparecer resultados de valor estético ou percetual que tenham como característica principal uma distinção forte em relação às ideias convencionais” (Navega, 2000, outubro).

Sousa (2003) identifica vários aspetos de definição sobre a criatividade, identificando 5 tipos de criatividade e as etapas do pensamento criativo. Em termos epistemológicos, define que “a criatividade deriva das palavras «criar» e «criação»”. Igualmente considera a diferenciação entre a criação e a criatividade. “A criação refere-se ao aparecimento real de uma coisa. Criatividade será uma capacidade, uma aptidão. A criatividade define-se pelas obras que cria e só por meio delas existirá.” (Sousa, 2003, p.188).

Drevdahl (1956) descreve a criatividade como uma capacidade da seguinte forma:

«A criatividade é a capacidade do homem de produzir resultados de pensamento de qualquer índice, que sejam essencialmente novos e que eram previamente desconhecidos de quem os produz. Pode tratar-se de imaginação ou de uma síntese mental que seja mais do que um mero resumo.

A criatividade pode implicar a generalização de novos sistemas e combinações de informações conhecidas, como também a transferência de relações conhecidas a novas situações e o estabelecimento de novas correlações. Uma atividade criativa deverá ser intencional e dirigida a um fim, não inútil ou fantástica, ainda que o produto não tenha que ser imediatamente aplicável à prática nem perfeito ou acabado de todo. Pode adotar uma forma artística, literária ou científica, de realização técnica ou metodológica» (Sousa, 2003. P.189).

Assim, na perspetiva de Sousa (2003) “a criatividade parece, pois, ser uma capacidade ou aptidão humana para produzir ações intelectuais inteiramente novas e desconhecidas de quem as produz”, trata-se de produtos da imaginação ou de sínteses mentais, mas “produzindo sempre conhecimentos novos, constituindo por isso uma capacidade mais importante que a aprendizagem de conhecimentos”. Em Einstein (1950), cita «A imaginação é mais significativa que o saber» (Sousa, 2003, p.189).

Através de Taylor (1955), se identifica uma caracterização de cinco tipos de criatividade, que mereceram a aprovação geral de vários autores. Define-se pelos seguintes tópicos:

- 1- Criatividade Expressiva, “em que a pessoa tem inteira liberdade de expressar os seus sentimentos, de modo criativo” (interessa mais a pureza emocional do ato de criar). Neste âmbito identifica-se em atividades do desenho livre, a expressão verbal, a improvisação dramáticas e outras atividades semelhantes;
- 2- Criatividade Produtiva, “em que a criação está restringida a certas condições metodológicas, de tempo e de economia”. Interessa mais a produção da obra que a expressão. Tendo como exemplo a investigação científica;
- 3- Criatividade inventiva, “em que se unem as características expressivas e produtivas para se obterem invenções totalmente inéditas.” Exemplos deste tipo são a lâmpada elétrica, a TV, o telefone e outros do mesmo género;
- 4- Criatividade Inovadora, “que se refere a modificações revolucionárias num campo específico de estudos, das ciências ou das artes, trazendo novas perspetivas. Mais do que a criação de obras, trata-se da transformação criativa de teorias e de concepções. Einstein é um exemplo deste tipo de criatividade”;
- 5- Criatividade Emergente, “só conseguida pelos génios, que conseguem fazer da criatividade um hábito quotidiano”. Exemplos de Leonardo Da Vinci, Camões e Mozart, podem ser apontados como tal, “por possuírem uma extrema facilidade criativa, quase que constante, natural e espontânea. (Sousa, 2003. P.190).

Estes 5 tipos de criatividade identificados são possíveis de desenvolver através da utilização dos Diários Gráficos, sendo um dos exemplos os cadernos de Leonardo Da Vinci, que registou em vários cadernos ideias, estudos de inventos e de obras de arte. Pode assim este objeto de aprendizagem, o Diário Gráfico, ser perfeito para essa prática de desenvolvimento criativo. Podemos assim criar novos génios criativos ao explorar as ideias pelo hábito do registo. Hábito que pode se tornar em atos espontâneos de criatividade.

Com exceção da criatividade expressiva, nos outros tipos de criatividade o pensamento atravessa por várias fases até conseguir chegar ao produto final. Aqui Sousa (2003) descreve uma interessante referência de quatro etapas no processo de pensamento criativo por Wallas (1926), são estas: 1ª Preparação; 2ª Incubação; 3ª Iluminação; 4ª Verificação.

Sousa (2003) referencia igualmente Harris (1960), o qual ampliou posteriormente estas quatro fases para seis:

1ª – Reconhecimento do Problema; 2ª – Recolha de Informação; 3ª – Atividade mental tratando esta informação; 4ª – Imaginação de soluções; 5ª – Verificação de Soluções; 6ª – Colocação em Prática. (Sousa, 2003, p.191-192).

Estas fases estão de certo modo relacionadas com as fases da elaboração de projetos, que segundo Munari (1981), se relacionam com a metodologia projetual, o saber projetar, a qual é subdividida em doze fases, desde o problema até à solução, em tal percurso do pensamento criativo inclui num dos passos a criatividade na elaboração da ideia. As fases são as seguintes:

1ª – Problema; 2ª – Definição do Problema; 3ª – Componentes do Problema; 4ª – Recolha de Dados; 5ª – Análise dos Dados; 6ª – Criatividade/ Ideia; 7ª – Materiais/ Tecnologias; 8ª – Experimentação; 9ª – Modelo; 10ª – Verificação; 11ª – Desenho construtivo; 12ª – Solução. (Munari, 1981.p. 39-66).

Este estudo do Diário Gráfico é focado essencialmente na fase da transição da Escolaridade Básica para a Escolaridade Secundária, para se perceber o nível de desenvolvimento do pensamento criativo que os alunos podem ou não ter de capacidade de atingir.

Sousa (2003) faz referência ao projeto de pesquisa de Lingon (1957), o qual se aproxima do desenvolvimento da criatividade, focando as principais características do desenvolvimento da imaginação criadora para cada nível etário (neste estudo é focado o nível etário de interesse ao mesmo, não desprezando no entanto os níveis etários anteriores).

Dos 14 aos 16 anos (3º Ciclo)

- «- Nesta idade, grande parte da atividade imaginativa parece dedicar-se a uma carreira futura;
- Os interesses, vocação e aptidões desenvolvem-se rapidamente, nomeadamente a criatividade, mas antes dos 16 anos ainda permanecem bastante instáveis;

- Tem capacidade para verificar que não existem soluções absolutas para alguns problemas, mas ainda não possui destreza na criação de soluções;"
- (Sousa, 2003. P.195).

Dos 16 aos 18 anos (Ensino Secundário)

- “- Necessita de dar plena liberdade às suas capacidades criadoras, conseguindo pela prática distinguir o que é do que não é importante;
 - Possui já boa capacidade de pensar em termos abstratos e em formular hipóteses e probabilidades, no âmbito da criação;
 - É capaz de canalizar a sua energia emocional para ações criativas.”
- (Sousa, 2003, p.195-196)

Sousa (2003) esclarece que, “estimular a criatividade será também provar à criança que se confia nela, nas suas possibilidades de realização, levando-a a descobrir que a criação é mais importante que a simples execução reprodutiva. Ela própria reparará que afinal a técnica é apenas um meio para dar forma à sua imaginação criativa.” (Sousa, 2003, p.196).

Pois devemos, segundo Sousa (2003), “encarar a criação como uma necessidade biológica da criança, tal como as outras necessidades. A vida da criança é de constante desenvolvimento, inteiramente voltada para a construção de si, e, conseqüentemente, para a criação constante” (Sousa, 2003, p.196).

Numa perspetiva de uma educação criadora, segundo Sousa (2003), “só uma educação voltada para a criatividade poderá permitir uma disponibilidade criadora face aos problemas desconhecidos que se deparem, através de uma constante adaptação às formas, de uma constante invenção de novos processos e de uma constante colaboração e cooperação social” (Sousa, 2003, p.197). Esta observação é consideravelmente relevante para a visão de uma educação criadora a manter nas escolas e no ensino em geral, pela importância que tem neste estudo sobre o desenvolvimento da criatividade e do pensamento criativo pelo Diário Gráfico em contexto do ensino-aprendizagem das artes visuais e artes plásticas.

Sousa (2003) identifica a importância da criatividade na educação como uma atitude na vida, descreve deste modo que, “uma educação que fala de criatividade, onde outras falam de cultura, colocando esta atividade acima do conhecimento. Criatividade não significa, porém, criação de obras. É uma atitude na vida, uma capacidade para dominar qualquer situação da existência”. (Sousa, 2003, p.198)

No que diz respeito à importância na avaliação da criatividade, Nogueira (2006), leva-nos a entender que, em termos de criatividade importa avaliar a fluência, a flexibilidade, a originalidade e a elaboração expressas quer através de palavras quer de imagens, pelo fato de pensarmos por palavras e ou por imagens.

Estes critérios de avaliação da criatividade referidos estão relacionados com os processos cognitivos de Guilford (1950), que é descrito como um cubo tridimensional, com a conjugação de três dimensões, sendo estas:

1 - Os conteúdos – Tipos de informação; 2- Os produtos: formato mais ou menos complexo da informação que se tem de lidar; 3 - As operações: representam o modo de funcionamento cognitivo, “em que destacam a cognição, a memória, a avaliação, a produção convergente e a produção de criatividade”, (Nogueira & Bahia, 2006, p 55).

No que diz respeito às metodologias de avaliação da criatividade, Nogueira (2006), refere que “apesar dos cuidados metodológicos, continuam a levantar-se dificuldades no estabelecimento de critérios objetivos capazes de avaliar os produtos criativos.” (Nogueira & Bahia, 2006, p 67). De modo a concluir as suas observações sobre a avaliação da criatividade, Nogueira (2006) indica que para “podermos afirmar que a análise dos produtos criativos constitui uma das formas mais ricas de avaliação da criatividade, mas também uma das mais complexas.” (Nogueira & Bahia, 2006, p 69)

No que diz respeito ao desenvolvimento das competências e capacidades criativas, pelos meios atuantes, Tschimmel (2003), afirma que o “reforço das competências criativas parece relevante face às mudanças estruturais numa sociedade dinâmica e competitiva”, igualmente refere que uma formação que vise “o desenvolvimento dum flexibilidade intelectual e criativa, um pensamento integral e imaginativo, uma razão crítica e a capacidade de auto-responsabilidade”. (Vasconcelos& Elias, 2006, p. 67)

Segundo Vasconcelos (2006), “o desenho pode considerar-se como espaço de eleição da criatividade”. De acordo com esta ideia, pelo desenho, “não só pela utilização de diferentes técnicas e preceitos da própria disciplina (desenvolvimento de capacidades perceptivas, espaciais, cognitivas) como através do favorecimento de estruturas concetuais que incentivam a investigação e o questionamento de ideias”. (Vasconcelos & Elias, 2006, p. 67-68). Cumpre diversas funções, a de “uma ferramenta de pensar e de expressão do pensamento; estímulo à criatividade; um instrumento de comunicação de ideias; um processo de conhecimento do

próprio e lugar de expressão de subjetividade; um percurso evolutivo”. (Vasconcelos& Elias, 2006, p. 68)

Gardner (1989) afirma “o desenho parece facilitar a criatividade no seu sentido mais fundamental ao contribuir para o desenvolvimento da perceção, clarificação do desenvolvimento concetual, provocando a geração de ideias e facilitando a avaliação de propostas” (Vasconcelos& Elias, 2006, p. 70).

Neste sentido é relevante a utilização do diário gráfico para registo de novas ideias, no desenvolvimento criativo pelo registo em desenho, de modo a desenvolver o pensamento criativo, para encontrar possíveis respostas às propostas de resolução de problemas, desafios e ou situações que possam ser registadas no diário gráfico de modo a elaborar um percurso e de uma corrente de pensamento criativo.

De acordo com Vasconcelos e Elias (2006):

“Pensar através de representações gráficas, como esboços e diagramas concetuais, parece desempenhar um papel significativo na resolução de problemas. O pensamento do design é acompanhado e embebido no ato de desenhar. Os esboços gravam uma sequência de movimentos do pensamento que refletem uma dialética sistemática entre dois modos de pensar: «ver como» e «ver que».” (Vasconcelos & Elias, 2006, p. 70)

Vasconcelos (2006) defende que “os novos meios tecnológicos não enterraram o desenho, antes pelo contrário, este participa nas novas tecnologias digitais, tornando mais ampla a definição do desenho, nas práticas criativas contemporâneas”. Desta maneira entende-se que de “acordo com esta nova definição do desenho analógico e o desenho digital são duas práticas do desenho contemporâneo sobre as quais diversos autores têm vindo a debater as competências no quadro das artes visuais”. (Vasconcelos& Elias, 2006, p. 71)

Num determinado domínio das expressões artísticas Gagné (1999), identifica um conjunto de dois fatores catalisadores no domínio das artes, “um a nível pessoal e outro a nível ambiental, isto inclui contextos educacionais promotores do talento e cuja importância é igualmente crucial para a sua expressão” (Bahia, 2008, p 140).

Sobre a relação entre as várias disciplinas Eisner (2002), observa que na educação artística “é frequentemente considerada inconsistente e é lecionada de forma descontextualizada das restantes disciplinas, não dando oportunidade para trabalhar sequencialmente problemas”

(Bahia, 2008, p 140). Ou seja, observa-se que existe pouca interação entre áreas disciplinares diferentes, a nível de projetos e conteúdos, que podem coexistir numa atitude de interdisciplinaridade.

A perspetiva de Matthews (2003), “acusa o ensino artístico de não dar tempo ao aluno para experimentar e comunicar pela expressividade” (Bahia, 2008, p 140). Este sentimento é partilhado por vários professores da área das artes, pois os currículos são estruturados com imensos tópicos de formação, que se pretende que o aluno desenvolva em curtos períodos de aula dessas mesmas disciplinas.

Segundo Rolling (2008), o “não reconhecer a relevância da arte nas famílias, em contexto social e nos currículos escolares”, para o qual é “necessário o apelo à inclusão de arte contínua a ser uma aposta ineficaz” (Bahia, 2009, p 140).

Em sentido oposto assiste-se à insistência na valorização do conhecimento científico e tecnológico em vez do artístico, quando é necessário o equilíbrio nas várias áreas de conhecimento.

São vários os constrangimentos que se vão identificando como as práticas educativas (as políticas educativas), culturais, económicas e sociais que bloqueiam a criatividade. O conformismo, a comparação, a pressão para o realismo (a cópia fiel), a falta de espaço para a criatividade.

Uma das grandes preocupações é dar tempo ao pensamento criativo. Na nossa sociedade contemporânea e do imediatismo, damos demasiado valor à rapidez, uma indicação clara dos nossos valores. Sternberg & Williams (1999) diz que, “na verdade, uma das formas para dizer que alguém é esperto é dizer que a pessoa é rápida” (Sternberg & Williams, 1999, p.27).

Uma das claras evidências dessa velocidade, que se verifica no ensino, é no caso da avaliação, em que em muitos dos testes habituais, os problemas são de escolha múltipla, para se resolver de forma rápida.

A maior parte das perceções criativas, não acontecem de repente, precisamos de tempo para perceber um problema, para depois poder resolvê-lo. E se nos for pedido para pensar de forma criativa, precisamos de tempo para o fazer bem. Pois se forem dados aos alunos testes/ exames cheios de questões, ou, “se der aos alunos mais trabalhos do que os que podem ser feitos, então não lhes dá tempo para pensar criativamente.” (Sternberg & Williams, 1999, p.27). Se

queremos que os alunos desenvolvam competências a nível de um raciocínio criativo, é preciso de dar tempo para que o consigam fazer. Nesta linha de pensamento, a maneira de exercitar o raciocínio de pensamento criativo, será por atribuição de exercícios, em que se esclarece bem o que é pretendido, explicando que é necessário utilizar o tempo para pensar atentamente, de uma forma aberta e criativa sobre um problema, incentivando também os alunos a que aprendam que o tempo é para ponderar e pensar. Nesse sentido Sternberg & Williams (1999) defende que os alunos devem ser estimulados para que “sintam, pensem e façam uma listagem de opções antes de escolher a que pretendem seguir” (Sternberg & Williams, 1999, p.28).

Esta é uma situação de exercícios aplicáveis na utilização do diário gráfico, no estudo de um projeto, em que é dado o ponto de partida, o problema a resolver. Este procedimento de raciocinar de acordo com o autor Sternberg & Williams (1999) “aumenta a qualidade do produto final e ajuda os alunos a planificar a execução de um projeto desde o início” (Sternberg & Williams, 1999, p.28). É importante criar tempo necessário para ensinar aos alunos o valor do pensamento, que aumenta a qualidade do trabalho realizado e faz com que as tarefas sejam mais produtivas e se tornem essencialmente experiências de aprendizagem envolvente.

Uma das dificuldades que se identifica da parte de alguns professores reside na classificação, no avaliar de trabalhos e das respostas criativas, com objetividade necessária. Em resposta a esta preocupação pode-se verificar na afirmação de Sternberg & Williams (1999), que “se o objetivo da avaliação é instruir os alunos, então é melhor pedir trabalhos criativos e avaliá-los com suposta menor objetividade do que avaliar alunos a pretexto de trabalhos não criativos”. Deste modo o autor encoraja que se indique aos alunos “que não há uma forma completamente objetiva de avaliar a criatividade.” (Sternberg & Williams, 1999, p.31).

Em suma, é de salientar que as várias formas de desenvolver a criatividade do aluno, tanto da parte de professores como dos alunos, valorizando e dar reconhecimento de realizações criativas são de referenciar, e segundo Sternberg & Williams (1999):

Para encorajar a criatividade dos alunos, tem de identifica-la, alimentá-la e premiá-la. Os alunos não são frequentemente encorajados a atentar na criatividade nas respetivas tarefas e discussões. É dever dos bons professores premiar a criatividade, considerando especialmente o papel que está desempenhando no interior e no exterior da escola. (Sternberg & Williams, 1999, p.31)

Capítulo III - Metodologia de Investigação

Neste capítulo pretende-se descrever e justificar a opção metodológica utilizada nesta investigação, fundamentada no uso de investigação participativa fazendo referência às fases e ações realizadas para o desenvolvimento de projetos, às técnicas utilizadas na recolha de dados e aos procedimentos de análise efetuados.

Piaget e outros autores estudaram os vários estádios de desenvolvimento da criança que se debruçaram sobre a observação de comportamento de desenvolvimento da criança desde que inicia a sua tentativa de expressar e interpretar o mundo como o vê e sente.

Iniciamos esta aventura, de interpretar as imagens que retemos do mundo e das sensações que se desenvolvem pelas experiências vividas. Estas experiências são representadas, em primeiro lugar pelo desenho e depois com a aprendizagem dos códigos, letras e números, que expressam igualmente sentimentos e sensações.

Sobre o modo como a criança expressa as suas sensações pelo desenho desde que estimulado pode proporcionar um melhor desenvolvimento do ser humano, e da sua capacidade criativa. Este potencial é visto como algo que deve ser incutido e estimulado nas crianças em contínuo desenvolvimento, pela importância da satisfação que pode dar ao expressar o que sente e como interpreta o mundo. Este desenvolvimento criativo proporciona um sentimento de satisfação pessoal, permitindo desenvolver capacidades de interpretação criativas, ajudando no crescimento e no tornar um adulto pleno e realizado, pois ao proporcionar a liberdade de expressão criativa, proporciona a curiosidade, a descoberta e a aquisição de conhecimento assim como a interpretação e na reflexão. Proporciona-se assim a criação de novas ideias e situações, assim como o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas.

ALGUMAS ATIVIDADES PRÁTICAS INSERIDAS NO ENSINO SECUNDÁRIO

Já foi referido anteriormente que segundo Zabala (1999), para atingirmos a aprendizagem dos conteúdos o domínio de algo, o autor defende que temos que percorrer quatro fases: Realizar ações; Exercitar; Refletir; Aplicar em diferentes contextos.

Será neste âmbito que a introdução do diário gráfico tem sido um forte contributo para o domínio do gesto, desenhar, refletir ideias, experimentar técnicas.

A arte existe enquanto representação e a obra de arte é o produto da ação de moldar uma ideia. O gesto pode ser espontâneo ou controlado, o que segundo Zabala (1999) e para a atividade do domínio do gesto, comporta quatro aspetos fundamentais:

Conhecimento e domínio do próprio corpo – trajeto do gesto;

Conhecimento e domínio das ferramentas e dos materiais (qualidade e utilidades);

Conhecimento e domínio da linguagem plástica e visual;

Conhecimento e domínio espacial (vertentes projetiva e métrica);

Focaram-se estes aspetos como incentivo aos alunos para o desenvolvimento das ideias nos seus projetos.

Este estudo partiu da preocupação de como se poderia colocar em prática o conceito da utilidade do Diário Gráfico, como ferramenta exploratória, que aos poucos se tem introduzido nas disciplinas de Educação Visual e em Desenho no Ensino Secundário.

3.1 Trabalho prático e observação – Investigação participativa

No decorrer desta investigação, a preocupação inicial foi a transmissão da importância da utilidade deste objeto de aprendizagem, o Diário Gráfico, da sua compreensão e aceitação, para depois ser adaptado como ferramenta de trabalho exploratório, e, por fim a sua avaliação.

Este projeto de investigação foi definido em duas fases. A 1ª fase, sensibilização e divulgação sobre o Diário Gráfico. A 2ª fase implementação do uso do Diário gráfico. Cada fase teve diferentes ações para a levar à prática.

Foram utilizados conceitos do manifesto dos Urban Sketchers, tendo em consideração que neste grupo se encontram artistas e professores. Este manifesto foca os seguintes objetivos/princípios:

1. Desenhar in situ, no interior e no exterior, registando diretamente o que é observado.
 2. Os desenhos contam a história do que os rodeia, os lugares onde vivem e por onde viajam.
 3. Os desenhos são um registo do tempo e do lugar.
 4. São fiéis às cenas que presenciam.
 5. Usam qualquer tipo de técnica e valorizam cada estilo individual.
 6. Apoiam-se uns aos outros e desenharam em grupo.
 7. Partilham os desenhos online.
 8. Mostram o mundo, um desenho de cada vez.
- (Urban Sketcher, 30 abril 2012)

Este manifesto é uma inspiração, para o ato de desenhar para todos os participantes nestes encontros, e igualmente um fator motivador. A partir desta motivação transitou-se para a realização do trabalho prático, que se iniciou com a 1ª ação, a clarificação do que é o diário gráfico, para quê que serve, e todo o potencial que se pode tirar partido deste objeto de aprendizagem. Foram iniciados exercícios em aula, para adaptação ao uso do caderno, nas disciplinas de Desenho e em Oficinas de Artes (OAr) no planeamento dos projetos.

Numa 2ª ação deste projeto, passou-se para fora de aula, com o incentivo à realização de exercícios observação, durante a realização dos projetos das disciplinas de desenho e em oficina de artes, depois em casa e a caminho da escola, etc.

Numa 3ª ação deste projeto, utilizou-se o Diário Gráfico para as visitas de estudo, como exposições, analisando e desenhar obras em museu, nos jardins, etc. Utilizou-se igualmente o D.G. em visitas de estudo a cidades fora de território português, para conhecer outras realidades, novos ambientes e proporcionar uma cultura visual diversificada, assim como para efectuar registos em diferentes contextos culturais e artísticos. Foram realizadas 2 viagens de estudo a cidades europeias (primeiro a Madrid em 2012 e em segundo a Barcelona em 2013). Estes momentos proporcionaram uma elevada motivação e entendimento do registo em diário gráfico. Neste processo verifica-se que o D.G. se foi tornando cada vez mais um objeto pessoal. Durante este estudo foi igualmente oportuno dialogar com alguns Professores e artistas dos Urban Sketchers, sobre o diário gráfico e a sua importância no seu percurso artístico e no ensino, tanto que em cada encontro ou viagem que realizam, fazem a partilha desses registos, palestras de viagem de estudo com os seus alunos utilizando o D. G. como um percurso dessa viagem em momentos estruturados. Nestas visitas de estudo aplicou-se um guião de visita de estudo estruturado, com a indicação dos locais a visitar e os exercícios a realizar. Aqui o papel do professor como elemento motivador e orientador foi determinante para o sucesso da aplicação dos exercícios propostos no guião.

METODOLOGIA UTILIZADA NOS DIFERENTES MOMENTOS PARA A RECOLHA DE DADOS:

Primeiro momento: enquadramento do projeto - observação para identificar as dificuldades dos alunos. Apresentar uma abordagem feita a partir da recolha de dados precisos sobre o uso do diário gráfico como instrumento didático do ensino básico e secundário, para verificar reações dos alunos.

Segundo momento: Foi feita a análise dos trabalhos realizados pelos alunos; foi feita a recolha de dados através do registo de observações em diário de bordo semanal; feita recolha de dados através de entrevistas semiestruturadas e conversas com professores da área artística e de geologia, e, com o orientador de estágio. Foram realizados questionários com perguntas abertas e fechadas, entrevistas individuais e conversas informais com alunos e transcritos os aspetos que apoiam a pesquisa sobre o Diário Gráfico. Desta forma o objetivo foi recolher registos relativamente às diferenças no uso do diário gráfico como ferramenta de aprendizagem e de reflexão em outras áreas disciplinares, sobre o desenvolvimento criativo, o contributo para o aumento da capacidade de abstração, da consciência crítica, da concentração e da observação, concretamente no ensino das artes visuais.

Terceiro momento: apresentação dos resultados obtidos pelo tratamento dos dados recolhidos.

Quarto momento: reflexões sobre a investigação realizada. Com base nos resultados apresentados foram produzidas reflexões sobre os mesmos a fim de identificar ou apresentar questões ou ponderações acerca da influência desta ferramenta de aprendizagem no ensino artístico ao nível do ensino básico e secundário.

Recursos: Publicações, artigos na Internet, grelhas e quadros cronológicos, guião de observação, diário de investigação (diário de bordo semanal), notas de campo, inquérito por entrevista (semi- estruturada), inquérito (fechado).

3.2 A investigação – ação

Neste estudo foi optou-se por se realizar uma investigação-ação com um abordagem metodológica qualitativa, baseado em entrevistas semiestruturadas, por inquéritos com perguntas abertas e fechadas, com análise de respetivos dados e análise de documentos, para verificar e validar os objetivos desta investigação. As razões que levaram a escolherem a metodologia de investigação-ação na prática de investigação educativa, a qual está inerente à prática reflexiva. com intenção de seguir um processo dinâmico de ação e intervenção, no investigar e agir ou investigar agindo, de forma a contribuir para a melhoria das práticas educativas e para que seja possível fazer uma recolha de dados por observação direta e ação direta, de modo poder melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem.

Na fase de observação direta seguiu um planeamento tendo como base um projeto com duas vertentes, uma de introdução teórica, na componente letiva, em sala de aula e uma segunda de trabalho prático em sala, trabalho de campo, e atividades extra curriculares, as visitas de estudo, palestras, exposições dos trabalhos resultantes de projetos (numa vertente de motivação às Artes – na comunidade interna e externa).

Deste modo fez-se a introdução do diário gráfico como um instrumento de trabalho, com base num interesse exploratório do desenho, observação e reflexão, salientando-se a importância da observação, do registo e do refletir o mundo que nos rodeia, de forma a levar os alunos a desenvolver a capacidade de observação, de registo e de abstração a partir de elementos concretos.

Pretendeu-se criar hábitos de registo metódico, de forma a desenvolver a qualidade de registos de observação, através da reflexão das ideias e o desenvolvimento da criatividade, como espaço de experimentação para, desta forma, se compreender a grande importância do uso do diário gráfico de uma forma sistemática como uma estratégia de ensino/aprendizagem.

No início do projeto durante o período de observação, recolheram-se dados de atitudes em relação ao Desenho e foram elaboradas hipóteses a explorar, respeitando observações de atitudes de registo de desenho, as dificuldades sentidas nos alunos por questão da falta de hábito em desenhar, e pouco desenvolvimento da criatividade.

Observações de atitude em registos de desenho:

Falta de hábito de trabalho fora da sala de aula;

Pouco hábito em refletir as dificuldades;

Dificuldades na aceitação de críticas;

Pouco desenvolvimento da criatividade;

Estas observações foram realizadas durante o acompanhamento nos vários momentos de aulas e em observação das aulas assistidas e aulas dadas, em contexto de sala de aula e em aula de campo (visitas de estudo e aulas de desenho no exterior da escola).

Observou-se inicialmente certa resistência e preguiça no uso do diário gráfico

.

A respeito do método de avaliação, uma das questões deste estudo, envolve a preocupação de como avaliar o trabalho desenvolvido com e no diário gráfico, nos projetos em que se recorreu ao desenho para criar novas ideias, e como avaliar o desenvolvimento criativo e do desenho através deste suporte de registos. Sentiu-se a necessidade de se ter critérios capazes de os avaliar e que estes sejam integrados na avaliação do desenvolvimento cognitivo dos alunos.

A seguinte tabela descreve os critérios de avaliação usados na prática supervisionada, no desenvolvimento de projectos na disciplina de OAr com o 12º AV1, que permitiram observar e avaliar trabalho prático nas disciplinas que envolveram o uso do diário gráfico. Estes critérios são o ponto de partida para a procura de parâmetros de avaliação que se podem adequar na apreciação do trabalho desenvolvido no D.G. O quadro abaixo representa 90% da avaliação total, os restantes 10% correspondem ao domínio socio efetivo.

Quadro 1 - Parâmetros de Avaliação de Domínio Cognitivo (Oficinas de Artes – 12º AV - 2012):

Trabalho de Projeto:	Objetivos específicos de cada Unidade Didática
1-Sinopse inicial 10%	Conhecimento do projeto; Organização das ideias e estruturação do texto; apresentação do trabalho; Entrega na data prevista.
2-Criatividade: 10%	Materializa o desenvolvimento de uma ideia a partir do estabelecimento de novas relações ou organização de novas ideias; É sensível a novas ideias; Desenvolve a capacidade de lidar com novos problemas, de modo original; Desenvolve a capacidade de exprimir ideias de várias formas e de analisar situações de diferentes pontos de vista; Desenvolve a aptidão de compreender e avaliar as contribuições dos outros; Desenvolve a capacidade de conceber e executar mudanças de uma estratégia para outra.
3-Apresentação oral do projeto: 10%	Manifesta correção na expressão oral; Estrutura conhecimentos; Mostra domínio dos conteúdos programáticos; Utiliza corretamente vocabulário específico; Revela precisão concetual e clareza discursiva; Revela capacidade de análise e de síntese; Pondera e analisa o feed back dos colegas e professor.
4- Portfólio Final	1-Planificação do Trabalho:

(dossier): 15%	Definição do tipo de portfólio; Levantamento dos dados a incorporar; Diversidade do material utilizado; Qualidade do material utilizado. 2-Tratamento / Seleção de Material: Organização lógica do material; Relação entre o material selecionado; Criatividade na organização e seleção. 3- Tecnologias utilizadas: Novas Tecnologias (TIC); Tecnologias tradicionais.
5- Apresentação (APP) do. Sinopse final Produto Final: 10%	Planificação da apresentação; Especificação; Cumprimento do calendário (data prevista de entrega); Qualidade do produto; Criatividade na apresentação.
6-Trabalho de Pesquisa/ Investigação: 10%	Recolha e tratamento da informação sobre o tema; Qualidade da apresentação; Correção da informação utilizada; Originalidade / criatividade do trabalho; Correção no registo escrito do trabalho; Entrega na data prevista
7 – Ideias/ esboços: 10%	Multiplicidade de propostas; Organização das propostas; Viabilidade das construções propostas; apresentação dos esboços/ ideias; entrega na data prevista,
8- Trabalho final: Estruturação e representação; Utilização de materiais e instrumentos: 15%	Observância da morfologia geral; Definição dos contornos; Sugestões de profundidade; Sugestões de volume; Proporções entre as partes do modelo; Escala do desenho; Enquadramento do registo; Estrutura da composição; Utilização adequadas dos Materiais; Utilização adequada dos Instrumentos.

O nível de desenvolvimento atingido nos objetivos descritos nos parâmetros de avaliação do ponto 2, vão de certo modo influenciar a avaliação nos pontos 4, 5, 6 e 7. Pelo modo como se verifica o desenvolvimento de vários aspetos da criatividade dos alunos, que influencia os resultados finais, o produto final e a resolução de cada projeto. São estes os aspetos importantes a ter em consideração, se os alunos foram corretamente motivados e orientados para serem eles próprios a encontrarem o caminho para a sua resolução de questões de forma criativa e inovadora. Devem-se definir no entanto descritores de cada ponto.

3.3 Planificação e implementação do projeto e respetivas observações de resultados no uso do diário gráfico

A planificação das atividades para desenvolver o projeto de introdução e implementação do Diário Gráfico, foi realizada com o intuito de retirar observações para responder à primeira

pergunta de partida deste estudo: Até que ponto a utilização do Diário Gráfico pode ser um instrumento de trabalho útil em contexto de sala de aula?

E encontrar respostas para as perguntas subsequentes do que se pretende desenvolver através desta ferramenta didáctica, se é útil para desenvolver as diferentes habilidades/ capacidades que se pretende aferir.

Na análise das aulas acompanhadas no desenvolvimento do projeto com a sensibilização e depois a implementação do uso do diário gráfico, pode-se observar diferentes reações perante este hábito de usar o diário gráfico como um companheiro de viagem/ registo, da parte dos alunos e dos professores que acompanharam este processo. Foi interessante observar a evolução da importância que para cada aluno esse objeto de aprendizagem, o D.G., foi tendo ao longo do ano.

1ª FASE: SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O DIÁRIO GRÁFICO

Nesta ação de sensibilização, ao Diário Gráfico, foi abordada a sua importância, utilidade e o potencial como ferramenta de experimentação. Aulas abertas com o tema, o Diário Gráfico e a sua aplicação – 12 e 18 Outubro 2011

Estas aulas abertas, foram realizadas em sala de aula para as turmas de Artes Visuais, em duas das escolas com a área das artes visuais nas Caldas da Rainha, numa das escolas na ESRBP, com o 10º ano (a turma constituída 22 alunos, com 11 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades compreendidas ente os 15 e 16 anos), com o 11º ano (turma constituída por 23 alunos, 21 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, com idades entre os 16 e 18 anos) e com o 12º ano (turma constituída por 21 alunos, com 11 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos), nas disciplinas de desenho A e em Oficinas de Artes. Aula aberta também realizada na ESRP com a Turma do 11º Ano (constituída por 20 alunos, 12 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, 16 dos alunos participaram no estudo, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos).

Estas aulas abertas tiveram como objetivo a sensibilização, pela explicação do que é o Diário Gráfico e o que se pode desenvolver nele, com demonstração de exemplos sobre o treino de observação, análise de ideias e experimentação de técnicas no Diário Gráfico. Foi igualmente efetuada a apresentação do projecto a turmas de ciências como interesse exploratório do Caderno de Campo, em Desenho Geológico, do 7º e 8º ano.

Numa segunda ação, foi feita uma apresentação em seminário, para toda a comunidade escolar, da ERBP com convite alargado à comunidade escolar de outras duas escolas das Caldas da Rainha, a ESRP e da EBI de Stº Onofre. De cada escola foi convidado um representante que utiliza o diário gráfico como ferramenta de ensino - aprendizagem com os seus alunos, para apresentação e demonstração de uso do D.G de e um aluno convidado para demonstração de seu percurso de desenho efetuado nos seus Diários Gráficos.

2ª FASE: IMPLEMENTAÇÃO DO USO DO DIÁRIO GRÁFICO

Na fase de implementação, como primeira ação, foram aplicados exercícios recorrendo ao uso desta ferramenta de trabalho em contexto de sala de aula, realizando projetos a partir deste caderno de registos e de reflexão de ideias, nas disciplinas do Desenho e de Oficinas de Artes.

Na segunda ação de implementação, foi realizado um acompanhamento do processo com a turma do 12º AV1, sendo incentivada a utilização do diário gráfico no desenvolvimento do projeto de pintura em Oficina de Artes e em Desenho A, em aulas de campo e em visitas de estudo. No projeto de pintura, a cada aluno foi atribuído um artista plástico português, de diferentes características, tendo por base o conhecimento já existente dos alunos (o professor orientador já acompanha este grupo de alunos desde o 10º até ao actual 12º). Realizou-se uma investigação e análise das obras dos artistas e as primeiras experimentações foram realizadas nos diários gráficos individuais, tendo como fim, a recriação de uma nova composição pictórica. Nesta fase ainda na componente letiva ocorreram duas ações com a comunidade escolar interna e externa:



Fig.1 – Palestra – Os afetos - sobre a Linguagem plástica através dos sentidos e das técnicas. – 17 Nov/2011

Passou-se à fase final da construção das recriações a partir das obras dos vários artistas portugueses propostos, uma artista para cada aluno. Foi então possível convidar alguns dos artistas para participarem na Palestra, subordinada ao tema “ A linguagem plástica dos sentidos e das técnicas – Os Afetos”, tema que foi desenvolvido no projeto de pintura da turma. Após a palestra, os artistas foram convidados a conhecer as instalações escolares e a sala em que decorreram as aulas de Oficina de Artes, onde alguns alunos estariam a terminar as suas composições. Este foi um momento de troca de impressões entre os artistas e alunos que estudaram as suas obras e as recriaram. Na exposição foi realizada na Biblioteca da escola, foram expostos os trabalhos de pintura dos alunos do 12º Av1 e obras dos artistas convidados.



Fig 2 - Projeto de pintura OAr. Exposição de trabalhos de Pintura – 17 a 30 Novembro

No decorrer do estudo foi feito um acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos no D.G., quer em sala de aula quer em aula de campo, em alguns dos casos em museus e nos jardins. Apesar do D.G. ser um caderno pessoal de registos de ideias, de sonhos, de gostos pessoais, em aula de campo a tendência de partilha e de observação do que cada um fazia, era mais evidente, movidos pela curiosidade de como que cada um desenhava e da interpretação do que era pedido para desenharem, mas principalmente a curiosidade de ver como desenhavam os professores que os acompanharam, e entre colegas da turma. Esta situação fora igualmente uma oportunidade de troca de experiências através da observação do tipo de registo que cada aluno realizou.

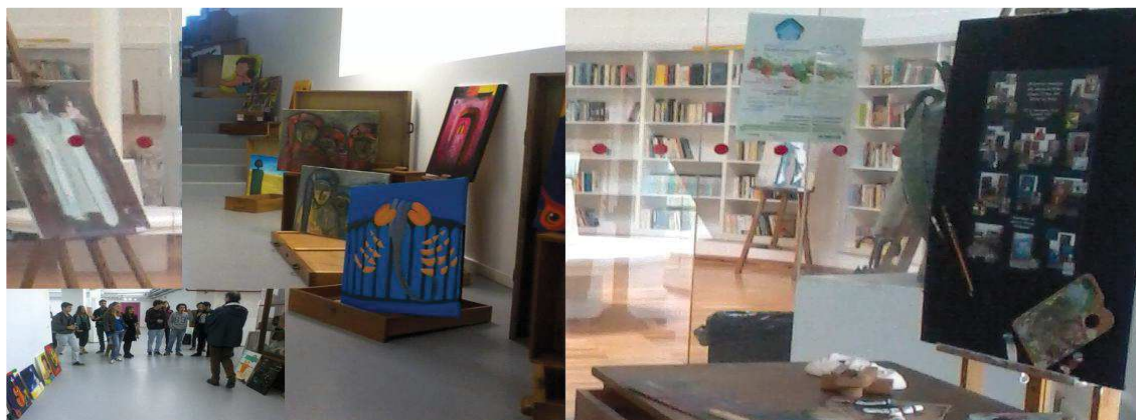


Fig. 3 - Exposição trabalhos dos alunos, com um modo de exposição diferente e original. Exposição de artistas convidados para a palestra

Na continuação do desenvolvimento do treino de observação e do gesto, foram realizadas mais ações, da tecnologia da pintura, também numa componente não letiva:

3º Ação – Workshop A pintura através da técnica de aguarela – Professora A. M. – 5, 6 e 12 Janeiro, 2012. O workshop sobre aguarela, permitiu esclarecer os alunos para o potencial desta técnica, usando no diário gráfico, sendo uma técnica que os Urban Sketshers usam com frequência.

4ª Ação – Aula de motivação sobre a exposição natureza morta – 3, 4 e 5 Janeiro 2012. No sentido de ser um incentivo para os alunos. Tratou-se de uma apresentação de um percurso exposto na galeria Museu da Fundação Calouste Gulbenkian para incentivar aos alunos a visualizar outros artistas europeus com as suas interpretações da natureza dos objetos. Esta informação é referente à exposição - [“A perspetiva das coisas. A Natureza-Morta na Europa, Séculos XIX – XX (1840 – 1955)”. Museu Calouste Gulbenkian, Galeria de Exposições da Sede 21 Outubro 2011 a 8 Janeiro 2012. Visualizando o Vídeo do comissário de exposição:[<http://www.youtube.com/watch?v=u2RRQFS84a8&feature=youtu.be>]

5º Ação - Aulas de campo – em 9 e 16 de Janeiro. Estas decorreram em momentos de visita ao Museu José Malhoa (no Parque D. Carlos I, Caldas da Rainha), para treino de registo e de observação, de elementos da natureza e de esculturas no parque.

6º Ação - Visita de estudo à Feira de Arte contemporânea em Madrid (ARCO) – 16 a 19 Fevereiro. A visita de estudo à ARCO de Madrid (levar os alunos até à Arte) foi planificada com o intuito de alargar os horizontes dos alunos fora da sua comunidade. Pretende-se que os alunos tenham contacto com obras de arte de vários artistas e outros conceitos artísticos, num novo ambiente, num grande evento anual que decorre por toda a cidade, nos vários salões de arte, fundações e Museus. Fez-se um circuito de exposições relacionadas com o evento da Feira de Arte Contemporânea (ARCO de Madrid), com o objetivo de sensibilizar os alunos para as técnicas de representação utilizadas por artistas europeus.



Fig. 4 – Visita de estudo à ARCO de Madrid 2012

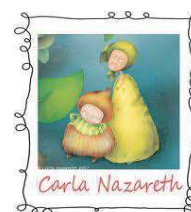


Fig. 5 - Visita de estudo à ARCO de Madrid 2012

7ª Ação – Palestras de vários temas – realizados no durante o 3º período do ano escolar de 2011/2012

1ª Palestra sobre a Ilustração com Carla Nazaréth

Fig.6 – Ilustração de Nazaréth



2ª Palestra – O Corpo nas Artes, com apresentações de dois convidados, as estagiárias do Mestrado em ensino das Artes Visuais, que apresentaram os seus papers decorrentes de um seminário sobre o Corpo nas Artes – Matéria e Memória, na Universidade Lusófona (ULHT), as alunas de Mestrado em Ensino das Artes Visuais, Margarida Cruz e Cristina Nunes. Com estas apresentações pretendeu-se dar aos alunos diferentes perspetivas sobre a Arte.

3ª Palestra – O Diário Gráfico

Convidados para a palestra sobre o Diário Gráfico, a professora Ana Luísa Frazão (elemento dos Urban Sketchers de Portugal), a professora de Biologia e Geologia Mª João (apresentação sobre os Diários de Campo) e a apresentação do aluno J.T. do 12º AV1 – com a sua partilha de experiências no D.G. Esta palestra visou demonstrar aos alunos diferentes perspetivas referentes à utilização do Diário Gráfico, na experiência de diferentes intervenientes.



Fig.7 – Palestra sobre o Diário Gráfico



Fig.8 – Palestra sobre a avaliação nas Artes Plásticas

4ª Palestra – A Avaliação nas Artes Plásticas. Professores convidados – Professora Mª Constança da Universidade Lusófona (ULHT), Professor de Artes e Orientador de Estágio Luís Militão, Professor e investigador Drº Mata Justo, Professor e investigador José Manuel Silva, e a estagiária mestranda em ensino das Artes Visuais, professora Cristina Nunes. Nesta palestra pretendeu-se discutir vários aspetos que envolvem a avaliação, métodos e sistemas de avaliação.

8ª Ação – Exposição dos diários gráficos trabalhados em aula para estudo de projetos e registos de observação. Na exposição de final de ano realizou-se uma mostra de vários diários gráficos

dos alunos do 12º ano de Artes Visuais, dos quais foi feito o acompanhamento de evolução nos registos, à qual também se juntou a exposição de diários de campo de ciências e biologia, outra área que usa este mesmo caderno para registo de observação, em termos científicos, também de alunos que participaram no estudo, do 3º ciclo, 7º e 8ºanos, na área da biologia, com registos de observação de elementos naturais em diários de campo.



Fig. 9 – Fotografias de alguns dos D.G dos alunos do 12º AV1, e de Diários de Campo de Geologia



Fig. 10 – Fotografias de alguns dos D.G dos alunos do 12º AV1, e de Diários de Campo de Geologia, expostos no final de ano.

Na continuidade de visitas de estudo na comunidade europeia, procurou-se reajustar e melhorar a estratégia da implementação do uso do diário gráfico como um registo diário das várias atividades em aula de campo. Neste caso concreto ocorreu numa visita de estudo organizada com este propósito e na continuidade de levar o aluno até à arte.

Nesta planificação salientou-se a prática de registo gráfico em vários locais de visita, com a indicação de determinados exercícios a efetuar no local a visitar, como registo de obras de arte nos museus, de arquitetura do espaço visitado. Foi efetuado um programa, com um guião, que os alunos receberam, no qual tinha indicação de momentos de registo no D.G. aos vários museus na cidade de Barcelona. Nesta visita de estudo, foi planeado um encontro no museu de arte contemporânea de Barcelona, com alguns elementos do grupo de Urban Sketchers de Barcelona, no qual foi possível contar com a colaboração de 5 desenhadores do quotidiano.



Fig. 11 e 12 – Fotografias da Visita a Barcelona, em momentos de registo gráfico num encontro dos alunos da ESRBP com os artistas dos Urban Sketchers de Barcelona, no CCB, Barcelona 2013.

Cap IV - Análise dos resultados

4.1 Análise de dados do primeiro inquérito.

Neste primeiro inquérito, procura-se alguns dados que possam dar respostas à primeira pergunta de partida a partir da implementação do diário gráfico para recolher respostas as perguntas sobre a utilidade do Diário Gráfico. A análise foi efectuada com base em questionário individual, com perguntas abertas e fechadas. Neste estudo participaram 96 alunos de ambos sexos (32,292% do sexo masculino e 67,708% do sexo feminino), de idades compreendidas entre os 13 anos e os 21 anos (16,667% do 9º ano, 7,292% do 10º ano, 41,667% do 11º ano e 34,375% do 12º ano de escolaridade). Sendo 16,667% dos alunos da Escola da EBI, 52,083% são alunos da ESRBP, e 31,25% da ESRP, convidados a participar neste estudo. Pretende-se identificar através da recolha de dados nestes questionários, factos sobre o potencial do Diário gráfico. As primeiras questões são de caracterização do estudo e para dados estatísticos, que são as seguintes:

- 1- Indique a idade: / 2 - Género: M () F () 3 - Escolaridade: _/ 4 - Indique o nome da Escola: _/
- 5- indique a área de estudos:

Quadro 2 – Identificação das questões a partir das quais se efectuou o primeiro questionário:

- 6 - O que é para si o diário gráfico?
- 7 - Já conhecia o diário gráfico ou caderno de registos?
- 8 - Antes de usar o diário gráfico, já tinha o hábito de desenhar diariamente?
- 9 - Depois de ser introduzido o diário gráfico, começou a utilizar com mais frequência?
- 10 - Quando começou a utilizar o diário gráfico?
- 11 - Reflete as ideias por registos no diário gráfico?
- 12 - Sente que desenvolveu destreza do gesto a desenhar?
- 13 - Costuma ter com o diário gráfico consigo?
- 14 - Considera que tem utilidade o diário Gráfico no desenvolvimento do gesto do desenhar?
- 15 - Considera que utiliza bem o diário gráfico?
- 16 - Desenvolveu a concentração na observação dos objetos desenhados?
- 17 - Qual para si é a utilidade do diário gráfico?
- 18 - A utilização do diário gráfico permitiu reduzir as dificuldades no desenho?
- 19- A utilização do diário gráfico tem proporcionado à motivação para o desenhar diariamente/sistemático?
- 20 - Com a utilização do diário gráfico, desenvolveu o hábito de observação?
- 21 - Com a utilização do diário gráfico desenvolveu o hábito de desenhar?
- 22 – Com a introdução do Diário Gráfico, considera que melhorou no domínio do gesto?

Nas duas primeiras questões o objetivo prende-se em perceber o conhecimento do que é para os alunos o Diário Gráfico, nas seguintes três questões aponta-se para a verificação das aprendizagens através do Diário Gráfico, relacionados com o seu uso e o hábito do desenho, na reflexão de ideias, no desenvolvimento do gesto a desenhar.

Nas últimas oito questões pretende-se perceber a utilidade do Diário Gráfico na perspetiva do aluno, no desenvolvimento da prática da observação, do desenho e na possibilidade de detetar dificuldades que encontram a desenhar, ou seja, a relação hábito e a utilidade que envolve o uso do Diário Gráfico na perspetiva dos alunos.

Pode-se verificar pelas justificações, de cada aluno, as impressões que se podem retirar para análise de resultados.

Os alunos quando questionados sobre o que é para si o Diário Gráfico, em pergunta aberta surgem as seguintes justificações.

Alunos do 3º Ciclo:

- É um livro de uma vida, mas maioritariamente constituído por desenhos;
- É onde desenho os meus sentimentos;
- Caderno de desenhos;
- Um requisito de trabalho da disciplina de Educação Visual;
- É um pequeno caderno com o objetivo de desenhar;
- Uso para desenhar o que vejo e também o que sinto, onde coloco um pouco da minha vida;
- Um livro onde podemos escrever e exprimir o que nos apetece;
- É um caderno onde podemos explorar a nossa imaginação e desenharmos aquilo que gostamos ou vemos;
- É um objeto onde dá para expressar algumas coisas, desenhar as paisagens e fazer registos do dia-a-dia;
- Um diário onde desenhamos;
- É um livro onde podemos retratar momentos, sentimentos, sítios e algo que goste;

Alunos do Ensino Secundário:

- É um meio através do qual posso explorar e representar alguns registos;
- É um local onde posso registar momentos, sensações ou lugares através do desenho e da escrita;
- Um instrumento de registo diário de objetos, pessoas e locais que nos rodeiam quotidiano;
- Sítio onde posso fazer representações do meu dia-a-dia e/ou ideias que surgem;
- Um diário de registos gráficos e registos de momentos;
- Um caderno de uso diário;

- Um sítio onde expresso as minhas ideias e as minhas vivências;
- Uma experiência técnica e refletiva, a integração do “eu” na sociedade;
- O Diário Gráfico é o sítio onde aponto as minhas ideias e desenho o que me apetece;
- Algo do nosso dia-a-dia que nos acompanha;
- Algo onde anotamos, esboçamos e desenhamos as nossas ideias;
- Caderno onde fazemos representações daquilo que observamos diariamente;
- É um suporte de ideias, uma companhia e um baú de memórias;
- Onde expresso a minha criatividade;
- Livro de apontamentos de desenhos e de ideias;
- É um caderno onde podemos expressar a nossa criatividade;
- É um caderno onde diariamente desenharmos;
- É um caderno onde todos os dias fazemos um registo de ideias, para melhorar o nosso modo de desenhar, o Diário Gráfico é algo que anda sempre connosco;
- Um caderno para exprimir os nossos estados de espírito;
- Um conjunto de ideias e de apontamentos;
- É um pequeno caderno que anda sempre connosco para fazermos apontamentos visuais;
- É um pequeno caderno onde posso fazer o que me apetece sem ser obrigada a algo;
- Para mim o Diário Gráfico é um sítio onde me posso expressar livremente;
- O Diário Gráfico é algo que anda sempre comigo, onde posso desenhar e escrever;
- Algo que nos permite registar o que queremos quando queremos;
- É algo em que podemos desenhar, desabafar e registar apontamentos. É um material importante para um aluno de artes;
- O Diário Gráfico é algo onde podemos desenhar, escrever, pintar, o que quisermos;
- Que nos acompanha, para anotar qualquer coisa interessante em forma de desenho ou por escrita;
- Um Diário onde faço os meus registos diários e onde expresso os meus sentimentos;
- É um bloco onde podemos registar tanto momentos como sentimentos, desenhar o que queremos;
- Um bloco onde registamos acontecimentos diários ou semanais da nossa vida, ou desenhamos livremente;
- Um local onde registo ideias e momentos, com o qual as partilho desenhando;
- Um refúgio de ideias;
- Um caderno onde podemos meter recordações escritas ou pelo desenho do nosso dia-a-dia;
- É uma recolha diária de desenhos, imagens ou algo simbólico;
- Um caderno onde podemos inserir todo o tipo de cultura visual;
- Onde expresso ideias momentâneas por isso anda sempre comigo;
- Algo que registamos o que vemos;
- Caderno onde se diariamente se pratica o desenho, de ideias que nos ocorre;

- O local onde registo dados, os meus pensamentos a nível visual, permite desenhar de forma livre e espontânea;
- Um suporte de registos de vivências ou experiências da nossa vida;
- É um diário onde registo ideias, imagens, onde desenho, onde faço experiências, etc;
- É um caderno onde podemos registar tudo o que quisermos, desde desenhos, fotografias, esboços;
- Uma ferramenta para nos ajudar a evoluir;
- Objeto utilizado para diversos estudos, apontamentos, registos, etc;
- É um meio para treinar os meus desenhos;

Na amostra recolhida aos alunos que participaram, verifica-se quanto à usabilidade do Diário Gráfico, na questão 7, se “já conhecia o diário gráfico ou cadernos de registos?” A percentagem de alunos que já conheciam o Diário Gráfico antes da palestra e da ação de sensibilização sobre o mesmo às turmas em aula e em seminário, (mas que tinha já sido efetuada apresentação em sala sobre o assunto) e verifica-se que aproximadamente 96,875% dos alunos participantes no estudo, já o conheciam, somente 3,125% dos alunos não conheciam.

No gráfico 1 identifica a comparação do ano de escolaridade dos alunos referente à percentagem de alunos que já conheciam o D.G. os que responderam sim, são na maioria alunos que frequentam o ensino secundário.

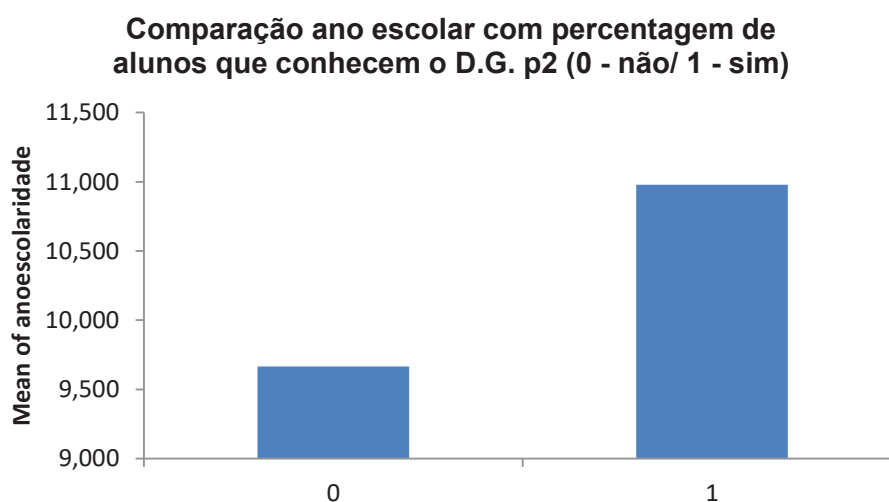


Gráfico 1 - Pergunta 7, comparação entre o ano de escolaridade e a percentagem de alunos que conhecem o D.G.

Perante a comparação das questões 8 “Antes de usar o diário gráfico, já tinha o hábito de desenhar diariamente?”, obtém-se o resultado de 61,458% dos alunos responde que sim e 38,542% não o usava. Na questão 9, “Depois de ser introduzido o diário gráfico, começou a

utilizar com mais frequência?”, verifica-se o resultado de 73,958% utiliza com mais frequência, enquanto que 26,042% ainda não usa o D.G. com frequência. Comparando os resultados da questão 8 e a 9, verifica-se que mais de metade já tinha hábito em desenhar, após a introdução do DG. Na análise destas duas questões verifica-se que o hábito de desenhar aumentou com a utilização do D.G.

Sobre a questão 10, " Quando começou a utilizar o diário gráfico?" As respostas sobre quanto tempo já utiliza o D.G. verifica-se oscilações temporais, a maior percentagem de tempo que utilizam é entre 2 a 3 anos, entre 30,208% a 35,417% dos alunos, havendo no entanto 8,333% a 11,458% dos alunos que o utilizam entre os 4 a 5 anos, conforme está indicado no gráfico 2.

Quando começaram a utilizar o Diário Gráfico?

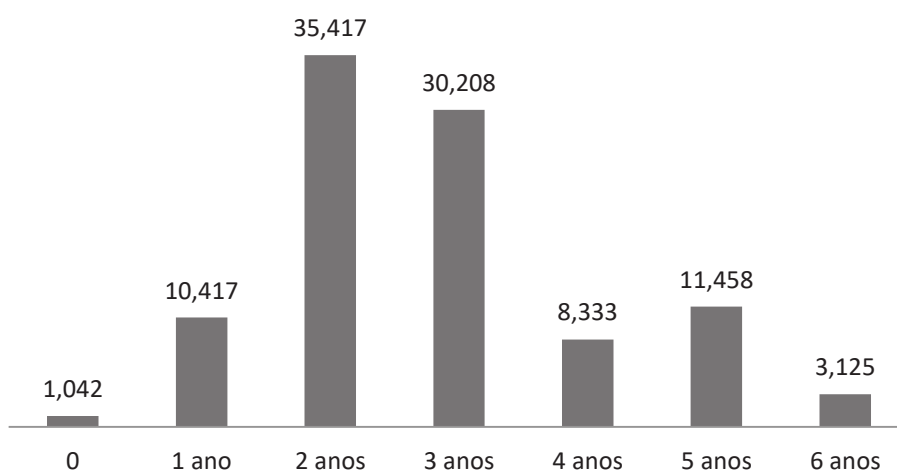


Gráfico 2 – pergunta 10

No que diz respeito à questão 11, se “reflecte as ideias por registo no D.G.?, Verifica-se que 73,958% dos alunos responde que sim e 25% dos alunos responde que não.

Nas questões sobre o desenvolvimento do desenho, no domínio do gesto e de destreza a desenhar, na pergunta 12, se “sente que desenvolveu destreza no gesto a desenhar?”, verifica-se que com o uso do D.G., 83,3% dos alunos percecionam que desenvolveram mais a destreza a desenhar e 16,6% ainda não.

Em relação à pergunta 13 se “costuma ter sempre o D.G. consigo?”, as justificações variam, 9% não costuma ter o hábito de ter consigo o D.G., 28% costuma ter, e a maior percentagem de 61% respondeu que às vezes transportam consigo o D.G. somente 1% não respondeu. Aqui verifica-se que apesar de que com o uso do D.G. aumenta a percentagem de alunos que

desenhem nele, verifica-se no entanto que ainda não têm o hábito de o transportar sempre consigo.

Nas seguintes questões vão de encontro à investigação sobre o desenvolvimento de capacidades e de competências através do D.G.

Quanto à questão 14, “Considera que tem utilidade o D.G. no desenvolvimento do gesto do desenhar?”, uma elevada percentagem dos alunos que concordam que desenvolveram o gesto a desenhar no D.G., sendo que 90,62% respondeu que sim, 8,33% respondeu que não.

Referente à questão 15, se “considera que utiliza bem o D.G.?”, cerca de 71,87%, dos alunos que responderam sim, que utiliza bem do D.G., e 27,08% responderam negativamente.

Quando colocada a questão se considera que desenvolveu a concentração na observação dos objetos que desenha no D.G., correspondente à pergunta 16, “se desenvolveu a concentração na observação dos objectos?”, temos as seguintes justificações de 87,5% dos alunos considera que sim e 12,50% considera que não.

Na questão 17, é feita uma pergunta aberta, para que os alunos registem “qual é para si a utilidade do D.G.?”. Registando-se as seguintes justificações mais salientadas sobre a utilidade do D.G, pelos Alunos do ensino secundário.

Os alunos das escolas ESRBP e ERP, quando questionados sobre qual é para si a utilidade do diário gráfico, As justificações mais salientadas foram:

- Desenvolver capacidades:

Criatividade; capacidade de desenho; domínio do gesto e da observação; Desenvolver o gesto de desenhar e exprimir pensamentos; Reflexão; Expressar-me; Serve para nos exprimirmos; Desenvolvimento e treino da técnica e recordação de memórias; Desenvolver a técnica de desenho; Treinar, desenvolver e melhorar o traço no desenho e na criatividade; - O D.G. desenvolve a destreza de captar, pensar, desenhar e refletir sobre o que nos rodeia;- Desenvolver a técnica cromática, textual, criativa e de observação. Criar hábito de desenho variável; - Método de representação de objetos e de tudo o que me rodeia, ou que me chama a atenção; - Desenvolver técnicas e conceitos com destreza e simplicidade nas inovações; - É um diário, pessoal e um “currículo”, que nos dá a conhecer aos outros e daquilo que somos capazes; - Fazer simples desenhos e/ou rascunhos de ideias para trabalhos e desenvolver algumas ideias através da escrita, bem como fazer experiências; Para registar ideias, para melhorar o meu traço ou esboços de trabalhos;- É onde podemos fazer apontamentos, por exemplo, em viagens, treinar a nossa motricidade e o nosso traço; - É uma preciosa ajuda ao crescimento estético; - O D.G. é útil no ponto de vista experimental, criativo e no desenvolvimento da técnica; - Para não perder prática nem o poder da observação; - Treinar e melhorar a nossa técnica, não só de desenho, o traço, mas também de observação; - Treinar o traço, desenvolver capacidades em relação à observação e ao conhecimento do mundo em nosso redor; - O D.G. é útil porque pode ser usado para registar as minhas ideias como para desenvolver as minhas qualidades do traço, sombras, etc.; - Serve para libertarmos quaisquer coisas que nos apeteça desenhar, para recolher quaisquer tipos de dados para que possamos evoluir quanto artistas;

- Registrar momentos:

Registo de ideias que temos na hora; Registo de ideias e treinar a mão; Registos rápidos; Registrar o que queremos; Desenhar ideias; Criar hábitos de registo; Esboçar, treinar o desenho; Colocar e desenhar qualquer coisa; Aperfeiçoamento; Prática do desenho leva a aperfeiçoar o desenho e o traço; O hábito do desenho ajuda à prática do mesmo; Registrar o momento ou coisas do dia a dia; desenhar, registar algo; desenhar e expressar emoções; Desenhar, escrever, apontar algo que não devo esquecer; Registo tudo o que vejo e me interessa; Registos de ideias ou pensamentos; Desenhar quando me apetece, libertar os meus sentimentos; Registrar todos pormenores, detalhes, fotografias de que gosto ou que veja, ficam na memória; - É para mim uma ajuda para descarregar tudo do que foi o meu dia; - É para exprimir os nossos estados de espírito, coisas que vemos e gostamos, então desenhamos;

- Registo de ideias no momento, desenvolver as técnicas e a concentração no desenho; Apreender algo de certo momento, algo que nos marcou e que ficou registado no D.G.; - É como uma fotografia, ou seja, um registo de um determinado momento de que gostamos, ou que de qualquer modo, nos chamou à atenção;

Justificações de alunos do 3º Ciclo:

- A utilidade do D.G. é para desenhar o que se sente, vê e ouve; Desenhar e fazer estudos de desenho; Para gravar/ registar bons momentos; Para desenhar o que se vê todos os dias; Desenhar e trabalhar na aula; Aperfeiçoar os desenhos e ideias; O D.G. é prático, logo posso levá-lo para todo o lado e sempre que há algo que eu queira guardar, desenho no D.G.; Serve para desenhar, não só o que vemos, mas, também o que sentimos; Desenhar, pintar, escrever; Desenhar paisagens, coisas que são importantes ou não; Muito útil para guardar memórias;

Na questão 18, “A utilização do D.G permitiu reduzir as dificuldades no Desenho?”, com o intuito de os alunos refletirem nas suas dificuldades e se pelo hábito a desenhar os tenha ajudado a ultrapassar, 81,25% dos alunos considera que reduziu nas dificuldades e 17,70% considera que não ajudou.

Perante a questão 19, se “a utilização do diário gráfico tem proporcionado à motivação para o desenhar diariamente/ sistemático?”, as repostas são divididas, 55,2% considera que sim, e 42,7% considera que não, havendo apenas 1% que não responderam. O fator de motivação aqui parece ser uma consideração a verificar, pois se pouco mais de metade dos inquiridos sente motivado já 42% não o sente. Poderá ser por falta de motivação a desenhar neste pequeno caderno, dependendo das estratégias, e tipos de exercícios que são realizadas para incitar a motivação e pode ser um fator a ter em consideração.

Ainda referente ao desenvolvimento da observação e ao hábito de desenhar no D.G, verifica-se que com a utilização do D.G. as permitiu desenvolver. Assim na questão 20, “com a utilização do diário gráfico, desenvolveu o hábito de observação?”, 80,2% dos alunos responde

afirmativamente que desenvolveu o habito de observação e cerca de 19,79% responde que não desenvolveu. Assim de acordo com as percentagens de respostas, reporta-se a uma reacção bastante positiva. Na questão 21, na qual se pergunta “a utilização do diário gráfico desenvolveu o hábito de desenhar?” como resposta sobre o desenvolvimento do hábito de desenhar, 75% dos alunos considera que desenvolveu esse hábito e 25% não desenvolveu. Retira-se assim uma perspectiva positiva na utilização do D.G. no desenvolvimento destes dois aspetos observados, sendo que um elevado número de alunos desenvolveu a observação pelo treino no D.G.

4.2 Análise de Dados do segundo inquérito

Neste inquérito participaram trinta e cinco alunos, das turmas do 10º, 11ª e 12º AV1, com os quais se observou mais de perto sobre o Diário Gráfico e com uma turma do 9º ano do 3º Ciclo, que utiliza frequentemente o D.G. Nestas questões pretende-se identificar situações em que os alunos tenham dificuldades e se pelo treino no D.G conseguiram resolver, se refletem nas ideias através do mesmo. Neste questionário individual, constam perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de recolher opiniões além das entrevistas.

As duas primeiras questões são de caracterização do estudo, as questões a referentes ao Diário Gráfico, figuram no quadro 3:

Quadro 3 – Questões do segundo inquérito sobre o uso do D.G.

- 3 - Com a introdução do diário gráfico, considera que melhorou no domínio do gesto?
- 4 - Considera que desenvolveu mecanismos de criatividade?
- 5 - Descreva dificuldades no desenho que foi detetando na utilização do diário gráfico:
- 6 - Conseguiu melhorar as dificuldades pelo desenho sistemático? Como?
- 7 - Costuma refletir sobre as dificuldades no desenho e procura resolver? Como?
- 8 - Reflete nas ideias que desenvolve em projectos no diário gráfico?

Perante a 3ª questão, se o aluno “com a introdução do D.G., considera que melhorou no domínio do gesto?”, verifica-se que cerca de 94,28% responde que melhorou, apenas 5,71% considera que não

Na 4ª questão pretendeu-se saber se os alunos “consideram que desenvolveram mecanismos de criatividade?”, ao qual se percebe que segundo o resultado de 82,85% de respostas são positivas, que a grande maioria dos alunos sente que desenvolveu a criatividade. E 17,14% dos alunos responde que não desenvolveu.

Na 5ª questão em que se pediu aos alunos que descrevam dificuldades no desenho que foram detetando na utilização do diário gráfico, temos as seguintes justificações individuais:

- Tinha dificuldade em desenhar observando algo em concreto proporções, etc;
- Dificuldade em captar proporções e detalhes importantes;
- Traçado pouco limpo e aperfeiçoado. Pouco rigor. Impossibilidade de desenvolver a técnica de desenho científico;
- Sombras, pormenores;
- Eu acho que a minha maior dificuldade que tenho é não conseguir aplicar sombras tal como elas são, mas treino no Diário Gráfico isso pode melhorar;
- Destreza;
- Representar com simplicidade os objectos, ambientes;
- Perspetiva da cara, nariz, mãos;
- Necessitava de uma melhor observação do real;
- Captação das perspetivas e movimento;
- Dificuldades na percepção da anatomia, perspetiva, etc;
- O conhecimento que é preciso para criar;
- Na observação, técnica;
- Gestão de tempo nos registos rápidos;
- Utilização de técnicas;
- Na utilização de outros materiais, pois só costumava trabalhar com grafite;
- Na utilização da aguarela e as dimensões; /- Aguarela;

Na 6ª Questão, se: Conseguiu melhorar as dificuldades pelo desenho sistemático? Como?

Gráfico 3

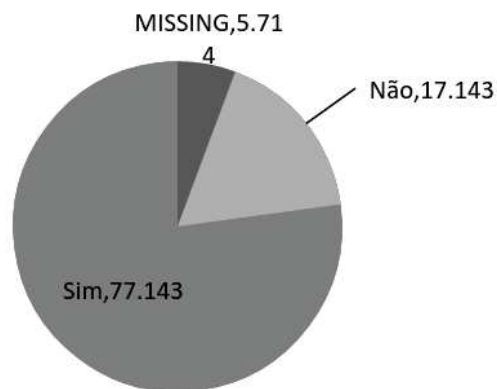
Obtemos as seguintes Justificações:

Sim

- Desenhando sistematicamente;
- Através do treino e da observação;
- Desenhando diariamente;
- Treinando e representando o mesmo várias vezes;
- Algumas. Treinando para as vencer;
- O Hábito aproxima a perfeição;
- Devido ao treino;
- Com a utilização do Diário Gráfico;
- Ao refazer os desenhos onde tive problemas;
- Fazendo de novo;
- Desenhando mais;

Não

- Não, porque não o utilizo;



Nesta questão verifica-se um resultado bastante positivo em termos de melhoria perante as dificuldades no desenho, cerca de 77,14% dos alunos conseguiram, os mesmos 17,14% dos alunos não conseguiu, pelo facto de não utilizarem o D.G. para desenhar de forma sistemática ou diária. %, 71% dos alunos inquiridos não respondeu a esta questão.

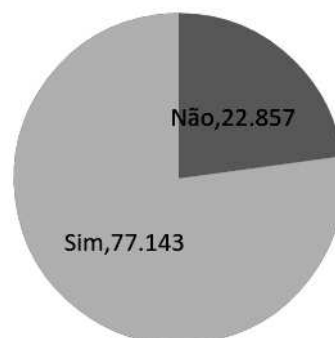
Na 7ª Questão, se: Costuma refletir sobre as dificuldades no desenho e procura resolver? Como?

Gráfico 4

Justificação:

Sim

- Repetindo o exercício;
- Através da repetição e observação atenta dos objetos;
- Através dos meus erros de perspetiva e proporção;
- Verificando as coisas que faço mal;
- Perceber os aspetos a melhorar e dar “um toque” meu aos trabalhos feitos do real;
- Eu acho que a melhor maneira de as ultrapassar é com treino;
- Normalmente ao fim de um tempo acabo por voltar a representar o mesmo mas com alguns melhoramentos;
- Fazendo comparações de desenhos para o real;
- Observando o que está mal e vendo os desenhos já desenvolvidos;
- Fazendo por cima do erro e se possível, voltar a tentar de novo o desenho;



No resultado desta 5ª questão, 77,14% dos alunos inquiridos indica que costumam refletir sobre as dificuldades que tem no desenho, e 22,85% dos alunos não o faz.

Na última questão, pergunta 8, pretende-se perceber se os alunos consideram que refletem as ideias através do D.G. se lá as rabiscam, se elaboram futuros projetos. Verifica-se e 85,71% confirma que sim e 14,28% que ainda não.

Perante o resultado das percentagens obtidas nas respostas como positivas, verifica-se para já ganhos na implementação do D.G. como ferramenta que auxilia os alunos a melhorar no registo gráfico e a refletir nas dificuldades do registo e refletir em novas ideias através do D.G.

4.3 Análise em contexto da avaliação do Diário Gráfico

A avaliação deste objeto de aprendizagem é um fator que não está contemplado como elemento de avaliação, por ser facultativo o seu uso, o que o torna menos motivador usar. Existe outro fator em consideração, que são os critérios de avaliação a nível das disciplinas de Artes Visuais. Será outro elemento em que se identifica a necessidade de se criar critérios de avaliação mais concretos, incluindo critérios para avaliar o Diário Gráfico, pois sendo uma ferramenta aconselhada a ser usada, teria todo o interesse em ser avaliado, pelo menos em observação do processo desenvolvido nele.

Em parte verifica-se a falta de predisposição para serem criados e implementar critérios concretos, para esta avaliação ser contemplada. Mas mesmo assim, a partir da recolha de opiniões de alguns professores, existe a necessidade de os criar, se podemos usar este objeto de aprendizagem mesmo que facultativo, então com que critérios de avaliação se deve utilizar, para justificar a utilização do Diário gráfico na função de objeto de aprendizagem, e retirar apreciação do desenvolvimento realizado pelos alunos? Esta questão mesmo que levantada continua ainda sem resposta.

Esta questão que surge, leva a explorar várias considerações de que critérios possam ser usados e de certo modo foram aplicados, no desenvolvimento deste estudo, para se poder contemplar uma apreciação do trabalho desenvolvido através do uso do diário gráfico. No intuito de responder à segunda questão exploratória deste estudo, até que ponto o Diário Gráfico pode ser utilizado como instrumento de avaliação das aprendizagens?

Tópicos propostos que surgiram desta discussão:

Tópicos propostos que surgiram desta discussão:

Desenvolvimento da expressão artística; Desenvolvimento na destreza do gesto; Qualidade do registo; Desenvolvimento do traço; Uso de técnicas e de diferentes matérias de registo; Desenvolvimento das técnicas (domínio dos meios); Desenvolvimento de novas ideias; Registo de ideias/ reflexão de ideias; Desenvolvimento da crítica.

No desenvolvimento criativo, a contemplar: a conceção de novas ideias/ esboços de possíveis soluções/ conceção crítica/ modo de expressão criativa/ capacidade de conceção de novas ideias/ desenvolvimento da solução escolhida/ experiencias efetuadas/ expressividade/ inovação. Mas para cada um destes tópicos é importante definir os diferentes níveis que permitam observar quais dos níveis os alunos consigam alcançar, tal como é efetuado nos descritores dos exames de Desenho, que servem essencialmente de medidor.

Em contexto da avaliação e em análise dos documentos orientadores da escola e da disciplina. O programa de Desenho A, apresenta preocupações com questões predominantemente técnicas (materiais e domínio dos meios atuantes).

Os critérios de avaliação dos exames nacionais também privilegiam a qualidade técnica dos trabalhos. Estes critérios de avaliação elaborados pelos docentes da escola não correspondem na totalidade ao que é praticado em aula, também pelo fator tempo que tem sido reduzido, deixando muitas vezes de explorar com os alunos aspetos mais concetuais.

Na avaliação tem sido considerado como parte integrante nos critérios de avaliação das provas de exames nacionais nas disciplinas de artes visuais quanto ao processo criativo, aspetos como o traço de personalidade do aluno e do processo criativo do individuo, que neste caso refere-se à identificação dos traços do individuo criativo.

Referente ao produto criativo, este está relacionado com os vários passos a avaliar do processo criativo que são a inovação, a adequação, a originalidade, a sintaxe estética, a cor, as formas e composição, a habilidade técnica no domínio dos meios.

Os critérios de avaliação do processo criativo implicam a perseverança/ tolerância à ambiguidade; flexibilidade/ pensamento divergente; Curiosidade e prazer pela exploração – definindo em 4 níveis (avançado, médio alto, suficiente, fraco)

Exemplo do nível 4 - a perseverança: se é persistente durante o projeto, aborda os temas e problemas de maneiras diferentes e utiliza rascunhos ou esboços para desenvolver o trabalho em diversas propostas, reage positivamente as novas situações com as quais se confronta.

Para verificar os resultados da avaliação dos trabalhos através de critérios de avaliação, o instrumento de avaliação torna-se um meio útil para verificar vários aspetos no acompanhamento na autoperceção e do desenvolvimento da criação, da capacidade de iniciativa, de inovação, aprendizagem novas com o projeto, como resolvem o problema. Parâmetros, esses que se podem observar pelo seguinte quadro.

Quadro 4 – Critérios de avaliação para a apreciação dos níveis de desenvolvimento criativo atingido pelos alunos no projeto de pintura em OAR, de modo a avaliar os ganhos em termos da criatividade

Área de Avaliação:	Parâmetros de Avaliação: (Instruir e avaliar a criatividade)	Premiar ideias e produtos criativos: (Verificação de melhorias no desenvolvimento criativo dos alunos no acompanhamento do Projeto em OAR)
1 - Criatividade: Correspondendo a 10% da avaliação sumativa em OAR – percentagem correspondente ao produto final do projeto de pintura	1-Materializa o desenvolvimento de uma ideia a partir do estabelecimento de novas relações ou organização de novas ideias. (2%) 2-É sensível a novas ideias (1%) 3-Desenvolve a capacidade de lidar com novos problemas, de modo original. (1%) 4-Desenvolve a capacidade de exprimir ideias de várias formas e de analisar situações de diferentes pontos de vista. (2%) 5-Desenvolve a aptidão de compreender e avaliar as contribuições dos outros. (2%) 6-Desenvolve a capacidade de conceber e executar mudanças de uma estratégia para outra. (2%)	Comparação e identificação de desenvolvimento criativo nos vários itens identificados e gráfico com valores cotados. Feito o acompanhamento dos projectos de modo a incutir e motivar à reflexão das ideias e no seu registo gráfico de modo a promover o pensamento criativo
2 - Estruturação	1- Sinopse Inicial - estruturação de ideias (2%)	Comparação e identificação de desenvolvimento criativo nos vários itens identificados

de portefólio – intervenção criativa/ expressão/ estrutura de ideias: 15%	2- Trabalho de Pesquisa- originalidade (1,5%) 3- Trabalho de Pesquisa- criatividade (1,5%) 4- Esboços - interpretação pessoal (2%) 5- Esboços – expressividade (2%) 6- Trabalho final (portefólio) criatividade organização (2%) 7- Sinopse Final - estruturação de ideias (2%) 8- Portefólio-criatividade apresentação (2%)	e gráfico com valores cotados. Descritivo das várias ações no processo desenvolvimento dos projetos
---	--	--

Uma das formas a que se ocorreu para avaliar o desempenho criativo, foi realizar a apresentação de cada aluno do seu projeto antes da avaliação final de cada projeto, existindo momentos de discussão em aula sobre os resultados, entre os alunos e o professor orientador que acompanhou os projetos, a partir dessas apresentações. Foi tido sempre em conta a valorização dos bons resultados de cada projeto e comentando as possíveis melhorias, de forma a estimular e motivar os alunos para a realização de melhores projetos e investirem mais no desenvolvimento do seu potencial criativo.

Numa das amostras deste estudo, sobre o desenvolvimento do projeto de pintura em Oficinas de Artes (OAR) dos alunos do 12º AV1 da ESRBP, realizado durante o primeiro período do ano letivo de 2011/12, podemos verificar nos quadros de avaliação, o nível de percentagem atingido pelos alunos no seu desenvolvimento criativo. Os quais se verificam nos gráficos:

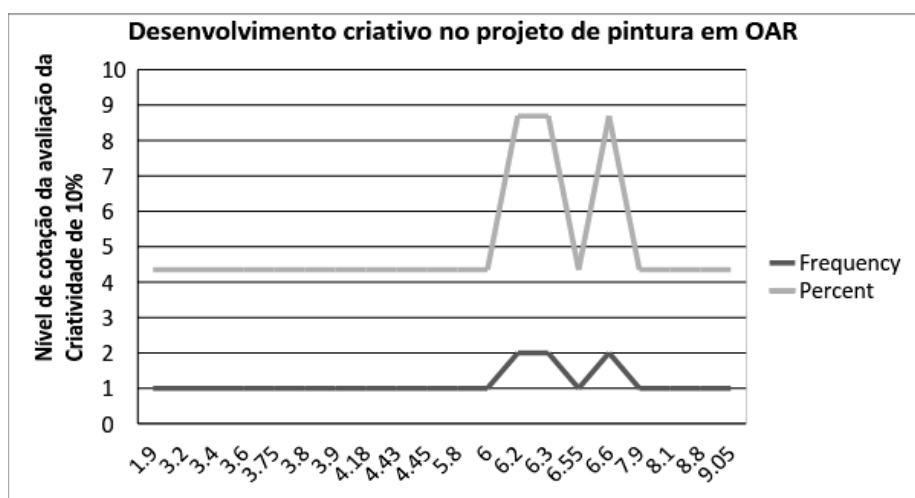


Gráfico 5 – Avaliação do nível de desenvolvimento criativo atingido pelos alunos do 12º AV1

O gráfico 5 diz respeito aos itens de avaliação do ponto 1 do quadro dos parâmetros de avaliação. Dos 23 alunos de que se efetuou o acompanhamento deste projeto de pintura, verificou-se entre 6,2% a 7,9% a percentagem de alunos com bom desenvolvimento criativo, apresentando os restantes um nível médio.

No gráfico 6 trata-se do somatório dos itens do ponto 2, definidos no quadro dos parâmetros de avaliação do projeto. Está essencialmente relacionado com as fases do processo do desenvolvimento do projeto que envolve uma investigação exploratória, para chegarem a uma nova ideia ou interpretação criativa sobre a obra do artista proposto.

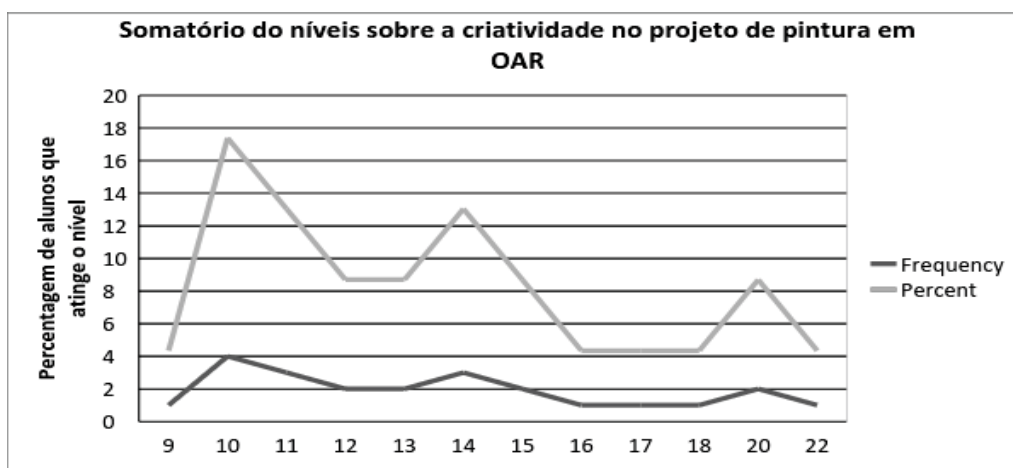


Gráfico 6 – Somatórios das avaliações dos níveis de desenvolvimento criativo atingido pelos alunos do 12º AV1

Na verificação do desenvolvimento criativo ao longo dos projetos realizados durante o ano letivo observado de 2011/12, foi feita uma constante orientação para o seu desenvolvimento, desde as fases de pesquisa, na escolha de ideias, materiais, conceção criativa e a sua finalização para a prática. Verificou-se maior aplicação no desenvolvimento de ideias mais consciente, da parte dos alunos, numa busca do que gostam, orientados no sentido de serem capazes de encontrar e reconhecer de que tipos de projetos mais gostam de desenvolver, e que sejam capazes de ser mais criativos, verificou-se maior motivação em encontrar novas ideias e interessantes de concretizar.

Este processo de pensamento criativo, desde a ideia à ação, a ação de criação, verificou-se ser um dos maiores ganhos dos alunos a nível criativo, em que a atividade criativa foi direcionada para um ato criativo intencional, no sentido de desenvolverem as ideias, a imaginação, do conceito do projeto com a combinação de informações recolhidas e conhecidas, criando novas situações e o estabelecer de novas correlações, sendo esta atividade criativa conduzida para um fim, o produto final.

Este ato final será a produção – ação criativa a ser aplicável à prática. Nestas considerações valida-se o ganho e melhorias no processo criativo desenvolvido nos alunos, de projeto em projeto, na análise de dados. Na avaliação do desempenho criativo fez-se a comparação entre um dos primeiros projetos (Pintura) e o último dos projetos (diversas vertentes de expressão artística) desenvolvidos a esta turma observada durante esse ano lectivo de 2012/13. Constatou-se uma certa evolução no desenvolvimento do pensamento criativo, verificando-se o desenvolvimento da criatividade, que junta as características expressivas e produtivas, a partir deste método de projeto.

Na apreciação das questões dos Inquéritos sobre Criatividade - Se desenvolveu mecanismos de criatividade? Sobre os resultados no desenvolvimento do projeto de pintura, na turma do 12º AV1, verifica-se que pelo forte incentivo em explorar soluções criativas, no desempenho dos projetos, observou-se que quanto mais exploravam as possíveis hipóteses, maior era o grau de satisfação dos alunos ao chegar ao produto final que pretendiam, pelo desenvolvimento das ideias rabiscando, no testar de cores e texturas no D.G. assim como na pesquisa de possíveis formas já existentes e na sua exploração de recriação, verificam-se ganhos na resolução do problema.

Na questão se o aluno reflete as ideias que desenvolve em projetos no Diário Gráfico, observa-se que pelo desenvolvimento dos projetos ao longo do ano, verificou-se que a preocupação dos alunos em pensar em ideias novas e de como as desenvolver, foi-se notando gradual aumento pelos resultados obtidos, pois vários alunos tiveram a preocupação de verificar situações existentes e semelhantes às que lhes tinham sido propostas, para depois recriarem ou inovarem com uma nova proposta. Obtiveram assim como resultado, trabalhos interessantes devido a essa nova forma adotada no pensar através do registo gráfico e na experimentação das opções através do registo e de investigação/exploração.

4.4 Análise de considerações das entrevistas a professores em artes visuais

A análise deste ponto é feita a partir de considerações recolhidas em entrevistas e diálogos sobre o diário gráfico com os professores, que tiveram interação neste estudo, e que recorrem ao diário gráfico como ferramenta didática, ou seja como objeto de aprendizagem nas suas aulas com os alunos do 3º ciclo e do ensino secundário.

Estas entrevistas contêm questões semiestruturadas, cujo guião de entrevista se pode consultar no anexo I, estas foram efetuadas aos professores do ensino do secundário e do 3º Ciclo do Ensino Básico e foi possível recolher observações, identificando pontos comuns para responder às duas questões exploratórias deste estudo. Até que ponto a utilização do Diário Gráfico pode ser um instrumento de trabalho útil em contexto de sala de aula? Até que ponto o Diário Gráfico pode ser utilizado como instrumento de avaliação das aprendizagens?

Foram entrevistados três professores das disciplinas de desenho e educação visual, e, duas professoras da área da Biologia e da Geologia (ensino do 3º Ciclo), das quais se apuram os seguintes comentários.

Da parte das professoras das áreas da biologia e da geologia, há a constatação de que inicialmente os alunos demonstram resistência na utilização do Diário Gráfico/Diário de Campo. No entanto este permitiu que as aulas fossem diferentes, tendo aulas de campo e em sala de aula efetuaram registos de observação, A sua adesão foi um fator facilitador que motivou para desenhar e gradualmente aumentou a espontaneidade no desenho em alguns alunos, de idades dos 14 e 15 anos, apesar de alguns somente desenharem durante as aulas. Verifica-se então que quanto mais cedo forem aplicados os cadernos, mais eficaz é o resultado e mais motivados, ficando emocionalmente ligados aos cadernos.

Identificam que o Diário Gráfico/ Diário de Campo pode ser um agente motivador para continuar a desenhar. Este conceito do D.G. pode ser um hábito útil para a destreza no desenhar, na observação do que nos rodeia e aprender a ver melhor os objetos que desenharmos. Os alunos no início não olhavam muito para o objeto e com orientação começaram a ver melhor os pormenores a observar com mais atenção, relacionando as partes com o todo. Desta forma o D.G. serve para desenvolver a observação do pormenor do objeto biológico e para que seja uma observação diferente do que é uma descrição escrita. A utilização do D.G. com orientação a ser

integrado no programa, pode ser um elemento importante no desenvolvimento da observação dos objetos, das coisas que nos rodeiam - aprender a olhar, a observar e a registar.

No que diz respeito à avaliação, referem que o uso do D.G. é interessante para motivar os alunos para o desenvolvimento das suas capacidades e aconselham o uso do D.G. como uma ferramenta estratégica para obter determinados resultados de aprendizagem, com a correta adaptação no seu uso para que seja um elemento a avaliar e deste modo fazer sentido a sua utilização e implementação

Na perspetiva dos professores do Ensino Secundário e do 3º ciclo – disciplina de Desenho e de Educação Visual, consideram que o D.G. poderá ser também uma ferramenta de hábito de desenho a ser incutido, partilham a opinião que todos os alunos deveriam utiliza-lo desde crianças.

Observa-se que o D. G. pode ser um objeto de aprendizagem e contribuir para o processo de concretização dos conteúdos procedimentais na educação visual e plástica. Os aspetos mais relevantes, são o da observação, do treino da mão, do desenvolvimento da capacidade critica, promoção de auto-segurança, o hábito de desenhar na rua. Também é um objeto útil para desenvolver a capacidade de abstração a partir de elementos concretos, e consideram que é essencial que o usem diariamente para o conseguirem resolver.

Quando questionados sobre quais as diferenças que se podem encontrar entre alunos que utilizam o diário gráfico e os que não usam, como método de treino de desenho, nesta questão das respostas indicadas, e pela observação dos diários gráficos dos alunos observados, percebe-se que os alunos que o usam têm mais fluidez no traço, segurança no sentido de tentar representar qualquer objeto observado. Têm também maior facilidade no desenvolvimento de ideias nos seus projetos. Verifica-se que quanto a outras duas questões, sobre o desenvolvimento criativo e de formulação de ideias no D.G. com o hábito sistemático de desenhar no D.G. começam a ter mais destreza a desenhar tudo o que lhes seja proposto. O qual se verifica pela percentagem elevada de respostas positivas dos alunos quando questionados sobre os aspetos de identificar dificuldades e melhorar na destreza do gesto e na reflexão de ideias através do D.G.

A nível de estratégias para a motivação do uso do D.G. como ferramenta de aprendizagem, é unanime a resposta de que é importante incentivar os alunos a usarem o D.G como suporte de trabalho de experiências, em diferentes situações e no desenvolvimento de projetos, sendo este muitas vezes usado como ponto de partida. Esta ferramenta de trabalho pode e deve ser usado em Desenho como em escrita criativa, sendo este uma boa ferramenta interdisciplinar, um objeto de aprendizagem que pode contribuir para a concretização dos conteúdos programáticos na Educação Visual e Plástica.

Referem que a utilidade do D.G. é relevante para desenvolver o hábito de observar mais atentamente o que se desenha, desenvolver a capacidade de abstração a partir de elementos concretos e no desenvolvimento da destreza do gesto em Desenho. Para que os alunos desenvolvam a capacidade criativa e a reflexão de ideias, será adequado a partir de frequentes desafios, que permitam desenvolver mecanismos de observação e no aprender a ver, por exemplo as sombras, os reflexos, etc. Este treino ajuda a desenvolver a criatividade a longo e a curto prazo.

Na avaliação, se para além de todos os desenhos que se queira fazer no diário gráfico, se este mesmo, será um elemento importante de avaliação, os professores entrevistados referem que essa avaliação deve de ser definida no início do ano, indicando-a aos alunos como parte dos parâmetros de avaliação, considerando-se que o mais importante seja que os alunos consigam atingir os objetivos de aprendizagem na disciplina de Educação Visual/ Desenho.

Na perspetiva do professor orientador de estágio, que tem orientado as disciplinas de Desenho, de Oficina de Artes (OAr) e dos cursos profissionais em Artes Visuais, refere que no programa de artes visuais o Diário Gráfico consta como um conselho, mas reforça a ideia de que os alunos devem utilizá-lo e devem de ser motivados para isso.

Esta ferramenta de aprendizagem, o Diário Gráfico, deve de ser interpretado como um meio de trabalho, de registo, de desenvolver a observação e de hábitos. Para incutir hábito da sua utilização, é necessário uma boa motivação. Observa que o Diário Gráfico, se não tem um carater obrigatório, os alunos não aderem tanto. A nível de sua avaliação, deve ser usado como meio de esclarecer dúvidas na classificação dos trabalhos dos alunos. Isto significa que os

alunos têm de ser motivados para usarem o Diário Gráfico em vários trabalhos, situações e projetos.

É salientado então que ao uso do Diário Gráfico pelos alunos um caráter obrigatório, e aplicado em várias situações em aula, para um acompanhamento de estudo, e avaliado consoante o progresso, discutido com os alunos, para que em aula percebam a evolução dos trabalhos realizados. Em tudo que for para ser utilizado com caráter facultativo, existe sempre a dificuldade de adesão ao mesmo. Ao ser aplicado com caráter obrigatório mas usando estratégias de motivação e como meio de avaliação, os alunos cumprem e usam, acabando mesmo por se habituarem a usar o Diário gráfico e terem o gosto pelo seu uso, pois torna-se aos poucos um companheiro de registo de viagem.

Em termos da avaliação, é levantada a questão de que deve ser honesta, o que nem sempre acontece na avaliação da criatividade e do trabalho desenvolvido no Diário Gráfico. Não existem definidos critérios em concreto, para utilizar o D.G. como meio de avaliação. Neste ponto deparamo-nos com a concordância da necessidade de se criarem critérios que ajudem a avaliar esta ferramenta didática, que é o Diário Gráfico. O que levanta em questão quais os critérios em ter em consideração.

Este ponto, da avaliação, em geral não é refletida ou imparcial e muitas vezes rege-se pelo gosto. Deverão neste caso, ser trabalhados os métodos e critérios de avaliação, para que a partir daí, o uso do Diário Gráfico seja contemplado na avaliação.

Em análise a estas considerações obtidas das entrevistas e durante várias situações de diálogo sobre o Diário Gráfico, é importante ter em consideração a interpretação que cada professor faz das indicações curriculares/ programa disciplinar, no que diz respeito ao conselho do uso do Diário Gráfico nas Artes Visuais, quer nas disciplinas de Educação visual (EV), Desenho e em Oficinas de Artes (OAr), pois depende do fator motivação incutida pelos professores, que os alunos o usem mais frequentemente, e que tenham o gosto em o utilizar como meio de registo, treino de observação, de reflexão de novas ideias nos projetos desenvolvidos nas disciplinas de Artes Visuais.

4.5 Análise de resultados recolhidos nas entrevistas aos alunos

Dos alunos observados durante o estudo, optou-se por incluir entrevistas alguns do 12º de Artes Visuais, quatro dos alunos que foram escolhidos com bom aproveitamento (J.T., D.D., N.C. e M.C.) Os quais foram entrevistados enquanto é feita a observação da evolução de seus diários gráficos e registados alguns dos seus desenhos de treino em sala de aula e fora (o respetivo guião de entrevista pode ser consultado no anexo III).

Os alunos quando questionados sobre o hábito de desenhar diariamente no D.G., somente a aluna M.C. responde afirmativamente, os restantes usam quase diariamente.

Na segunda questão, se depois de explicado e implementado o diário gráfico, se começaram a utilizar com mais frequência, que depois após o esclarecimento sobre o D.G. já o usa com mais frequência.

Os alunos não conheciam esta ferramenta didática até ser introduzido na disciplina de Desenho, já no ensino Secundário. Dois dos alunos entrevistados iniciaram no 10º e os outros dois no 12º, na realização de projetos usando o D.G. como ponto de partida.

Verificaram-se alguns casos de sucesso na utilização do Diário Gráfico. Temos o exemplo do aluno J. T. do 12º AV1, que desenvolveu bem o traço no domínio do gesto a desenhar, que reflete as ideias rabiscado, observa e desenha atentamente. Os seus registos são na maioria desenhos do meio urbano, natureza e de figura humana e já revela destreza no traço e corretas proporções. No entanto revela dificuldade no uso do lápis de carvão e aguarela para desenhar (nos anexos pode-se observar alguns dos seus desenhos e nas figuras 16 à 23 e 25). O aluno revela, que antes de conhecer o que é o D.G., não tinha o hábito de registar o que observava ou ideias para os projetos. Afirmou que ao ser introduzido os D.G., passou a utiliza-lo com frequência. Nota-se que o aluno costuma iniciar cada dos seus D.G. com um registo de sua mesa de trabalho, onde observa e regista o material que utiliza e o que o rodeia (nas figuras 14, 15 e 24). Em outros casos relacionados com alguns dos desenhadores do grupo dos Urban Sketchers se verifica essa mesma semelhança, ao iniciarem o seu Diário Gráfico de viagem, registam precisamente o ponto de partida, a sua mesa de trabalho, o espaço que os rodeia.

Na pergunta relacionada com o modo de como usam o D.G. No caso de reflexão de ideias, os alunos respondem afirmativamente, o aluno J.T. justifica que para além de desenhar, regista ideias rabiscando. O aluno N.C. justifica que sempre que tem o seu D.G. consigo o utiliza. O

aluno D.D. também responde que reflete algumas ideias, para além de ter o diário gráfico, tem um diário sonoro (o aluno é também estudante de música).

Na questão se consideram que utilizam o D.G com mais frequência, os alunos confirmam que sim, justificando que têm a preocupação de o usar com mais frequência, mas nem sempre o têm consigo. No caso do aluno D.D. acrescenta, que quando vai de viagem leva sempre o D.G. para fazer registos. Os alunos M.C. e o J.T justificam que andam sempre com o D.G. demonstrando mais afeição em usar o caderno de registos.

Quando questionados de como é representativo o Diário Gráfico apos a implementação do mesmo, o aluno D.D. que afirma que começa a desenhar quando surge a vontade de desenhar, ou algum fascínio por alguma coisa em particular, ou num local que está em espera, desenha o que observa. Para o aluno N.C. o D.G. é um livro de rascunhos, onde coloca as suas ideias, recortes, colagens, etc. Para a aluna M.C., é supostamente onde pode juntar ideias, desenhar o que observa, tem um conceito próprio sobre o que é o Diário Gráfico. E para o aluno J.T. é onde efetua registos do dia a dia.

Quanto ao desenvolvimento da observação, ao ser questionado se sentiram que o desenvolveram mais com o treino de observação, verifica-se que sim, justificam que melhoraram no modo como observam as coisas.

Na questão se sentiram que desenvolveram a concentração na observação do que é observado e registado (pelo facto de os alunos terem a tendência de olhar rapidamente o que querem desenhar e é quando ocorrem os erros nos registos), os alunos consideram que observam mais atentamente o que desenhavam, melhoram o seu traço. A aluna M.C. justifica que melhorou e que detém uma forma própria de desenhar, considerando ter encontrado o seu próprio estilo.

Na observação de vários dos diários gráficos, verifica-se o estilo desenvolvido no traço, nos temas e no uso de tipos de materiais riscadores que sentem mais à vontade em usar.

Nas seguintes figuras dos desenhos dos alunos entrevistados, podemos ver no caso do aluno J.T, seus registos diários de alguns momentos na escola, que apresenta apontamentos de linha e contorno da figura humana com apontamentos de cor em aguada, registando anotações do momento a que retrata na figura 15 e 16. Num dos registos gráficos na figura 17, retrata um exercício em aula de desenho com treino do contorno da mão, desenhado a mão esquerda com a mão direita e outro registo desenhando com a mão esquerda a sua mão direita.



Fig. 13 e 14 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), desenhos de início do D.G.

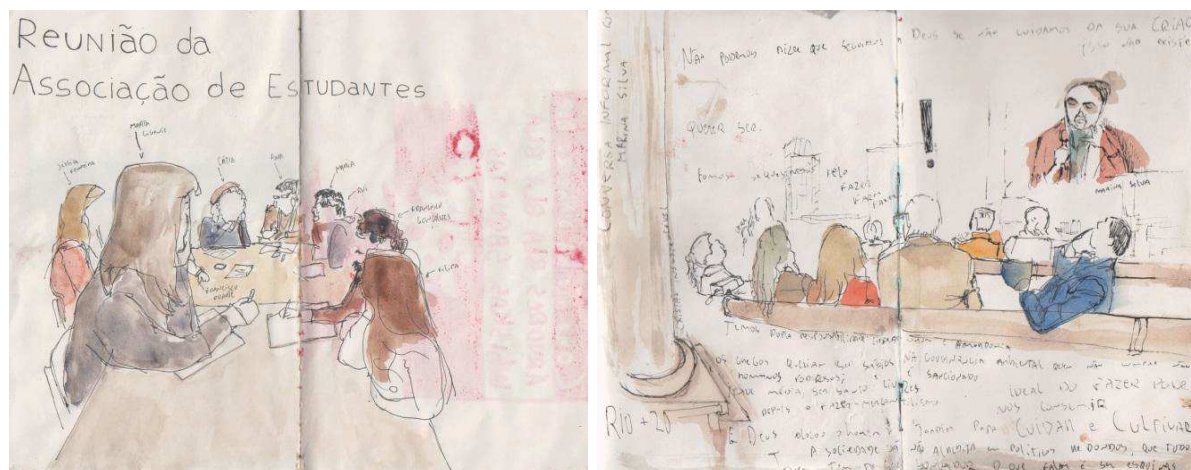


Fig. 15 e 16 - Registos gráficos que o aluno J.T. (12º AV1), anotações de figura humana



Fig. 17 e 18 - Registos gráficos que o aluno J.T. (12º AV1), exercícios de desenho das mãos e do rosto



Fig. 19, 20 e 21 - Registos gráficos que o aluno J. T. (12º AV1), apontamentos de edifícios nas Caldas da Rainha



Fig. 22 e 23 - Registos gráficos que o aluno J.T. (12º AV1), registo de início de um dos diários gráficos, e registo de figura humana (colega da Turma)



Fig. 24 e 25 - Registos gráficos que o aluno J.T. (12º AV1) , estudo para projeto de pintura em Oficinas de Artes

Estes registos de desenho na fig. 24 e 25, são estudos realizados para o projeto de pintura do aluno J.T.

Nestas fig. 26 e 27 da aluna M.C. trata-se de estudos realizados para o projeto de pintura, em que a aluna explora a figuração humana e o tratamento de cor que pretende atingir para o resultado final.



Fig. 26 e 27 – Registos Gráficos da aluna M.C. 12º AV1, estudos para projeto de pintura em Oficinas de Artes

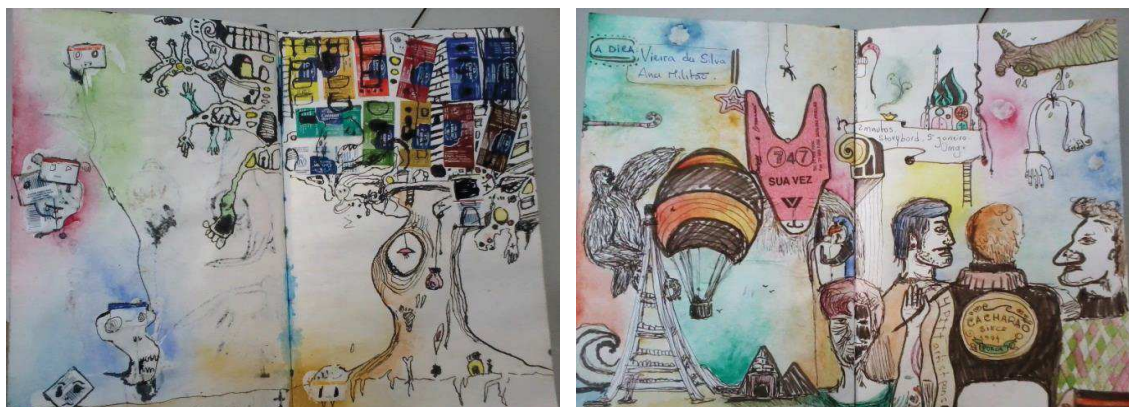


Fig. 28 e 29 – Registos Gráficos da aluna M.C. 12º AV1

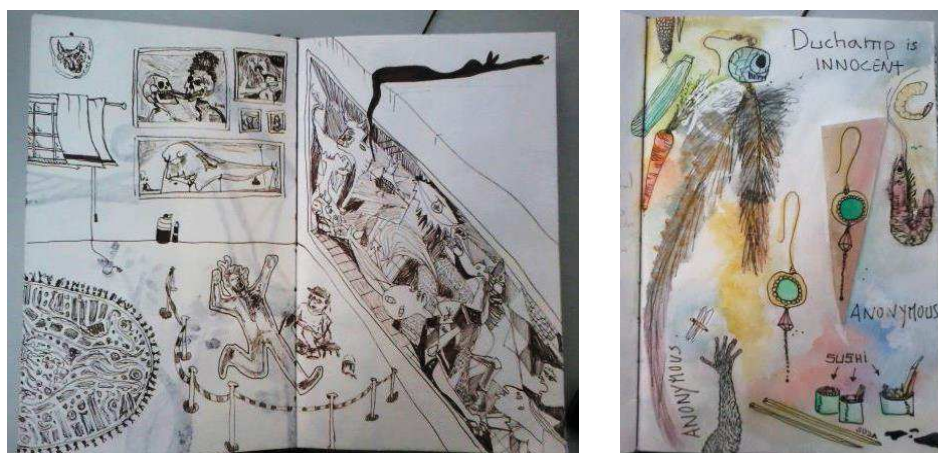


Fig. 30 e 31 – Registos Gráficos da aluna M.C. 12º AV1

Nesta fig. 34, do aluno D.D. trabalha um esboço de interpretação sobre a obra do Guilherme Parente, ao qual foi incentivado para interpretar tal como vê as cores do artista (aluno é daltónico, e visualiza os tons pelo calor da cor como cores mais claras e com mais luz (os amarelo e vermelho), e as cores frias como cores mais escuras, os azuis, verde e preto. Apesar de saber quais as cores que deve pintar, pois tem identificado o nome das cores no seu material, como processo de terapia da cor).

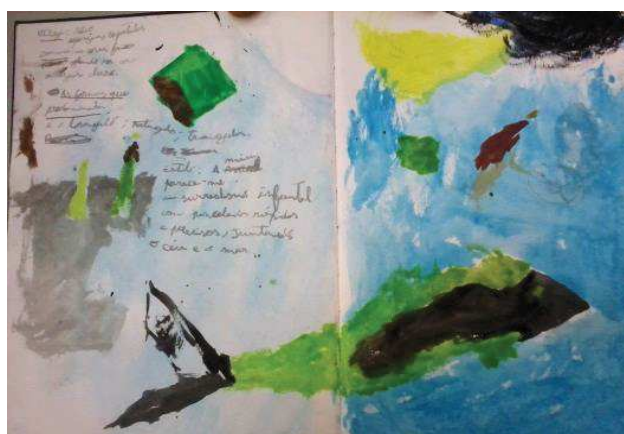


Fig. 32 – Registos gráficos do aluno D.D. (12º AV1), estudo para projeto de pintura em Oficinas de Arte



Fig. 33 e 34 – Registos Gráficos do aluno N.C.. 12º AV1

4.6 Análise conjunta dos dados recolhidos

Pontos comuns observados tanto pela análise de dados das entrevistas aos professores e aos alunos e através de questionários semiestruturados aos alunos, permitem tirar várias conclusões. No ponto de vista dos professores, que a utilização do D.G. deva ser implementada com orientação e integrado no programa não apenas como uma recomendação, mas como um

elemento importante no desenvolvimento da observação dos objetos e das coisas que nos rodeiam.

Ao ser aconselhado o D.G. como ferramenta de trabalho em desenho, verifica-se a concordância que deve de ser usado como tal e como uma ferramenta de apoio. Para trabalho de pesquisa tem a sua utilidade como ferramenta para registos, escrever e observar os objetos de uma forma diferente, mais atenta. Observa-se que o D.G. pode ser uma ferramenta estratégica para obter determinados resultados de aprendizagem.

O D.G. por ser um objeto de aprendizagem de forma a contribuir no processo de concretização dos conteúdos procedimentais na educação visual e plástica. É indicado para o desenvolvimento da observação, o treino da mão, o desenvolvimento da capacidade critica, promoção da auto-segurança, o habituar a desenhar na rua ou outro local em aulas de campo ou no dia a dia fora da escola.

Com o treino do Desenho no D.G. verifica-se que quanto mais desenham nele, maior são as possibilidades de desenvolver a capacidade de abstração, pois quando os alunos revelam ter dificuldades na representação, considera-se que é essencial que usem diariamente para conseguirem ultrapassar essas dificuldades.

Ao acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos realizados nos D.G. pelos alunos, foi possível verificar se com o método de treino de desenho permite ultrapassar as dificuldades no desenho, verifica-se que quando os alunos o usam, revelam ter mais fluidez no traço, segurança no sentido de tentar representar qualquer objeto observado. Normalmente têm maior facilidade no desenvolvimento de ideias para os projetos pois pensam através do desenho. É relevante pelos resultados observados do acompanhamento da evolução no uso do D.G. que pode ser uma ferramenta que proporciona bons resultados por este método de treino.

Como método de motivação na aplicação do Diário Gráfico são importantes aulas de campo, para registos dos locais que visitam, ou trabalhar temas nos desafios lançados aos alunos, com exposições temáticas e rotativas dos trabalhos realizados em D.G, igualmente com o acompanhamento dos professores no processo, pela discussão com os alunos sobre o seu progresso nos diversos momentos de avaliação. Verifica-se que este método revela ser importante e motivador para os alunos. Este acompanhamento permite de certo modo avaliar o

progresso de todo o processo deste método de trabalho e pode ser uma estratégia motivadora para os alunos usarem mais o D.G e criarem maior afinidade com esta potencial ferramenta de aprendizagem.

Relativamente aos critérios de avaliação das disciplinas de Artes Visuais, verifica-se a necessidade de se criarem parâmetros que permitam auxiliar na medição desse progresso dos alunos, para determinar a evolução no desenvolvimento do gesto, do pensamento crítico e criativo, no desenvolvimento de ideias.

Verifica-se através das entrevistas e dos questionários, um reconhecimento que pelo hábito em desenhar com mais frequência, conseguem evoluir, pois pelo treino conseguem melhorar e corrigir erros de observação, efetuam experiências, elaboraram ideias para futuros projetos e pensam em novas ideias no Diário Gráfico. Neste ponto de vista para adquirir este hábito é necessário tempo para se desenvolver, o seu progresso é lento mas chega-se a bons resultados, pois os alunos demonstram satisfação ao alcançá-los.

Numa perspetiva global, em média mais de 70% dos alunos inquiridos utilizam o diário gráfico para o treino do Desenho, identificando e corrigindo as dificuldades de representação dos objetos. Embora que ainda não seja um uso sistemático, como se pode verificar pelos resultados na questão, se costumam trazer sempre consigo o Diário Gráfico, a maior percentagem de resposta é de 61% costuma ter às vezes, 28% costuma ter sempre e 9% responde que não costuma ter. O seu uso ocorre mais na escola, no desenvolvimento de trabalhos e projetos escolares. Outra preocupação foca-se que se o desenhar for encarado como um ato obrigatório este pode ser prejudicial e menos motivador.

Analisa-se que sobre a utilidade do Diário Gráfico se ao ser interiorizado este hábito no seu uso, de caráter exploratório, como um terreno de experiências e onde podem melhorar as aprendizagens, verifica-se que melhoram gradualmente através dele, é um fator motivador ao seu uso e se estão mais motivados a desenhar, esta motivação facilita as aprendizagens e o atingir os objetivos das mesmas. Segundo Sprinthall & Sprinthall (1994) na citação de Bruner, é observado que só através da “motivação intrínseca é que persiste a vontade de aprender”, sendo a “curiosidade o grande impulso na motivação”. (Sprinthall & Sprinthall, 1994, p. 239).

Cap. V - Conclusões, limitações e soluções para futuras investigações

5.1 Conclusões do estudo

Este estudo está inserido num processo de investigação participativa, com a implementação do Diário Gráfico em contexto do ensino-aprendizagem, quer em sala de aula, quer em aula de campo, seguindo um percurso de planeamento, ação e de prática reflexiva. Partindo de um ciclo de ação em função dos resultados, os quais permitiram avaliar as suas potencialidades como instrumento ao serviço das Artes Visuais/ Artes Plásticas.

O Diário Gráfico tem sido usado ao longo dos tempos com diferentes utilidades, sendo caderno de campo de registos para o estudo científico, Diário de Viagem, de recolha de informação, de experiências e memórias, como caderno de apoio aos artistas, arquitectos, arqueólogos, cientistas, desenhadores urbanos, etc. Atualmente tem sido usado e implementado em contextos educativos, nos vários níveis de ensino, mais frequentemente verifica-se a sua implementação nos cursos de Artes e Design, no 3º Ciclo e no Ensino Secundário e no Ensino Artístico Universitário.

Na área das Artes Plásticas, já tem longa tradição no seu uso, existindo inúmeros artistas cujos apontamentos e registos em cadernos/ diários gráficos foram essenciais para a evolução da sua obra. Numa versão mais atual, verificamos vários grupos de amigos que gostam de desenhar, são os chamados desenhadores urbanos, de várias áreas de formação, que se reúnem em encontros pelas cidades da europa, temos os exemplos dos grupos de Urban Sketshers em vários países na europa, temos exemplo de Portugal, Barcelona e além-fronteiras como nos USA, por exemplo em Seattle. Após os encontros para desenhar, partilham no faceboock e em páginas web, em Blogs, as suas experiências, as vivências, onde podemos visualizar os registos.

No Diário Gráfico, existe uma proximidade imediata entre o pensamento, o que é observado e o registo gráfico. Sendo este um objeto didático, visto como uma ferramenta prática de se usar e transportar, pode ter as dimensões que quisermos e o transportar connosco para qualquer lugar, é adequado para os registos em qualquer momento. Sendo igualmente uma excelente ferramenta suporte exploratório pessoal e de apoio ao ensino na área das artes visuais/ artes

plásticas. Em concordância com os Urban sketchers, refletimos que o Diário Gráfico melhora a nossa observação, pois os alunos tornam-se mais observadores, evoluem nas suas capacidades e registam as suas memórias.

De acordo com Salavisa (2008/2016), a viagem pode ser um tempo propício a novas experiências, um momento em que se está mais disponível para refletir sobre nós próprios, sobre o que nos rodeia, ou como referem outros desenhadores identificam como um laboratório portátil, para experimentar materiais ou diferentes modos de registos, ou como meio de visualização e desenvolvimento de uma ideia. Para Salavisa, este caderno, é um espaço de intimidade para seu criador, transforma-se num local de liberdade, de descoberta, de experimentação e de criatividade.

Inspirados pelo exemplo de Salavisa e de outros autores, a implementação do Diário Gráfico como ferramenta de trabalho na prática do ensino, pode ser uma mais-valia, capaz de despoletar a criatividade, a crítica, desenvolvimento de ideias, da observação, de como se observa os objetos e o mundo, em que ao mesmo tempo favorece o desenvolvimento da identidade, da descoberta e estimula a partilha de experiências.

A partir deste estudo foi possível perceber, que esta ferramenta é bastante útil no desenvolvimento das várias capacidades, de como vemos o mundo e o interpretamos pelo seu registo, em ser um espaço propício às experiências e busca de ideias e ao desenvolvimento do pensamento criativo. Este mesmo caderno pode ser um registo de um percurso, de evolução da capacidade sintética, analítica e prática.

Durante o percurso deste estudo, verificaram-se diferentes reações da parte dos alunos no uso do Diário Gráfico como um recurso de estudo, exploração e de experimentação, em várias situações. Alguns alunos usaram-no porque era imposto o seu uso, para praticarem as experiências na busca de ideias, experimentarem os materiais e efetuarem os esboços. Outros alunos dessa mesma turma em que foi efetuada a observação do estudo adaptaram-se muito bem à sua utilização, tendo adquirido o gosto em o utilizar e admitir que é bastante prático. Estas situações foram observadas e detetadas em diálogo e em entrevistas com alguns alunos no decorrer do processo de adaptação.

No que concerne na compreensão dos dois objectivos gerais de investigação estabelecidos no início deste estudo, para verificar a importância e a eficácia da utilização do Diário Gráfico para a aprendizagem dos alunos, assim como verificar o grau de desenvolvimento no domínio do gesto, da observação, na reflexão de novas ideias e da criatividade através do uso do D.G, apura-se as seguintes conclusões:

A utilidade do Diário Gráfico

- Permite tirar conclusões, sobre o desenvolvimento criativo;
- Permite detetar as dificuldades, anseios, sonhos;
- Permite desenvolver a destreza de raciocínio, quer pelo desenho quer pela escrita;

Identidade, Exploração e treino no Desenho:

- O Diário Gráfico pode promover uma procura de identidade, de narrativa e de ligação ao “eu”.

Num diário gráfico pode-se e deve-se experimentar várias técnicas além do registo gráfico. Tratando-se por assim dizer, um laboratório portátil/ estético.

Em respeito à concretização dos objetivos específicos, no primeiro pretendeu-se verificar se o D.G. permite consolidar aprendizagens de forma efetiva, pelas observações realizadas constata-se que:

- Durante a implementação, a reação dos alunos perante as situações em que foram aplicados os exercícios com recurso ao Diário Gráfico, e apurou-se quais resultam melhor. Isso permitiu procurar melhorar as estratégias de construção de situações para o seu uso mais motivadoras, e que resultem. Constata-se que os alunos entenderam que é necessário treinar para resolverem as suas dificuldades que vão detetando e procurando melhorar, a nível do domínio do gesto. Pelo acompanhamento de vários dos DG dos alunos observados neste estudo, verifica-se o quanto melhoram pelo maior uso que fazem dele, porque quando o hábito está incutido, verifica-se que gostam de o usar. Quando não têm o hábito em usar o Diário Gráfico, verifica-se que os alunos têm mais dificuldades no domínio do gesto, pois antes somente o usavam em situações de exercícios em sala de aula.

Observar se desenvolve competências que requerem mais tempo para a realização de trabalhos que envolvam a pesquisa, análise, debate e reflexão:

- Constata-se que a prática reflexiva é um instrumento relevante para o questionamento constante por parte do professor em várias situações, de métodos e de técnicas que utiliza na prática diária em contexto de sala de aula ou aula de campo.

No terceiro objetivo específico ao analisar se o D.G. permitir efetiva diferenciação pedagógica na sala de aula e fora:

- Constata-se que os fatores de motivação estão estreitamente relacionados com o modo de como é abordado o D.G. pelos professores de Artes Visuais e pelas estratégias que podem usar de modo a incentivar o seu uso dentro e fora da sala de aula.
- Para que se verifique sucesso na implementação do D.G. como uma ferramenta didática de apoio ao treino do desenho, observação e desenvolvimento criativo, constata-se que é necessário dar tempo para os desenvolver adequadamente, pois é um processo moroso, que implica muita dedicação, estratégias de motivação para a sua prática diária. Esta motivação deve ser impulsionada pelos professores proporcionando desafios diferentes e que acompanhem os alunos nesse processo.

Segundo Salavisa (2014), “Penso que para se aprender a desenhar, depois de muitos anos a ensinar desenho sobretudo a adolescentes, o mais importante é começarem por gostar de desenhar ou, pelo menos, de ter os resultados como se fosse uma coleção. O caderno também vem daí. Pois serve para se guardarem os desenhos, além de, como é transportável, podermos andar com ele como se viajássemos no dia-a-dia.” (Salavisa, entrevista pessoal, 2014)

Relativamente às questões de partida, passa-se às seguintes conclusões, na questão se o aluno reflete as ideias que desenvolve em projetos no diário gráfico:

- Verificou-se a preocupação dos alunos em encontrar novas ideias e de como as desenvolver;
- Havendo gradual aumento pelos resultados obtidos, a preocupação em verificar situações existentes e semelhantes às que lhes tinham sido propostas, para depois recriarem ou inovarem com uma nova proposta.

No treino do Desenho no Diário Gráfico:

- Verifica-se que o método de treino de Desenho permite ultrapassar as dificuldades no desenho;

- Revelam ter mais fluidez no traço e segurança no sentido de tentar representar qualquer objeto observado.

Em suma, conclui-se por este estudo que os alunos quando percebem da utilidade do Diário Gráfico na evolução do seu trabalho, ficam mais motivados e criam uma ligação emocional ao D.G. usando-o com mais frequência. Apesar de se verificar que alguns alunos o utilizam somente se for por imposição na disciplina o seu uso, verifica-se que muitos se habituem a usá-lo, que observam mais atentamente o que desenhavam, até mesmo rabiscar ideias para os projetos.

Na questão de partida sobre a avaliação do D.G., apura-se que baseia-se num processo de acompanhamento do progresso das aprendizagens, com parâmetros de avaliação adequados, que possam servir de medidor até que ponto os alunos atingiram os objetivos de aprendizagens e que os alunos percecionem a evolução que atingem através de momentos de discussão em aula.

5.2 Limitações do estudo e sugestões para futura investigação

Uma das limitações diz respeito à pouca existência de bibliografia recente relacionada com a temática específica do Diário Gráfico, e mesmo pouco acesso a obter publicações sobre o tema. Existem algumas publicações, apoiadas essencialmente em imagens, com alguns textos, por exemplo os Diários de Viagem de Eduardo Salavisa, alguns artigos que contêm informação sobre o Diário Gráfico na internet, um deles sendo publicado por Salavisa (2008), que demonstra exemplos de aplicação, registos que são feitos em pequenos cadernos portáteis, os designados Diários Gráficos (no blog do mesmo autor – imagens de diários gráficos do desenhador do quotidiano: <http://diario-grafico.blogspot.pt/>). Neste mesmo blog sugere bibliografia, sobre temas relacionadas com o desenho e de Diários Gráfico de viagem, dos quais somente foi possível ter acesso aos Diários de viagem de Salavisa e a um dos catálogos de exposição dos diários gráficos online.

Uma das implicações na demora deste estudo foi a obtenção de resultados da implementação do Diário Gráfico como um hábito sistemático de registo gráfico, pois implicou verificar ao longo do ano a adesão e do progresso no desenvolvimento das situações de treino no mesmo, se teve

adesão com sucesso na sua utilização, pois é importante perceber se os alunos conseguiram ou não adquirir o hábito, se sentem motivados no seu uso e de preferência tenham gosto em desenhar neste caderno gráfico.

Contudo, o mais importante neste processo de divulgação, de sensibilização e de implementação, foi a sua continuidade, que depende grandemente do incentivo e de estratégias de motivação da parte do professor que acompanha os alunos neste processo de desenvolvimento da literacia visual, criativa, da memória, do treino da observação e seu registo como um hábito a ser contínuo no uso do diário gráfico como um companheiro de viagem. A questão da avaliação deste caderno de registos assume-se essencialmente como uma estratégia de verificação de resultados das aprendizagens.

Para futura investigação, num contexto de investigação participativa, fica a sugestão de se desenvolver um estudo mais aprofundado em recolha de estratégias de motivação ao uso do diário gráfico, de situações e tipos de desafios/exercícios que se podem realizar de modo motivador, um dos exemplos pode ser uma ferramenta didática que permita direccionar os alunos para uma correta utilização do Diário Gráfico, poderá ser um caderno de visita de estudo bem elaborado e direccionado para exercícios do tema da visita com propostas a desenvolver no local. Com esta proposta de procura de novas e melhores estratégias, com o intuito de se incentivar a cada vez mais os alunos a gostar e usar mais frequentemente esta ferramenta didática, como objecto de aprendizagem, de melhoramento na observação, no domínio do gesto e na reflexão de novas ideias.

Outro tema com potencial para futura investigação O fator de motivação do uso do D.G. como ferramenta didática, advém da necessidade de se criarem critérios que a ajudem avaliar, o progresso do pensamento e registo grafico do aluno, esta questão passa pela reflexão e construção de parâmetros de avaliação com respetivos medidores, para que seja contemplado no processo de avaliação, como instrumento útil no ensino aprendizagem no ensino artístico e válido como parte integrante do programa educativo das artes visuais – o currículo do ensino artístico, no ensino básico e no ensino secundário. O uso do Diário Gráfico como um Laboratório Portátil em diferentes contextos de ensino-aprendizagem.

Referências bibliográficas

Bahia, S. (2008). Promoção de ethos criativos. In F. Moraes & S. Bahia (Org.). *Criatividade e educação: conceitos, necessidades e intervenção*(pp. 229-250). Braga: Psiquilibrios,

Bahia, S. (2008). Constrangimentos à expressão artística. *Invisibilidades. Revista Iberico-Americana de pesquisa em educação*, (0) 137-148.

Barreiras, C. & Sofia, S. (2011). *Trabalho na tectónica experimental. Diário de aula como instrumento de investigação e desenvolvimento profissional*. Lisboa: Biblioteca Nacional

Birzea, C. (1986). *Operacionalizar os objectivos pedagógicos*. Coimbra: Coimbra Editora, LDA

Bruner, J. (2014). *The process of education*, Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1998).

Buzan, T. (2003). *O Poder da Inteligência Criativa: 10 Maneiras para despertar o seu génio criativo*, 1ª Ed. Lisboa: Oficina do Livro

Dilmé Dilmé, D., Forrelad, M., Gratacós, R. & Oliver, M. (1999), Educação artística: Artes Plásticas, in Zabala, A.,(Ed.) *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*, 2ª Edição, Porto Alegre: Artmed

Eisner, E. W. (2008). *What Education Can learn From the Arts*. NAEA National Convention, New Orleans, Louisiana: Art Education

Eisner, E. W. (2002). *The arts and the creation of mind*. New Haven & London: Yale University Press

Eça, T. T. (2014). *Para além do crepúsculo das artes visuais na escola*, Revista Lusófona de Educação (26), 17-27.

Gonçalves, R. M., Fróis, J. P. & Marques, E. (2011). *Primeiro Olhar. Programa Integrado de Artes Visuais*. Caderno do Professor. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Iavelberg, R. (2003), *Para gostar de aprender Arte; sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed

Housen, A., Funch, B. S., Martindale, C., Leontiev, D. A., Marques, E. B., Höge, H., Frois, J. P., Parsons, M., Yenawine, P. & Gonçalves, R. M. (2011). *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Lopes, C., Lucas, A. G & Pais, N., (2015), *E a estética onde fica? Conversas sobre Arte e Educação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Marques, E., Silva, M., E., Neves, M. M. C. & Rodrigues, P. F. (2007). *Itinerários de Formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Morais, A. G. (2000). Ortografia: *Ensinar e Aprender*. 4. Ed. São Paulo: Ática,

Munari, B. (1981). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70

Nogueira, S. I. & Bahia, S. (2006). *A avaliação da criatividade: ou a necessária criatividade na avaliação?*, *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento: Criatividade*, 1(1), 45-88.

Read H. (1982). *Educação pela arte*. pp.18-25 Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1958),

Salavisa, E. (2008). *Diários de Viagem, Desenhos do quotidiano*, 35 Autores Contemporâneos. Lisboa: Quimera.

Salavisa, E. (2010). *Diário de Viagem em Lisboa*. Lisboa: Quimera

Salavisa, E. (2011). *Urban Sketchers em Lisboa - Desenhando a cidade*. Lisboa: Ed. Quimera

Santos, M. J. S. (2002). *Todas as Imagens*. Coleção Nova Era, nº 11. Coimbra: Quarteto Editora

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*: 1º Vol., Bases Pedagógicas, Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget

Sprinthall & Sprinthall (1994). *Psicologia Educacional*. Lisboa: Mc Graw Hill.

Steiner, C. & Perry, P. (2000). *Educação Emocional. Literacia Emocional ou a Arte de Ler Emoções*. Cascais: Editora Pergaminho (Original publicado em 1997)

Sternberg, R. & Williams W. (1999). *Como desenvolver a criatividade do aluno*: Cadernos do CRIAP (investigação e práticas), Porto: Edições ASA

Veiga, F. H. (1996) *Recolha de dados: O Questionário*. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Vigotsky, L. S., (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Ensaio de Psicologia. Lisboa: Dinalivro

Zabalza, M. (2008). *Diários de aula* – Brasil.: Editor Artmed

Páginas Internet

Alencar, S., (2011, 10 de abril), Blog o Cantinho da Professora, *Questionário – Professores dos alunos da investigação*. Acedido em 2 de outubro de 2011, em <http://cantinhodaprofessorashy.blogspot.pt/2011/04/questionario-professores-dos-alunos-da.html>

Andrade, P. (2008, 2 de novembro). *Aprendizagem artística trabalhada em sala de aula*. Acedido em 20 de setembro 2012, em <http://profpredro.blogspot.pt/2008/11/2-aprendizagem-artstica-trabalhada-em.html>

Bruner, J. (1972). *Hacia una teoría de la instrucción*: Modelo Teórico de Jerome Bruner. Acedido em 25 de Setembro de 2012, em

http://www.utemvirtual.cl/plataforma/aulavirtual/assets/asigid_745/contenidos_arc/39247_bruner.pdf;

Caetano, A. C. M. (2012), *Objetos de aprendizagem em Artes Visuais*. Acedido em 6 agosto 2012, em http://www.cibersociedad.net/congres2009/actes/html/com_objetos-de-aprendizagem-em-artes-visuais_419.html

Cid, M. (2010, 1 de julho). *Utilidade do diário gráfico*: blog wordpress. Acedido em 7 de agosto de 2012, em, <http://patriciartes.wordpress.com/2010/01/07/utilidade-do-diario-grafico>

Cid, M. (2012) blogspot, *Mónica Cid Cadernos*, Acedido em 7 agosto de 2012, de <http://monicacidcadernos.blogspot.pt/> e recuperado em 5 de janeiro 2015 de <https://urbansketchers-portugal.blogspot.pt/search/label/Monica%20Cid>

Direção geral da educação – currículo no ensino básico, programas e metras curriculares (2012), documento curricular de referencia - *Programa de Educação Visual do Ensino Básico - 3.º ciclo: Vol. I; Vol. II*. Consultado em <http://www.dge.mec.pt/educacao-visual>, Acedido em 2 de Setembro de 2012, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_ev_metras_curriculares_2_e_3_ciclo.pdf

Direção geral da educação – *Currículo do ensino secundário, programas e metras curriculares* (2012), Cursos Científico-Humanísticos do Ensino Recorrente (AV), Cursos de artes visuais. Consultado em <http://www.dge.mec.pt/educacao-visual>. Acedido em 30 de Setembro de 2014, em <http://www.dge.mec.pt/cursos-cientifico-humanisticos-do-ensino-recorrente-2>

Farelo, P. (2009, 19 outubro). *Diários Gráficos, Desenho em Cadernos de Eduardo Salavisa*: catálogos de exposição do Centro Cultural de Lagos (2009) e dos Paços do Concelho, Galeria Municipal de Torres Vedras. Acedido em 26 de dezembro de 2013, em <https://issuu.com/pedrofarelo/docs/diariosgraficos>

Hernández, Fernando y Sancho. (1989). *El lugar de los procedimientos*. En: Cadernos de Pedagogía nº 172, Ministério de Cultura y Educación (ISSN 0210-0630, Nº 172, 1989, págs. 20-23) revista científica: Fundación Dialnet. Acedido em 12 julho e em 15 Setembro de 2017, em,

<http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL000443.pdf> e em,
<http://repositorio.educacion.gov.ar/dspace/bitstream/handle/123456789/95320/EL000443.pdf?sequence=1>

Lapin (2016), *Les calepins de Lapin*, blog. Acedido em 15 Setembro de 2017 de, <http://les-calepins-de-lapin.blogspot.pt/>

Navega, S. (2000, outubro). *De onde vem a criatividade?*: Acedido em 23 Junho de 2012 de <http://www.intelliwise.com/seminars/criativi.htm>

Nogueira, S & Bahia, S. (2006). Criatividade – A avaliação da criatividade ou a necessária criatividade na avaliação: *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento*, V.1 N.1(8), ISSN: 1646-5245, 2006, Editorial Américo Batista, Lisboa. Acedido em 21 de dezembro de 2012, em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rlmente/article/view/964/793>

Perkins, David (2005), “*Families and Art Galleries: How Values and Philosophies Shape Spaces Presented at the J. Paul Getty Museum Symposium*”, “From Content to Play: Family-Oriented Interactive Spaces in Art and History Museums,” June 4-5, 2005. © 2005 Susan Hoppenfeld, pag 2. Acedido em 25 de abril de 2017, em <http://www.getty.edu/education/symposium/Hoppenfeld.pdf>

Programa desenho A (homologado em 24 de novembro de 2014). Consultado em <http://www.dge.mec.pt/educacao-visual> . Acedido em 30 de novembro de 2017, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/desenho_a_10_11_12.pdf

Programa Oficinas de artes (homologado em 15 de novembro de 2015). Consultado em <http://www.dge.mec.pt/educacao-visual> . Acedido em 30 de novembro de 2017, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais_2/oficina_artes_12.pdf

Revista Imaginar, Nº 46, Julho (2006), sobre Congresso internacional InSea (2006), *Diálogos interdisciplinares em arte educação*, p.28-30. Acedido em 30 de Maio de 2017, e <http://apecv.pt/revista/imaginar46web.pdf>

Salavisa, E. (2009, 5 Dezembro). *Le corbusier. diário de viagem e arquitectura*: Revista BD Jornal nº 9, Janeiro de 2006, blog – Desenhando percursos urbanos. Acedido em 20 setembro de 2012, em <http://desenhandopercursosurbanos.blogspot.pt/2009/12/cadernos-de-croquis-de-le-corbusier.html>

Salavisa, E. (2008/2016). *Diários Gráficos*. Acedido em 15 de setembro de 2011, in <http://diario-grafico.blogspot.pt/>, textos publicados em <http://diario-grafico.blogspot.pt/p/textos.html>

Santos, R. (2008, 19 de dezembro). *Artes criativas, Ilustração*: texto publicado no Blog, <http://industrias-culturais.blogspot.pt>. Acedido em 18 de setembro de 2012, em <http://industrias-culturais.blogspot.pt/2008/12/texto-em-construo.html>.

Silva, Levi L. F. (2013). [PDF] *em cadernos digitais: Educação pela Arte. Departamento de Arte e Ofícios*. Universidade de Trás os Montes e Alto Douro“; in www.quadernsdigitals.net. Acedido em 26 de dezembro 2013, em <http://www.quadernsdigitals.net/index.php>

USKP, Urban Sketchers de Portugal. *Our Manifesto* - Urban Sketchers (22 de abril de 2012/ 30 de abril de 2017). Acedido em 26 de dezembro de 2012 e em 20 de maio de 2017, em <http://www.urbansketchers.org/p/our-manifesto.html>. E em myblog «in situ», Acedido em 26 de dezembro de 2012 em <http://mybloginsitu.blogspot.pt/>.

Vasconcelos, M^a Constança & Elias, Helena C. (2006). O “campo expandido” do desenho e as suas práticas criativas. *Revista de comunicação e cultura, Caleidoscópio*, 1º Semestre, nº 7, p. 67-80, ULHT, Lisboa. Acedido em 11 junho de 2012, em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2298/1807>

Zabalza, M. (2004). *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*: Porto Alegre, Artmed. Acedido em 16 de Junho 2012, e em 10 de Dezembro 2013, em http://www.tramaweb.com.br/imprensa_ver.aspx?ClienteID=73&NoticialID=1853

World Congress on Arts Education taking place in Lisbon, Portugal (2006). *Interdisciplinary Dialogues in Art Education - Abstract Proceedings*. In <http://www.insea.org/>. Acedido em 30 de maio de 2017, em <http://www.insea.org/docs/insea2006.pdf>

World Arts Alliance (2006). Joint Declaration. Acedido a 30 de Maio de 2017, em <http://insea.org/advocacy/waae-world-alliance-arts-education>

Anexos

Anexo I - Modelo de questões das entrevistas aos professores

Questões na entrevista aos professores:

Até que ponto o professor verifica a utilidade do diário gráfico como objecto de aprendizagem em contexto de sala de aula ou em aula de campo?

Como professor da disciplina que pode utilizar o D. G., se tem incentivado o seu uso em exercícios de observação e na reflexão de ideias, no sentido de os alunos efectuarem registos de pesquisa, de estudos para desenvolvimento do registo gráfico, e mesmo na criação de novas ideias?

Tem verificado que com a utilização do D.G. os alunos têm conseguido corrigir dificuldades detectadas antes do seu uso?

Considera que deve ser integrado no currículo/ programa disciplinar e usado como objecto de avaliação?

Recorre ao D.G. como O.A. na planificação e aplica nas aulas no sentido de poderem efectuar experiencias e no desenvolver projectos? E nos quais verifica melhoria nos registos dos alunos?

Anexo II - Modelos de questões dos questionários I e II efetuados aos alunos II

Questionário I

“Diário Gráfico como Ferramenta Didática”

O presente questionário Faz parte do trabalho de investigação do Mestrado de Cristina Nunes, aluna da UHTL, tendo como objetivo a Verificação da utilidade do diário Gráfico, como ferramenta didáctica e não sendo os dados apurados utilizados para qualquer outro fim.

Agradece-se, desde já, a resposta ao mesmo pelos alunos.

- 2- Indique a idade: _____
- 3- Género: M () F ()
- 4- Escolaridade: _____
- 5- Indique o nome da Escola: _____
- 6- Indique a área de estudos: _____
- 7- O que é para si o diário gráfico? _____
- 8- Já conhecia o diário gráfico ou caderno de registos? Sim () Não ()
- 9- Antes de usar o diário gráfico, já tinha o hábito de desenhar diariamente?
Sim () Não ()
- 10- Depois de ser introduzido o diário gráfico, começou a utilizar com mais frequência?

Sim () Não ()

- 11- Quando começou a utilizar o diário gráfico? 1 Ano () 2 Anos () 3 Anos () Se mais indique (_____)
- 12- Reflecte as ideias por registos no diário gráfico? Sim () Não ()
- 13- Sente que desenvolveu destreza a desenhar? Sim () Não ()
- 14- Costuma ter sempre o diário gráfico consigo? Sim () Não () Às vezes ()
- 15- Considera que tem utilidade o diário Gráfico no desenvolvimento do gesto do desenhar?
Sim () Não ()
- 16- Considera que utiliza bem o diário gráfico? Sim () Não ()
- 17- Desenvolveu a concentração na observação dos objectos desenhados? Sim () Não ()
- 18- Qual para si é a utilidade do diário gráfico?
- _____
- _____

- 19- A utilização do diário gráfico permitiu reduzir as dificuldades no desenho? Sim () Não ()
- 20- A utilização do diário gráfico tem proporcionado à motivação para o desenhar diariamente/ sistemático?
Sim () Não ()
- 21- Com a utilização do diário gráfico, desenvolveu o hábito de observação? Sim () Não ()
- 22- Com a utilização do diário gráfico desenvolveu o hábito de desenhar? Sim () Não ()
- 23- Com a introdução do diário gráfico, considera que melhorou no domínio do gesto? Sim () Não ()

Obrigada! A sua ajuda é muito importante, pelo que agradeço o tempo que dedicou a responder a estas questões

Aplicado por Sandra Cristina Nunes
Aluna do Mestrado em Ensino das Artes Visuais
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT

Questionário II

“Diário Gráfico como Ferramenta Didática”

O presente questionário Faz parte do trabalho de investigação do Mestrado de Cristina Nunes, aluna da UHTL, tendo como objetivo a Verificação da utilidade do diário Gráfico, como ferramenta didáctica e não sendo os dados apurados utilizados para qualquer outro fim.

Agradece-se, desde já, a resposta ao mesmo pelos alunos.

- 1- Idade: _____ Género: F () M () Escolaridade: _____
- 2- Com a introdução do diário gráfico, considera que melhorou no domínio do gesto? Sim () Não ()
- 3- Considera que desenvolveu mecanismos de criatividade? Sim () Não ()
- 4- Descreva dificuldades no desenho que foi detectando na utilização do diário gráfico:
- _____
- _____
- _____

5- Conseguiu melhorar as dificuldades pelo desenho sistemático? Como? Sim () Não ()

6- Costuma reflectir sobre as dificuldades no desenho e procura resolver? Sim () Não () Como?

7- Reflecte nas ideias que desenvolve em projectos no diário gráfico? Sim () Não ()

Obrigada! A sua ajuda é muito importante, pelo que agradeço o tempo que dedicou a responder a estas questões

Aplicado por Sandra Cristina Nunes
Aluna do Mestrado em Ensino das Artes Visuais
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT

Anexo III - Modelo de questões das entrevistas efectuadas aos alunos do 12º ano de Artes Visuais III

Considera que aumentar a capacidade de abstracção a partir de elementos concretos?

Com a introdução do diário gráfico, considera que melhorou no domínio do gesto?

Considera que desenvolveu mecanismos de criatividade?

Descreva dificuldades no desenho que foi detectando na utilização do diário gráfico:

Conseguiu melhorar as dificuldades pelo desenho sistemático? Como?

Costuma reflectir sobre as dificuldades no desenho e procura resolver? Como?

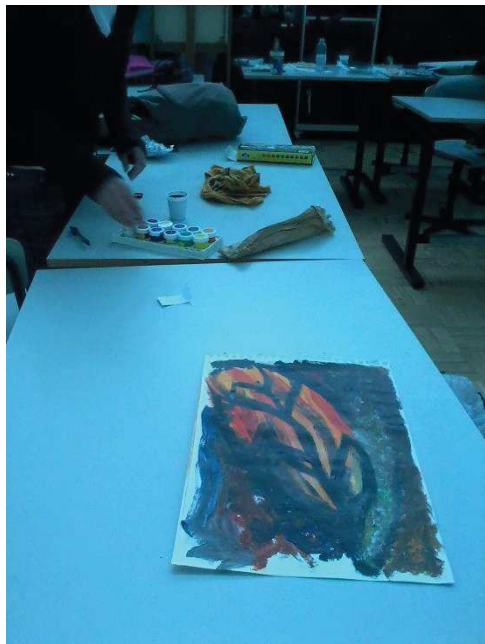
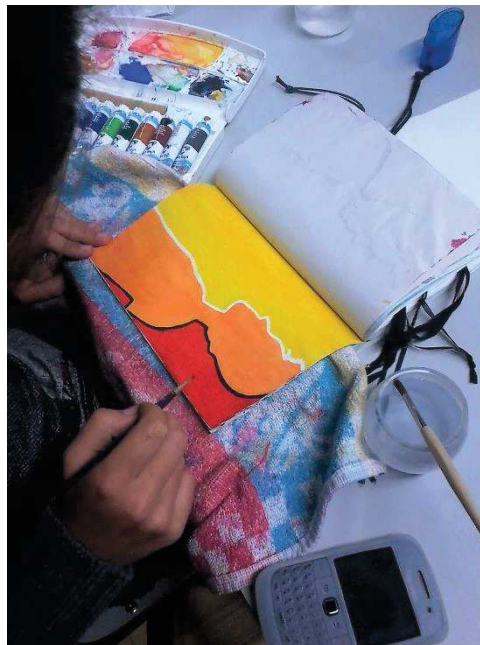
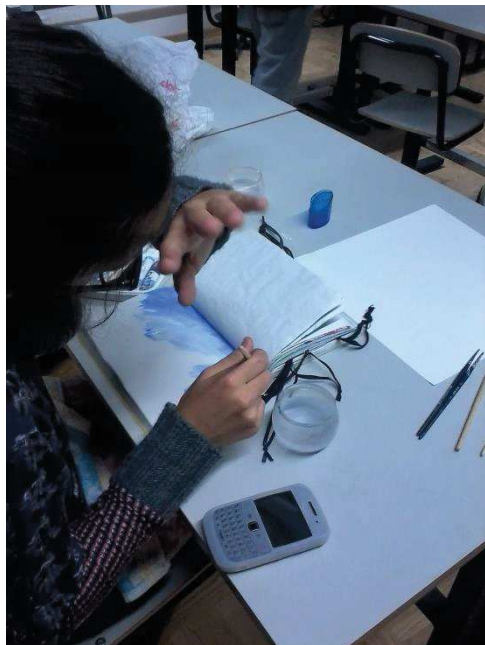
Reflecte nas ideias que desenvolve em projectos no diário gráfico?

Desenvolveram a reflexão?

Anexo IV – Fotografias da Prática Supervisionada – Estágio – Investigação-ação

Projeto de Pintura, na turma do 12º ano, em OAr. Aplicação do diário gráfico durante o projeto.
Aplicação final do projeto de pintura em tela:









Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais

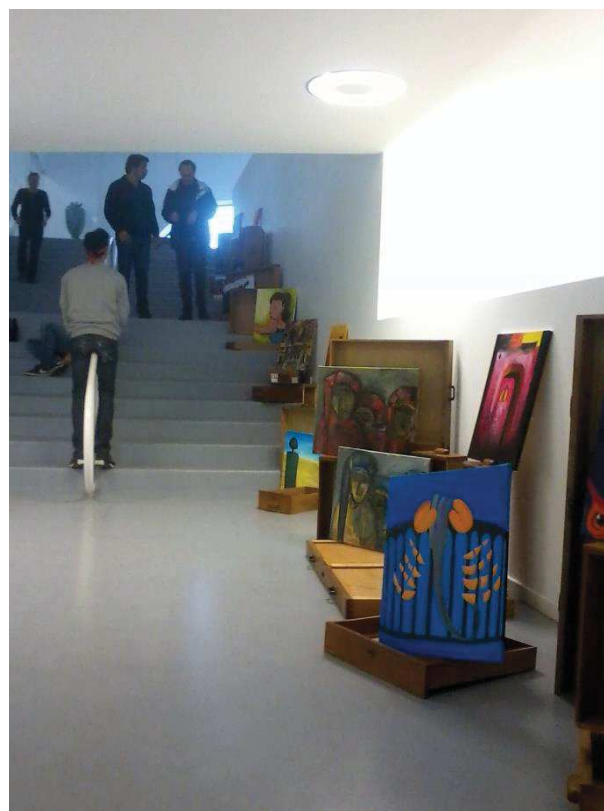
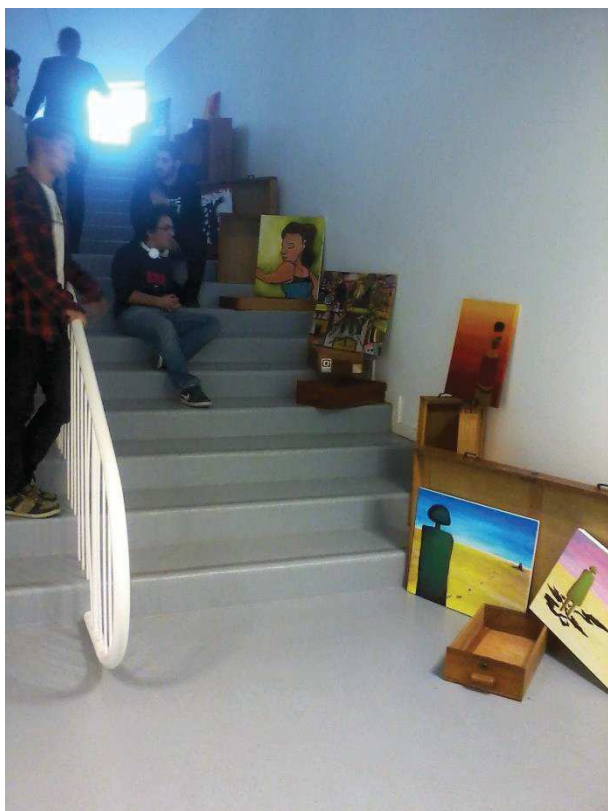


Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais

Fotografias da preparação e da Exposição dos trabalhos do projeto de Pintura



Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais



Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais

Registos fotográficos das palestras realizadas, na sequência do estágio e da investigação acção:

1ª Palestra – sobre arte e os sentidos



2ª Palestra sobre o Diário Gráfico



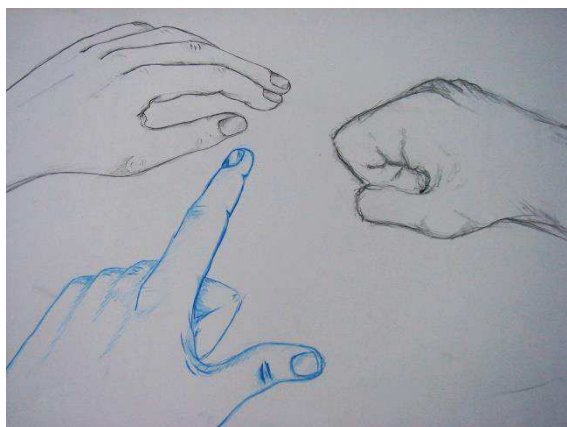
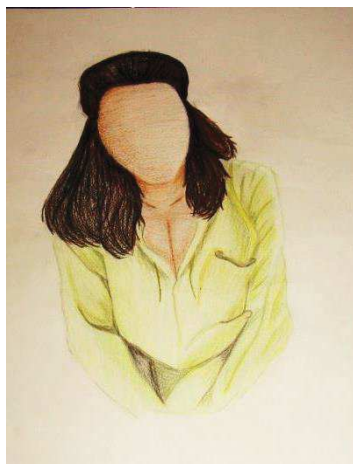
Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais



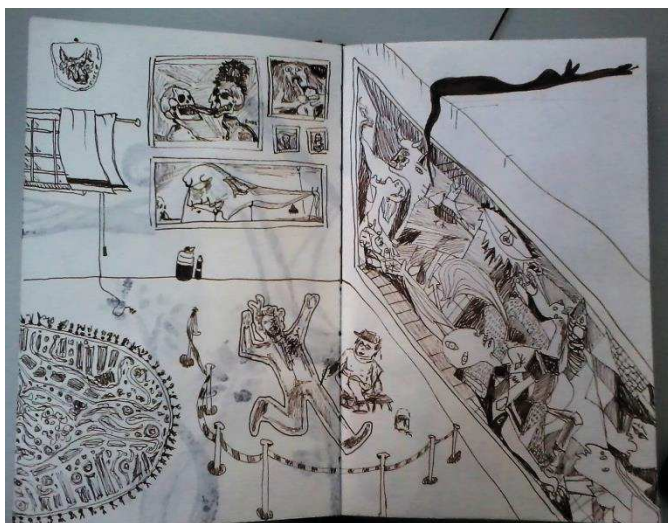
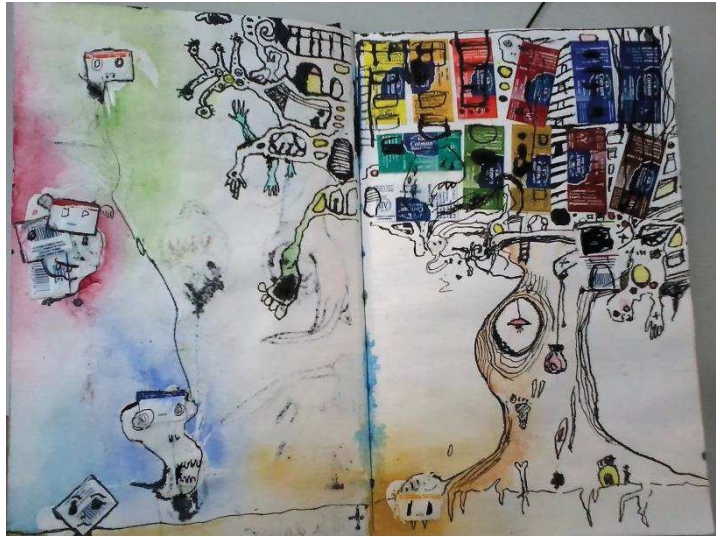
3ª Palestra – Sobre a Avaliação



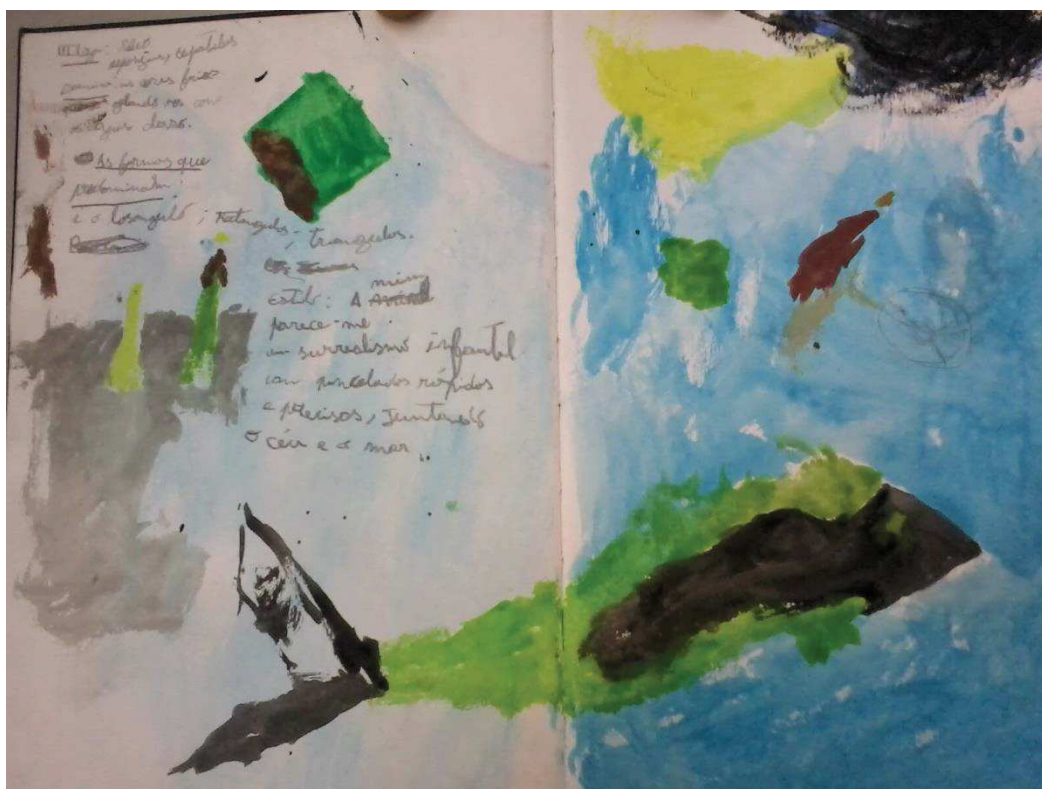
Anexo V - Registos fotográficos de Desenhos realizados em diário gráfico pelos alunos e exposição de diários gráficos:



Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais



Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais

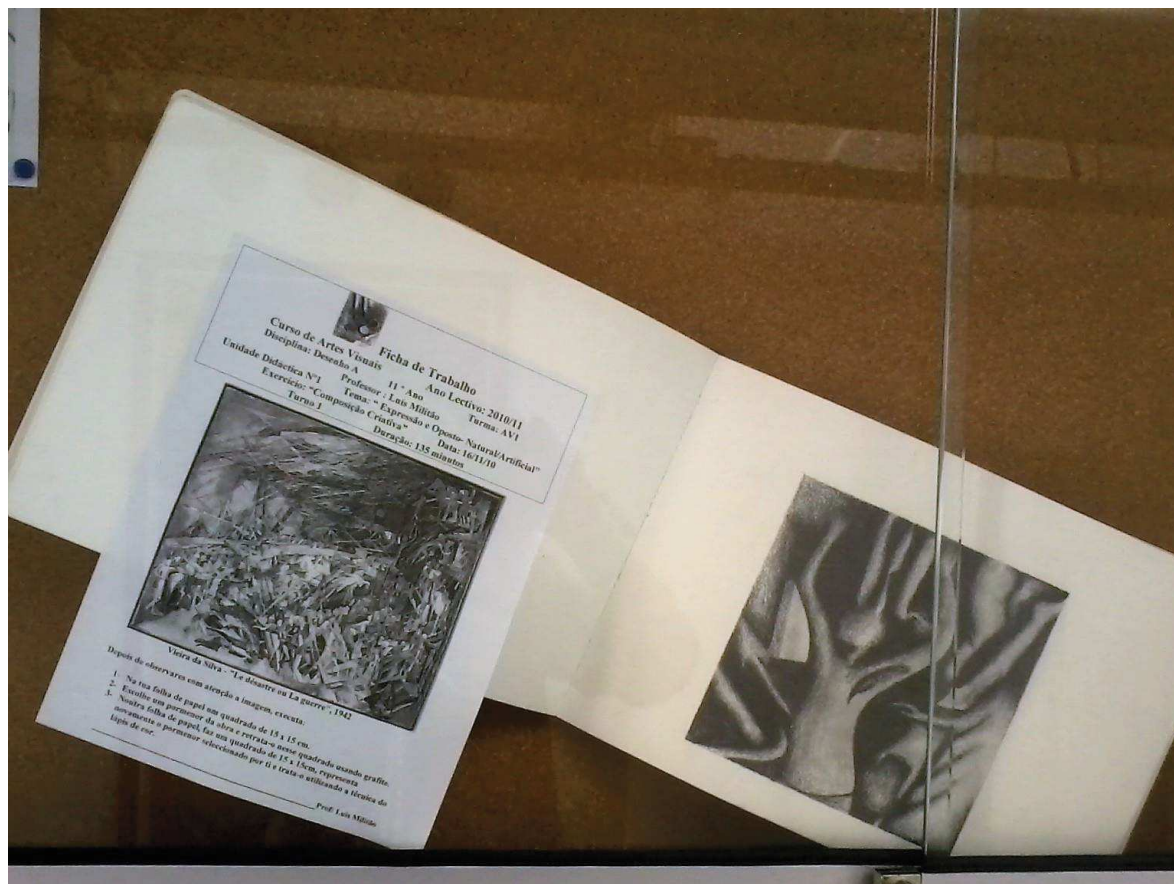


Anexo VI - Registos fotográficos da exposição dos diários gráficos:

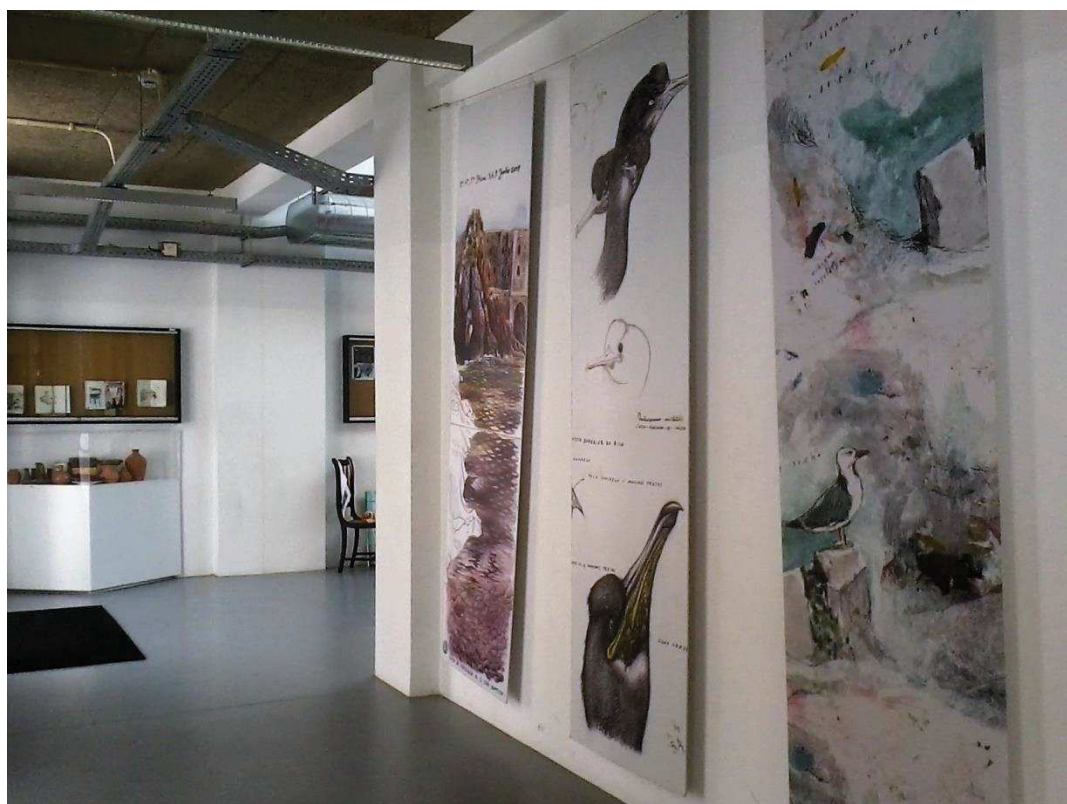
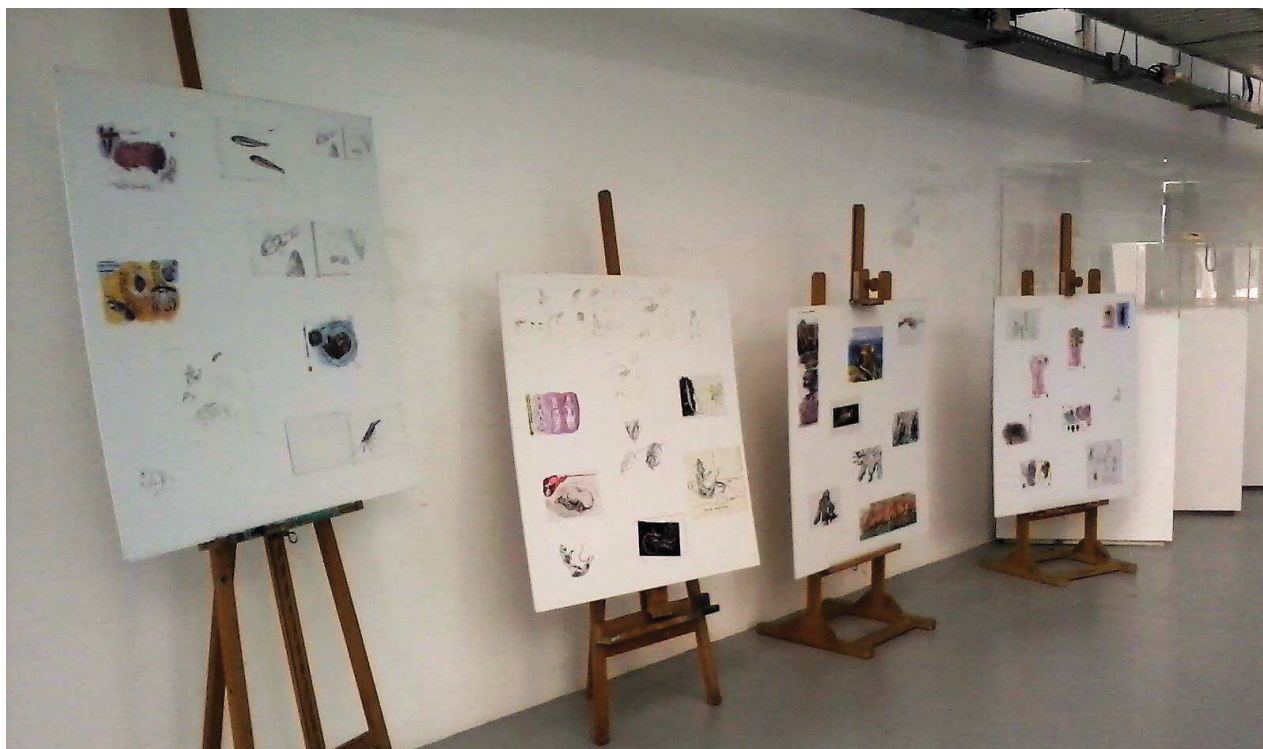


Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais





Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais

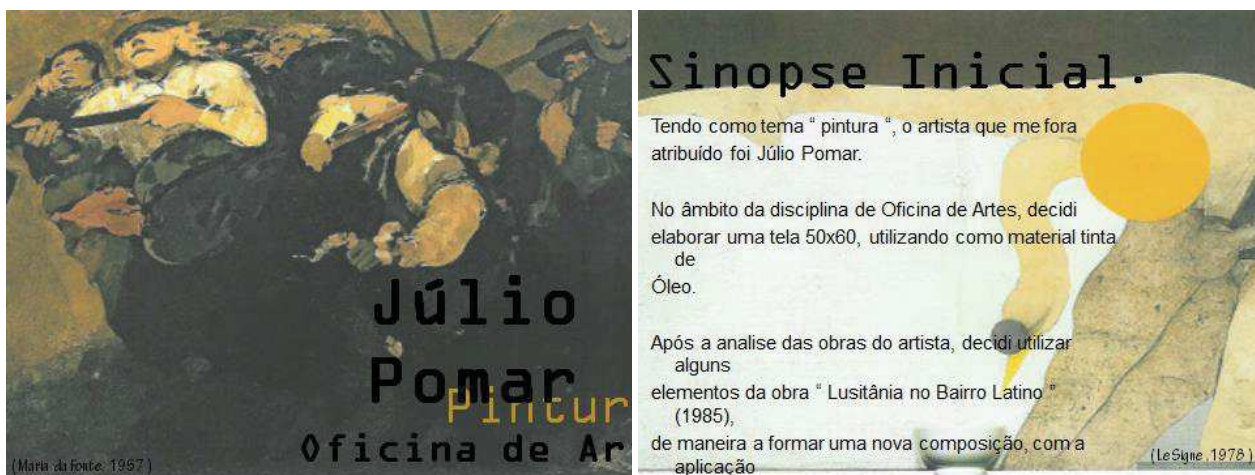


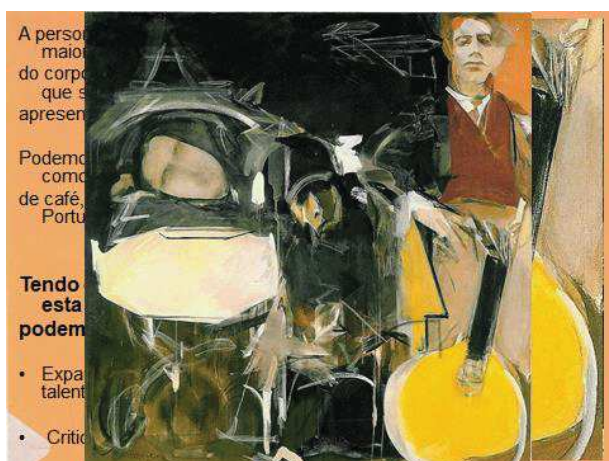
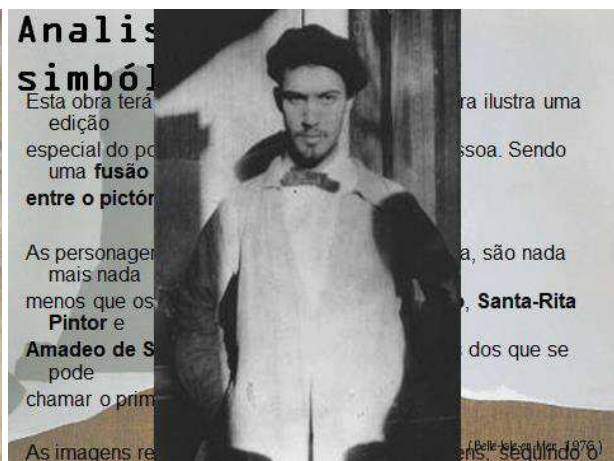
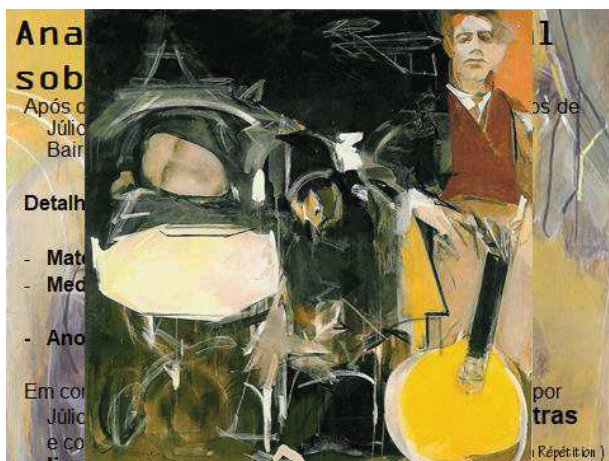
Anexo VII - Exemplo de diário gráfico criado com os alunos do 1º ciclo em Expressões Plástica no ano letivo de 2013/ 2014, no agrupamento de escolas da Marinha Grande Poente:

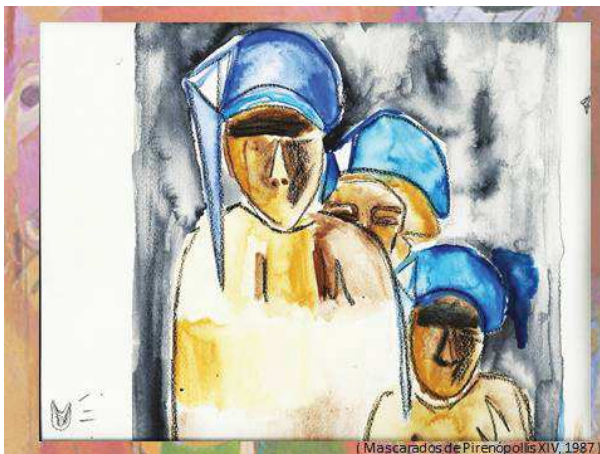


Anexo VIII - Exemplos de portefólios do projeto de pintura, com registos de esboços no D.G., com exemplos bem conseguidos e exemplos menos bem-sucedidos de alguns alunos.

Portefólio da Aluna M. C. 12º AV 1 – Sobre Júlio Pomar







Sinopse Final:

Tendo em conta todo o processo criativo e executivo, penso que as obras tiveram um resultado positivo, apesar das diversas complicações que surgiram durante a execução da primeira tela. Contudo consegui ultrapassar todas as complicações, concluindo assim as telas sem problemas aparentes.

Ambas as telas tem como finalidade demonstrar variados sentimentos tais como (tendo como base a interpretação da obra original tanto da minha parte como a das pesquisas que executei.) (1900/1990.)

Bibliografia:

- **Texto:**
 - http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Pomar
 - http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=1150
 - <http://cam.gulbenkian.pt/index.php?langId=1&visual=2&article=70623&nsg=1&queryParams=.autor%7CJ%C3%BAlio%20Pomar&queryPage=4&position=7>
- **Imagens:**
 - <http://cam.gulbenkian.pt/index.php?langId=1&visual=2&article=70623&nsg=1&queryParams=.autor%7CJ%C3%BAlio%20Pomar&queryPage=4&position=7>

(La Table de l'architecte, 1977)

Portefólio do aluno N. C. do 12º AV1 – Sobre Júlio Resende

Júlio Resende.

Pintor Português.



Biografia.

- Nasceu em 1917-2011.
- Diplomado na Escola de Belas-Artes do Porto.
- Teve a sua primeira exposição na "Exposição Independente"
- Pintor cubista e expressionista.

Técnica do pintor.

- Pinceladas rápidas, mancha, desenhos poucos trabalhados.

Principais obras.

- "Caminhantes";
- "Lavadeira";
- "Mendigos";
- "Moça";
- "Ribeira negra".

Sinopse inicial.

- ◉ Inicialmente pensei em fazer 4 telas que funcionassem individualmente e que, juntas, formassem uma tela grande dividida em 4.
- ◉ Tendo como base, interpretar duas obras de Júlio Resende.

Obras em que me iria basear.



Esboço das 4 telas.



Desenvolvimento. (Avaliação)

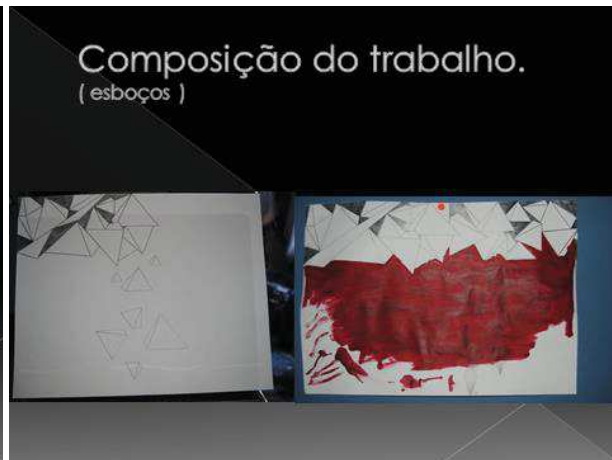
- ◉ Ao verificar que iria ter pouco tempo resolvi fazer apenas uma tela, baseada na obra "mira"

Obra que interpretei. (mira)



Esboços iniciais. (técnicas/materiais)





Avaliação.

- ◉ Nesta fase observei que o resultado não era o esperado, achava-o demasiado infantil e inacabado.
- ◉ Resolvi então mudar a parte esquerda da tela.



Materiais utilizados.

- ◉ Pastel seco;
- ◉ Acrílico;
- ◉ Carvão;
- ◉ Grafite;
- ◉ Caneta de filtro;

Sinopse final.

- ◉ Nesta fase achei que o trabalho estava concluído, nada faltava, e estava bastante bom.
- ◉ Os sentimentos que obtive, foi o revolta e confusão.

Trabalho final.

- ◉ "Le Iluminado"

Portefólio do Aluno J.D. do 12º AV1 – Sobre Eduardo Batarda

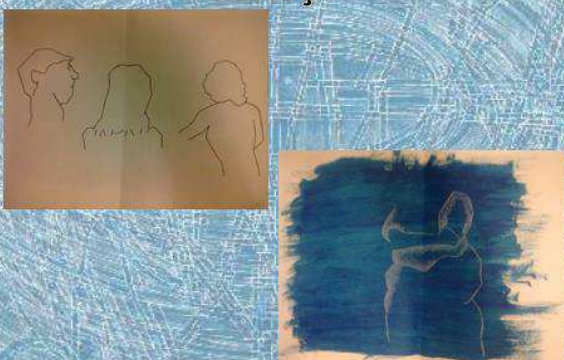
Eduardo Batarda

Eduardo Batarda



Eduardo Manuel Batarda Fernandes nasceu em Coimbra em 1943. Formado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, após ter frequentado durante três anos o curso de Medicina na Universidade de Coimbra. Realizou uma pós-graduação no Royal College of Art, Londres. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Lecionou na Escola de Belas Artes do Porto. Actualmente, vive e trabalha em Lisboa. Premiado em Inglaterra e Portugal. Prémio EDP em 2007. Em 2009, no Centro de Arte Manuel de Brito, em Algués teve lugar uma exposição retrospectiva da sua obra – que abrange a gravura, ilustração ou a BD e “é imensamente complexa, com leituras de segundo e terceiro grau” (João Pinharanda). Muito respeitado nos meios artístico e académico, os interesses de Eduardo Batarda estendem-se à literatura, filosofia/estética e arte antiga, sendo um especialista em desenho do Renascimento. As suas obras integram diversas colecções públicas e privadas na Europa e nos EUA.

Esboços



pinturas

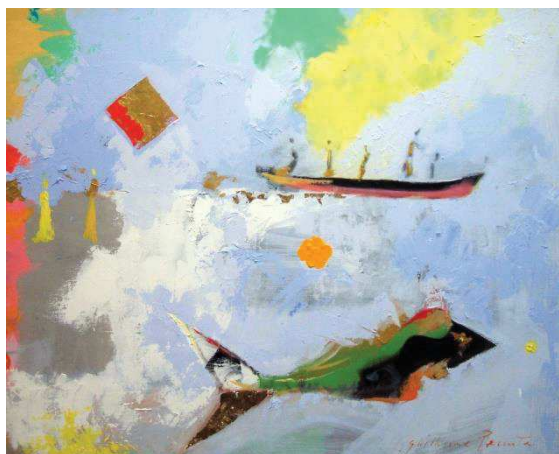


Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais

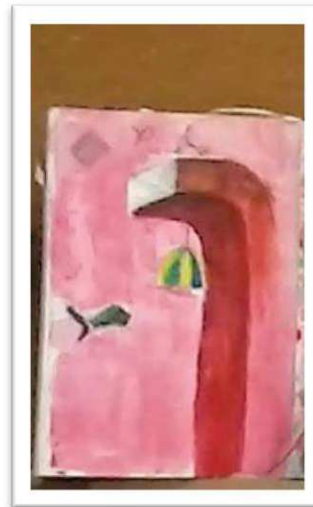
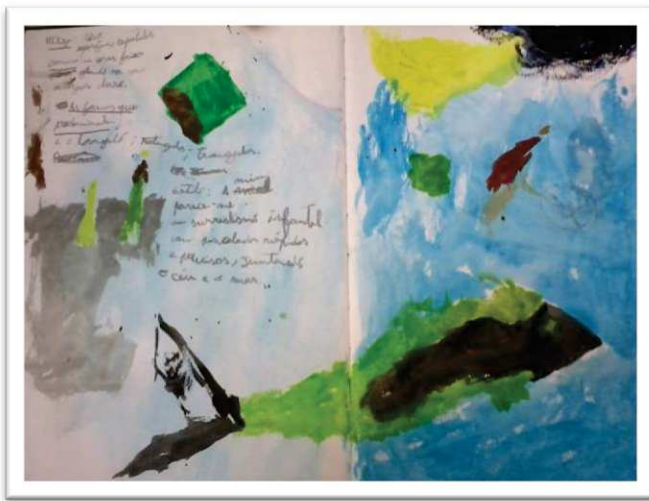


Estudos em diário gráfico de D. D. (sobre o artista Guilherme Parente)

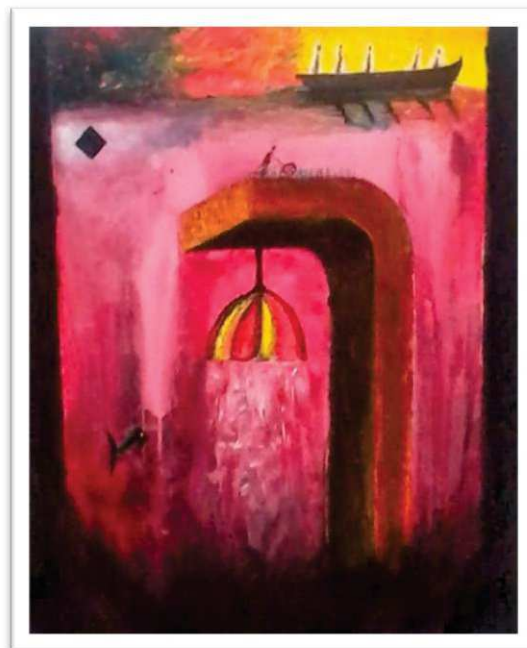
Imagens de ponto de partida:



Sandra Cristina Nunes Branco, O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais



Trabalho final (observação: o aluno é daltónico, e apesar de ter acompanhamento de terapia da cor. Foi-lhe dada a liberdade de interpretar a cor tal como a vê na obra de Guilherme Parente)



Anexo IX – Ficha de análise da obra de uma artista – proposta de projeto de pintura – Os afetos



Ficha de poio - Proposta de Projeto de Pintura 2011/ 2012

Análise plástica /A técnica pictural

1. A composição - Quais são as linhas que organizam o quadro? Isto é, a organização das figuras segundo esquemas geométricos ou não, com eixos bem marcados ou não, segundo leis de perspectiva ou sem elas (como é criado o sentido de profundidade);
2. Formas – Quais as formas predominantes na representação pictórica, isolando-as;
3. O desenho - qual é a função da linha, a sua espessura e forma? Tem um papel fundamental ou acessório?
4. As cores - Quais são as cores dominantes? Cores quentes ou frias? Fundamentais ou complementares?
5. A luz - De onde vem a luz? Está repartida uniformemente? Qual é o seu efeito?
6. A técnica de pintura - mancha larga, pontilhada, linear, *sfumato*, modelado
7. A matéria - óleo, têmpera, acrílico, entre outras matérias...

Deverá analisar se o olhar do espectador é atraído para algum ponto em especial e porquê;

O que se pretende traduzir com determinadas cores; se o emprego de determinada técnica marca decididamente o estilo do autor;

Se o emprego de determinadas matérias representa um avanço em relação a outros, inserção ou não nas técnicas comuns.

Os elementos morfológicos básicos das obras: linha, plano, textura, cor/ monocromático em preto e variações organização da luminosidade, o ritmo, o contraste e toda a sintaxe visual da pintura.

Fazer um comentário pessoal sobre a obra de arte

Comentar do ponto de vista pessoal uma obra de arte, é exprimir a sua adesão ou não, à obra, quer do ponto de vista intelectual, quer do ponto de vista afectivo, justificando a sua posição.

Identificar:

Personagens/ formas/objectos	Atitudes	Sentimentos

Conclusão

Apresentar por uma sinopse, as informações fornecidas pela análise do quadro poderá concluir com a identificação dos elementos marcantes e de características fortes, quase como assinatura da obra.

Para a partir deste elementos de análise das obras do artista, efectuar a sua interpretação na forma de uma composição pictórica (bidimensional), com esses mesmos elementos.

Etapas do projecto artístico:

1ª Etapa

Investigação e análise da obra: Dia 20 – 135min/ 3tp; dia 21 – 135min/ 3pt; dia 25 – 90min/ 2tp; Dia 26 – 90min/1tp;

2ª Etapa

Sinopse Inicial: Dia 27 – 45 min/ 1tp

3ª Etapa

Esboços: Dia 27 – 90 min/ 2tp; 28 – 135min/ 3tp; dia 1 – 90min/2tp; dia 2 – 90min/2tp; dia 3 – 135min/ 3tp; Realização da pintura: Dia 4 – 135min/ 3tp; dia 8 – 90min/ 2tp; dia 9 – 90min/ 2tp; dia 10 – 135min/ 3tp; dia 11 – 135min/ 3tp;

4ª Etapa

Sinopse final e portefólio: Dia 15 – 90min/2tp; dia 16 – 90min/2tp; dia 17 – 135min/ 3tp; dia 18 – 135min/ 3tp;

5ª Etapa

Apresentação: dia 22 – 90min/ 2tp; Dia 23 – 90min/2tp

Anexo X – Tabelas de parâmetros de avaliação do projeto de Pintura/ tabela com descrição avaliação



Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro

Departamento - Expressões

Área Disciplinar de Artes Visuais e Educação Tecnológica

Ano lectivo: 2011/2012

Curso Científico – Humanístico de Artes Visuais

Disciplina: Oficina de Artes 12º Ano Turma: AV1

Áreas e Parâmetros de Avaliação

2-Domínio Cognitivo __Peso 90%____18 Valores

Área de Avaliação:	Parâmetros de Avaliação:
1- Trabalho de Projecto -Pintura:	1-Planificação do Trabalho: . Definição do subtema. . Definição dos objectivos. .Definição das fases do trabalho 2-Esboços: .Utilização adequada dos contrastes cromáticos. .Fidelidade quanto a forma Geral. .Fidelidade quanto as proporções entre partes. . Interpretação pessoal.

	. Expressividade. 2-Pintura final: 2.1. Estruturação da Representação: . Observância da morfologia geral. . Definição de Contornos. . Sugestões de profundidade. . Proporções entre as partes do registo. . Escala do registo. . Enquadramento do registo. . Estrutura da composição. 2.2. Utilização dos Materiais e Instrumentos: . Utilização adequada dos materiais. . Utilização adequada dos Instrumentos.
--	---

Prof: Luís Militão

Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro

Área de Avaliação:	Parâmetros de Avaliação:
1- Trabalho de Projecto -Pintura:	3-Sinopse: . Qualidade da escrita. . Estruturação das ideias.

Caldas da Rainha, 26 de Outubro de 2011

O Professor:

(Luís Militão)

Tabela de Critério criada para avaliar o projeto de Pintura em OAr

Critérios

%

Trabalho de pesquisa/investigação	Recolha e tratamento da informação sobre o tema	1
	Correcção da informação utilizada.	1
	Originalidade	1
	Criatividade do trabalho	1
	Correcção no registo escrito do trabalho	1
	Sub-total	5
Produto Final/portefólio	Planificação da apresentação	1
	Cumprimento do calendário	1
	Qualidade do produto	1
	Criatividade na apresentação	2
Portfolios/ trabalho final	Sub-total	5
	Definição do tipo de portefólio	1
	Levantamento dos dados a incorporar	1
	Diversidade do material utilizado	1,5
	Qualidade do material utilizado	1
	Organização lógico do material	1
	Relação entre o material seleccionado	1
	Criatividade na organização e selecção	1,5
	Novas Tecnologias (TIC)	1
	Tecnologias tradicionais	1
	Sub-total	10
Criatividade	Materializa o desenvolvimento de uma ideia a partir do estabelecimento de novas relações ou organização de novas ideias	2
	É sensível a novas ideias	1
	Desenvolve a capacidade de lidar com novos problemas, de modo original	1
	Desenvolve a capacidade de exprimir ideias de várias formas e de analisar situações de diferentes pontos de vista	2
	Desenvolve a aptidão de compreender e avaliar as contribuições dos outros	2

	Desenvolve a capacidade de conceber e executar mudanças de uma estratégia para outra	2
Sub-total		10
Oralidade	Manifesta correcção na expressão oral	1,5
	Estrutura conhecimentos	1,5
	Mostra domínio dos conteúdos programáticos	1,5
	Utiliza correctamente vocabulário específico	1,5
	Revela precisão conceptual e clareza discursiva	1,5
	Revela capacidade de análise e de síntese	1,5
	Pondera e analisa o feed back dos colegas e professor	1
Sub-total		10
Sinopse inicial	Qualidade da Escrita	2,5
	Estruturação das ideias	2,5
Sub-total		5
Sinopse final	Qualidade da Escrita	2,5
	Estruturação das ideias	2,5
Sub-total		5
Metodologia projectual	Definição do Subtema	3
	Definição dos Objectivos	3
	Definição das fases do trabalho	4
Sub-total		10
Esboços	Utilização adequada dos contrastes cromáticos	2
	Fidelidade quanto a forma geral	2
	Fidelidade quanto as proporções entre as partes	2
	Interpretação pessoal	2
	Expressividade	2
Sub-total		10
Trabalho final/estruturação e representação	Observância da morfologia geral	2
	Definição dos contornos	2

	Sugestões de profundidade	2
	Sugestões de volume	2
	Proporções entre as partes do modelo	2
	Escala do desenho	2
	Enquadramento do registo	1
	Estrutura da composição	2
Sub-total		15
Trabalho final/ utilização de materiais e instrumentos	Utilização adequadas dos Materiais	2,5
	Utilização adequada dos Instrumentos	2,5
Sub-total		5
Total	Total em % (0 a 100%)	90
	Total socio-cognitivo (0 - 18 valores)	18
	Total socio - afectivo (0 - 10 %)	

Anexo XI – Entrevistas Transcritas de professores e Observações transcritas das entrevistas aos alunos

Entrevista à professora M^a J. Dias

Os alunos no início demonstram resistência a utilizar, e permitiu que as aulas fossem diferentes, tendo aulas em campo para efetuarem registos, e em sala de aula efetuaram registos de objetos de geologia, alguns alunos acabaram por o enriquecer mais do que tinha sido pedido. A sua adesão foi um factor facilitador, e motivou para desenhar.

Alguns alunos já o vêem como espaço exploratório no D.G., numa fase que foi iniciado o projeto com o D.G. aderiram bem e aumentou a espontaneidade no desenho em alguns alunos, de idades dos 14 e 15 anos, alguns somente desenhavam durante as aulas. No final do ano foram recolhidos os cadernos de campo, e já neste ano alguns que se afeiçoaram ao mesmo o pediram de volta para continuarem a desenhar nele

A professora experimentou em outra disciplina de técnicas de apoio pré escolar, em ensino experimental, e usaram o caderno de registos em sala, para experiencias em aula, e as crianças adoraram, tendo resultados fantásticos, crianças com 4 e 5 anos. Verifica-se que quanto mais cedo for aplicado os cadernos, mais resultado eficaz se verifica, pois facilmente ficam motivados, ficando emocionalmente ligados aos cadernos.

Para corrigir o traço no desenho, leva mais tempo e ser mais trabalhado, no caso do 8º ano, verifica-se no 1º ano de uso, que houve pequenas melhorias, mas nem todos têm a predisposição para o usar, com pena ficou que não ter ficado a acompanhar o projeto no ano seguinte com a turma que foi feita a experiencia.

Considera que deve ser incentivado a ser usado, o quanto mais cedo melhor pois será uma mais-valia. No entanto observa que consoante os alunos avançam no ensino do 1º ciclo para o 2º ciclo vão perdendo o interesse pelo desenho. E este DG. Pode ser um agente motivador para continuar a desenhar.

O caderno de desenho pode ser um hábito útil para a destreza no desenhar, e na observação do que rodeia e aprender a ver melhor os objetos que desenhem.

Os alunos no início não olhavam muito para o objeto, e com orientação os alunos começaram a ver melhor os pormenores a observar com mais atenção, que ao início lhes escapavam.

Concordamos no sentido que a utilização do D.G. com orientação e ser integrado no programa, pode ser um elemento importante no desenvolvimento da observação dos objectos, das coisas que nos rodeiam. O Aprender a olhar e a observar.

Considera que deveria ser o objecto de avaliação, apesar que tenham vários elementos de avaliação, mas que deveria ser feita uma adaptação para que seja um elemento a avaliar para fazer sentido a sua utilização e implementação.

Entrevista à professora Margarida de Biologia e geologia

Utiliza o diário de campo, nas aulas e incentiva os alunos a usarem em outras disciplinas, usa para registos sobretudo para registo de objetos biológicos, animais e paisagem, para desenvolver a observação do pormenor do objeto biológico e uma observação diferente que é uma descrição escrita.

Utiliza como um objecto de aprendizagem, mais até como uma ferramenta para desenvolvimento da capacidade de observação, de desenho ou de representação pictórica.

No que diz respeito à avaliação, usa o D.G. para efeitos de avaliação sumativa, considera que é interessante motivar os alunos o uso do D.G. para desenvolvimento das suas capacidades. Do que para um elemento avaliativo.

Considera que ao ser aconselhado o D. G. como ferramenta de trabalho em desenho, a professora concorda que deve de ser usado como tal e uma ferramenta de apoio. Para trabalho de pesquisa, e se tem a sua utilidade na disciplina de ecologia e biologia, mas como caderneta gráfica, por não ser diária, mas aconselha os alunos para a usarem como ferramenta para registos e escreverem e observarem os objetos de uma forma diferente, mais atenta.

Na introdução sobre o D.G., a professora aconselha a usarem, consideram uma ferramenta estratégica para obter determinados resultados de aprendizagem.

Entrevista à professora A. L. Frazão

Faz desafios todas as semanas, o que permite desenvolverem mecanismos de observação e no aprender a ver, exemplos, sombras, reflexos... que ajuda a desenvolver a criatividade a longo e a curto prazo. Os alunos que utilizam o diário gráfico começam a ter mais destreza a desenhar tudo o que lhes seja proposto. Os alunos que não o usam têm dificuldade de ultrapassar a barreira de estar presente a uma folha branca.

Considera que todos têm uma maneira diferente de se expressar a nível do desenho.

É muito importante para os alunos e para os professores, os alunos sentem-se realizados ao efectuar este tipo de experienciação com o hábito de desenhar.

Utiliza sempre, e efectua exposições - “Diário gráfico da Semana” (roda as apresentação todas as semanas com os trabalhos das diferentes turmas do 3º Ciclo), e tem um blog, de divulgação.

No processo de avaliação, considera que o mais importante é conseguirem atingir os objetivos de aprendizagem na disciplina de educação visual.

Como têm já o hábito de sua utilização, todo o processo de acompanhamento é inerente ao mesmo, ao longo do ano. Pois está sempre presente com os alunos o DG. Em que dá normalmente como trabalho de casa desafios semanais.

Sobre o método de motivação que usa, mostra vários exemplos inclusive os seus exemplos, efectua sempre uma apresentação de imagens que participam em encontros de sketchers, de imagens com textos. Exemplos de objetos de quotidiano, diferentes tipos de registos.

Promove ações sobre o D.G. e em visitas de estudo, aulas de campo.

Entrevista à professora A. Veloso

Em desenho, recorre em aulas de campo, ou para trabalhar em casa, é na aula quando não trazem material.

Todos os alunos deveriam usar desde pequeninos. E se todos pudessem descarregar no papel os sentimentos e não ser cortado desde pequeninos.

Considerações sobre o D.G. contribuir para o processo de concretização dos conteúdos procedimentais na educação visual e plástica, nos seguintes aspetos, na observação, treino da mão, capacidade de desenvolvimento da capacidade crítica, promove a auto-segurança, no habituar a desenhar na rua.

Sobre a capacidade de abstração a partir de elementos concretos, provavelmente desenvolvem, ao efetuar o treino, que no desenvolvimento do desenho no D.G., em cada vez mais que desenhem podem desenvolver a capacidade de abstração, mas têm dificuldade na sua representação, considera que é essencial que usem diariamente para o conseguir.

Se usassem todos os dias, nota-se na observação dos diários e nos trabalhos diários quem usa ou não o diário, e que tenha o hábito a desenhar. Os que usam têm mais fluidez no traço, segurança no sentido de tentar representar qualquer objeto observado. Normalmente tem maior facilidade de desenvolvimento de ideias para os projetos.

Depende das turmas, que se habitua a ter o diário gráfico, mas não o usam tanto que seria necessário, não como um hábito diário em registo sistemático, e no desenhar à vista, é difícil aos alunos conseguirem alcançar esse hábito. Quando entendem e chegam a esse objetivo, ganham entusiasmo.

Na disciplina de desenho, é indicado no programa como elemento de avaliação como existência dele e de uso, não considera que seja um elemento de avaliação do desenvolvimento dos

alunos, mas não tem peso na avaliação, sendo insignificante no peso da classificação da disciplina. É importante no desenvolvimento do desenho

No 3º ciclo desconhece, que nesta escola seja usado, mas no secundário é incluído. Notou que alunos no 10º ano já tinham um diário gráfico insipiente, mas filhos de professores das áreas das artes.

Mas nota-se que em alguns alunos desenham nos cadernos diários de outras disciplinas que vêm com hábitos de desenho, e normalmente seguem artes.

Na Avaliação, considera que tem um peso mínimo, e menos importante, é importante que exista, e que os alunos pelo programa são obrigados a ter. Indica aos alunos que é avaliado pela sua existência e pelo seu uso. E que pode ajudar a definir a nota. Considera que o diário gráfico deva estar sempre com os alunos para acompanhar o desenvolvimento no seu uso.

Os alunos normalmente têm de trazer o D.G. como material de estudo em desenho.

Na verificação com os alunos em aula da evolução no D. G., não faz que seja uma coisa rígida mas vai vendo consoante são realizados os projetos, não como uma situação formal, mas que têm de ter cada um o seu D.G. em aula, para os acompanhar no seu desenvolvimento

Sobre os métodos de motivação recorre para os alunos usarem o D.G. para desenvolverem o domínio do gesto, considera que é importante desenvolver em aula de campo, fora de aula. O mais importante, não temos muito tempo para o fazer. Que através de ações de falar sobre o assunto, e de ctividade que permitam esse desenvolvimento em aulas de campo de modo a os motivar. Exemplo praticar o registo de observação em parceria com outras disciplinas como em educação física, no registo do movimento do corpo humano, no registo rápido

Observações retiradas das respostas transcritas das entrevistas aos alunos

Observações dos diários gráficos – Aluno J.T.:

Desenvolve bem o traço no material riscador, caneta, reflecte as ideias rabiscado, observa e desenha atentamente o que observa, desenho de meio urbano, natureza, e de figura humana, já revela destreza no traço e proporções. No entanto revela dificuldade no uso do lápis de carvão, e algum no uso da aguarela para desenhar.

Observações dos diários gráficos – Aluno N.C.:

Ainda pouco uso do mesmo, demonstra poucas tentativas de técnicas, e de algum treino de observação.

Observações dos diários gráficos – Aluno D.D.:

Começa a desenhar quando surge a vontade de desenhar, ou algum fascínio por alguma coisa em particular, e então recorre ao diário gráfico, ou num local que está em espera, e desenha o que observa. Sente que já observa mais atentamente o que desenha.

Tem desenvolvido um traço próprio, no entanto ainda com alguma dificuldade na representação da figura humana, em particular no retrato em perfil

Observações dos diários gráficos – Aluna M.C.:

Supostamente onde pode juntar ideias, desenhar o que observa, tem um conceito próprio sobre o que é o diário gráfico.

Observação, do diário. A aluna revela ter bom domínio do traço, das ideias, do gesto, experimenta diferentes maneiras de expressar as suas ideias. Em alguns projectos reflecte em cadernos de registos de diferentes dimensões

Anexo XII – Diário de Bordo semanal

Diário de bordo semanal, registo da minha experiência como docente. De forma a avaliar a minha experiência de professora em formação, refletindo sobre os aspectos a melhorar.

Data: 19 a 21/10/2011

Assunto: Reflexão semanal unidade de pintura

Notas:

Os objetivos pretendidos para o período da 1ª semana da unidade didática de pintura, foram definidos para dar a conhecer vários aspetos das etapas do projeto pretendido que os alunos desenvolvam.

Efectuei apresentações de power-Point, sobre o tema da unidade.

Recurso a mostra de exemplos dos artistas a serem estudados, do método de análise da pintura, e das etapas de desenvolvimento do projeto.

Foi entregue a cada aluno de forma aleatória um artista Português.

Foi explicado o que é pretendido desenvolver, no sentido de facilitar e motivar os alunos para a análise de pinturas dos artistas atribuídos, fora demonstrado por alguns exemplos de análise de uma obra no caso de exemplos de caso a Guernica, e obras de Tàpies.

Efetuiu-se observações e discussão com os alunos sobre a análise de uma obra de arte, para proporcionar a troca de impressões e esclarecimento de dúvidas a respeito do processo criativo e análise de uma obra de arte, para o efeito de efetuarem uma recriação a partir de elementos representativos na obra dos artistas seleccionados, para o efeito.

Os conteúdos foram todos cumpridos, verificou-se interesse dos alunos no desafio do projeto de pintura, no entanto alguns demonstraram alguma dificuldade na compreensão na análise de uma obra.

Como estratégia, preparei demonstrações de descrição dos aspetos importantes na análise de uma pintura.

As estratégias usadas pareceram ser adequadas, pois estimularam o interesse pelo projeto a realizar.

No entanto tomando em consideração a dificuldades de alguns alunos, no seu acompanhamento, fora optado efectuar diferentes referências de análise de composições pictóricas, assim como de indicações de pontos de partida para a recriação de uma nova composição pictórica a partir de elementos recolhidos e interpretar novas soluções.

Data: 25 a 28/10/2011

Assunto: reflexão semanal unidade de pintura

Notas:

Objetivos: Demonstração de elementos importantes na construção do portefólio do projeto.

Esclarecer dúvidas

Foi tido em atenção para esclarecimentos de dúvidas em relação ao projeto em forma de discussão e esclarecimentos das etapas, do projecto. Explicada a importância e na organização em portefólio.

Continuação do desenvolvimento do trabalho do projecto artístico de pintura. Preocupação com a Análise de modos de interpretação das obras dos artistas.

Recurso estratégico, com a apresentação de uma descrição de análise de uma composição pictórica, neste caso de exemplo, feita a desmontagem da pintura da “Guernica”, de Pablo Picasso.

Explicação e signos usados, depurados os significados das personagens da obra, da sua carga simbólica, observados aspetos políticos e sociais vividos na época em que fora elaborada.

Esta apresentação foi feita no intuito de exemplificar um método de análise de imagem pictórica, que os alunos poderão optar realizar.

Optei por efetuar algumas apresentações que possam ser exemplo e um guia, sobre tipo de esboços/ croquis, com diferentes abordagens, de anotações de desenho para os esboços do projecto.

Optado efectuar esta apresentação, para contribuir para a motivação e percepção da importância dos esboços no ato do desenvolvimento das ideias.

Apoio na concretização da 1ª fase do projeto que envolveu no acompanhamento na investigação, análise das obras dos artistas, e na formulação das ideias na sinopse inicial.

Nas diversas abordagens que foram efetuadas sobre a análise das obras de arte com o intuito de recriar, foram o suficiente estimuladoras e esclarecedoras para os alunos, apesar de se notar que nem todos as seguirem.

No aspeto de minha atuação nas apresentações sobre os temas das apresentações, fora com algum nervosismo, que foi melhorando com o decorrer das aulas.

Data: 01 a 04/11/2011

Assunto: reflexão semanal unidade de pintura

Notas:

Objetivos: desenvolver durante a 2ª fase do projecto, incidir nos estudos e esboços resultantes da análise das obras:

Elaborar dos vários estudos cromáticos e técnicas;

Adaptar suportes (bidimensionais) e técnicas à composição definida;

Realizado:

Acompanhamento de desenvolvimento de esboços preparatórios da composição pictórica, do projecto de pintura.

Acompanhamento aos alunos no desenvolvimento das experiências pictóricas, de possíveis técnicas a utilizar - do projeto de pintura.

Acompanhamento individualizados aos alunos. Visualização de filmes de exposições e trabalhos da artista Lourdes de Castro.

Visualização de apresentação de tratamento em desenho dos esboços.

Estratégias: Através de exemplos demonstrados e a explicação de como outros artistas efetuaram estudos experimentais, para os alunos desenvolverem os vários estudos preparatórios, a partir dos elementos recolhidos nas obras dos artistas, com acompanhamento do professor. Experimentar as possibilidades de novas composições pictóricas nos esboços, e das técnicas. Mostra por livros de diversas técnicas a explorar.

Data: 08 a 11/11/2011

Assunto: reflexão semanal unidade de pintura

Notas: __

Os objetivos da 2ª etapa: Elaborar vários estudos cromáticos e técnicas;

Adaptar suportes (bidimensionais) e técnicas à composição definida;

Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação bidimensional;

Estes objetivos são os que foram potenciados no desenvolvimento do projeto artístico, sendo os iniciais desenvolvidos no diário gráfico, e depois para suporte de próximo da dimensão pretendida para o trabalho final, com experimentação de várias técnicas, para definir a que mais se adequa.

Nesta fase decorre um contínuo desenvolvimento de esboços preparatórios da composição pictórica, com a experimentação de técnicas. Sendo dado um acompanhamento individualizado nas técnicas, que os alunos foram optando usar.

Verifica-se algumas dificuldades no domínio de algumas das técnicas, pelo que foi dado como recurso alguns livros exemplificativos de diversas técnicas, assim como explicação de alguns detalhes no uso nas diversas técnicas de pintura.

Terminar dos estudos preparatórios, a partir dos elementos recolhidos nas obras dos artistas, com acompanhamento do professor.

Data: 15 a 18/11/2011

Assunto: reflexão semanal unidade de pintura

Notas: __

Objetivos: Adaptar suportes (bidimensionais) e técnicas à composição definida

Desenvolver técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto artístico -
Pintura

Realizado: Esclarecimento das restantes etapas/ fases do projeto artístico. Acompanhamento no início da intervenção pictórica em tela.

Participação na Palestra com artistas convidados, sobre o tema dos Afetos nas Artes.

Estratégias: Proposta da elaboração de 1 a 2 frases sobre os afectos/ intenção na interpretação da composição pictórica. Numa perspectiva e preparação para a palestra sobre os Afectos na Arte.

Com a realização da Palestra sobre os Afectos na Arte, apresentado por Artistas convidados a discutir o tema. Assim como acompanhamento em confraternização em aula, numa troca de impressões dos trabalhos das composições pictóricas dos alunos, em que alguns deles realiza interpretações sobre obras desses mesmos artistas.

Data: 22 a 25/11/2011

Assunto: reflexão semanal unidade de pintura

Notas: _

Objetivos: Adaptar suportes (bidimensionais) e técnicas à composição definida

Desenvolver técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto artístico - Pintura

Compreender no ponto de vista dos artistas a obra de arte;

Conhecer conceitos e vocabulários específico das artes visuais;

Realizado:

Acompanhamento aos alunos nas duas fases finais, da execução da pintura em tela.

Acompanhamento individual aos alunos.

Análise dos trabalhos já terminados. Verificação do espaço a expor e de materiais de exposição.

Acompanhamento da preparação dos portefólios

Estratégias:

Acompanhamento individual aos alunos. Incentivo na boa preparação dos portefólios.

Apresentação sobre os conteúdos de um portefólio de projecto. Demonstração de exemplos de portefólios.

Reflexão:

Aplicação das estratégias de acompanhamento aos alunos surtiram bom efeito, na realização do projeto e na elaboração do portefólio, contemplando as fases de pesquisa, análise, esboços, caminhos seguido, sinopses, fotografias do processo e conclusões finais.